Todos os direitos reservados.  
  
*Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.*  
*Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.*

Revisão de Texto: Daiana S. Araujo  
Capa: Daiana S. Araujo

**Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa**

Contos de Serith

Canções de guerra

2020

Daiana S. Araujo

Muitas histórias são contadas a partir de fatos ou mesmo baseadas em fatos. Eu estou aqui para contar a história de Serith; mas, como toda boa história, esta precisa de um título adequado para dar ao leitor a chance de imaginar o que estará por vir, não?

Porém, não é uma história comum, meu caro leitor.

Deixarei que descubra por si mesmo, afinal, manchar as primeiras páginas do livro de sangue não me tornaria uma boa narradora, então aproveite até a carnificina começar.

Agradecimentos

Essa parte já foi escrita e reescrita diversas vezes, afinal, o livro demorou mais tempo do que eu desejava para ser finalizado, mas uma coisa permanece: agradeço ao tatu que sempre me apoiou nessa jornada e me instigou a continuar e ter diversas ideias malucas, Bruno. Acredito que você foi a pessoa que mais contribuiu para o término deste livro.

Prólogo

Muitas histórias são contadas a partir de fatos, ou mesmo baseadas em algum ponto da realidade que deve ter-se perdido no tempo. Eu estou aqui para contar a história de Serith que, como toda boa história, precisa de um título adequado para dar-lhe a chance de imaginar o que estará por vir, não? Porém, esta não é uma história comum, meu caro leitor.

Deixarei que descubra por si mesmo, afinal, manchar as primeiras páginas do livro de sangue não me tornará uma boa narradora, então aproveite.

Até a carnificina começar.

Se não me falha a memória, tudo começou no meio de um inverno apelidado carinhosamente de rigoroso, mas que, na realidade, era um *inferno* pintando tudo de branco.

Vamos, imagine: uma terra cheia de montanhas sombrias, projetando suas titânicas sombras em uma cidade tão grande quanto elas; cheia de casinhas não muito modestas de até três andares nas extremidades, como enfeites de algum bolo requintado. À medida que vamos avançando para o centro, as casinhas (não tão) humildes se transformam em grandes, enormes e gigantescas mansões. Isto é o que podemos chamar de burguesia de Lyenis, a capital do território vampírico. Uma terra onde até mesmo os mais humildes têm ouro em abundância.

Enfim, vamos parar um pouco a narrativa para explicar uma coisa: o tempo em Serith não é bem definido como nós o observamos hoje. Uma palavra adequada seria 'espontâneo'. Houve primaveras que duraram anos, outonos que chegaram e vieram com a mesma rapidez com que tomamos banho, verões que não se demoraram muito e invernos que se recusaram a ir embora, mas este... Este estava perdurando por doze anos seguidos, e era de longe o mais rigoroso que os serithenos já haviam enfrentado.

Os lyenos que o digam, coitados, em mais de 3000 anos nunca deixaram de ser os mais prejudicados com aquele frio extremo. Embora a Montanha de Dakar os protegesse um pouco das nevascas, não havia muito o que pudesse ser feito para abrandar a sensação de congelamento com a qual conviviam constantemente.

O comecinho, talvez o ato de maior importância que desencadeou os acontecimentos seguintes, provavelmente tenha sido consumado naquele jantar. Qual? Aquele que o príncipe da nobreza vampírica quis homenagear seu mais recente general, Deniel, por ter ganho mais uma campanha.

Octavio sempre gostou de dar esses jantares, de se exibir, mostrar para todos os requintes de sua luxuosa mansão. Naquela noite não foi diferente, a mesa de cerejeira escura resplandecia de excêntricas comidas, porque, caso esteja se perguntando, vampiros não bebem apenas sangue. Este é um boato maldoso.

Todo o ambiente ao redor tinha um ar gritante de "sou caro e nem que você trabalhasse a vida inteira e vendesse sua alma poderia encostar seus dedos sujos em mim", o que oprimia o jovem general de origem relativamente humilde. Sentado em seu lugar, distante de todos, escondido embaixo de uma franja de fios loiros, Deniel parecia mais que deslocado e, acima de tudo: *inapropriado.*

Como ninguém prestava atenção nele ou puxava conversa, ele se pôs a observar as outras três figuras sentadas à mesa. A mais chamativa era uma garotinha de cabelos vermelhos muito curtos e olhos estranhamente escuros, mas não do tipo 'irís negras' e sim todo o globo ocular, que portava-se com muita delicadeza e reserva à mesa. Deniel chutou uns 14 anos, já que nem tinha peitos nos quais se pudesse reparar. Ao lado dela permanecia outra figura curiosa que era impossível distinguir como homem ou mulher. Vestia um capuz negro que cobria até sua boca e nada ficava de fora.

Nosso terceiro personagem trazia consigo dois guardas 3x4 (3m de largura por 4m de altura) que se agigantavam ao seu lado como colunas de mármore. Ambos tinham orelhas fofamente pontudas, características dos elfos, mas a fofura acabava em rostos sérios de quem foi treinado para o combate e nada mais.

No meio deles estava uma figura que irradiava arrogância e pretensão: o Rei élfico, Oberon.

— Acho que já é uma hora adequada para um brinde, não? —Octavio proclamou sorridente do outro lado da mesa.

Os três ocupantes acenaram em concordância.

— E então, Deniel? Como foi a campanha contra as Garras? —Oberon perguntou, por trás de sua taça de cristal draconiano que reluzia com um vinho adocicado.

O general pigarreou e *flashs* do campo de batalha, enfrentado há apenas duas semanas, passaram por sua mente. Ele nem sabia como começar.

— Mais sangrenta do que esperávamos, Majestade. —agora todos o estavam encarando— Tínhamos recebido informações de que alguns lupinos rondavam as extremidades leste e oeste de Lyenis, então decidimos reforçar as fronteiras, dois dias depois um mensageiro nos informou aos gritos que uma divisão inteira deles estava vindo na nossa direção e outra se aproximava do limite leste. Não havia tempo para chamar algum reforço, então os combatemos com uma óbvia desvantagem numérica. —ele fez uma pausa, recordando-se de seus amigos estripados pelas garras afiadas dos lupinos— Foi a primeira vez que vi tantos deles em suas formas bestiais... E lhes garanto que não quero ver de novo.

Oberon soltou uma baixa risada de escárnio.

— Um general da Guarda Real com medo de alguns homens-lobo com garras afiadas? Oras, isso é vergonhoso.

Deniel abriu a boca para defender seu orgulho, mas foi a garotinha de cabelos cor de fogo quem falou. Pela primeira vez durante o jantar.

— Majestade, creio que nunca esteve na frente de batalha, menos ainda em uma guerra, e é ignorante quanto às habilidades lupinas já que não se recorda que, na forma bestial, eles superam a força vampírica com uma facilidade humilhante. Aliás, se não estou enganada... —o primeiro esboço de emoção surgiu em seu rosto na forma de um sorriso sarcástico— Eles fatiariam seus pequenos elfos com a mesma facilidade de uma folha de pergaminho.

A sala inteira esfriou com a tensão, menos o príncipe Octavio, que sorriu diante das frias palavras da ruivinha.

— Lady Yz’ra, sempre um poço de delicadeza. —suas palavras saíram divertidas.

Oberon tossiu, ruborizado de raiva ou vergonha, vá saber. Endireitou-se na cadeira e ensaiou um sorriso.

— Não é questão de ignorância, Yz’ra... —ele tossiu novamente— Perdão... Lady Yz’ra... Não é que eu seja ignorante, sei das capacidades daquelas bestas, só acredito na superioridade intelectual dos vampiros.

*Yz’ra?* Deniel pensava, já esquecido novamente. *Esse é o nome daquela...* Ele interrompeu sua linha de raciocínio porque, assim como todos os serithenos, tinha certo receio até de pensar na maga que todos chamavam de *Rainha Negra*, o que eu considero um trocadilho inteligente, considerando que o território ao qual pertencia era chamado de “Lado Negro”, você deve querer saber por que, mas isto é outra história para mais tarde, não podemos deixar esta se perder de seu rumo.

A pequena ruiva ponderou.

— Os vampiros têm cerebros privilegiados. Eles têm garras afiadas.

Octavio riu novamente, observando atentamente aquela pequena discussão.

— Montando estratégias eles podem vencer qualquer um. —Oberon defendeu.

— Não se antes forem partidos ao meio, porque não podemos esquecer da rapidez que os lupinos possuem. —Yz’ra atacou.

— Sabem que até hoje me pergunto o que Ofélia deu àqueles soldados? Pelos deuses, eles parecem demônios! —Octavio digavagava, falando mais pra sua taça de vinho que pros convidados.

— Nas minhas poucas visitas à Redoma, ouvi boatos de que Sah’mira havia simpatizado com a causa de Ofélia. —disse Oberon, enfadado e sentindo-se derrotado pela ruivinha.

Deniel apenas ouvia em silêncio. A figura do seu príncipe ele obviamente conhecia, a de Oberon também, já que não se falava em mais nada a não ser a aliança entre Lyenis e o Vale Verde. Mas a daquela pequena ruiva era desconhecida para ele, e cada palavra a mais que ouvia só confirmava suas receosas suspeitas.

— Sah’mira simpatiza até com uma pedra, se a cor a agradar. —rebateu o príncipe, entediado— Só de lembrar das reformas que ela me fez fazer por achar que minhas termas estavam "degradando a natureza"... Juro pelos deuses, se aquela maga infernal continuasse falando sobre a natureza, eu iria degradar a cara dela!

Deniel não riu, também não tinha muita graça em zombar assim de uma das Três. Explicando de uma forma resumida e menos chata: as Três eram as magas mais poderosas de Serith, tipo, as fodonas mesmo. Havia Reyl’la, a maga material famosa pelo seu controle do tempo e espaço e pelas belíssimas fortalezas impenetráveis que construía. Sah’mira, a maga mais bondosa que cuidava de todos os assuntos que envolviam a natureza (porque era uma maga elemental). E aquela que muitos evitavam mencionar: Yz’ra, a maga negra que vivia em isolamento até este presente momento, ao que parece.

Aliás, digamos que os magos negros não eram bem vistos em Serith, porque, para se tornar um, era necessário um altíssimo nível de trevas dentro de você. A maioria eram magos materiais ou elementais que caíam em depravação. No entanto, podiam falar qualquer coisa sobre eles só que uma coisa era clara: eram tão temidos quanto poderosos.

Yz’ra era a mais poderosa dentre eles, por isso era a “Rainha”.

— Não é muito desrespeito estarmos falando da sua colega desta forma? —Octavio estava falando com a ruivinha desta vez.

— Todos estão cansados de saber que a coisa para qual menos ligo são os magos da Redoma. —ela ergueu sua taça, mas a figura ao seu lado interveio, balançando a cabeça.

Só agora Deniel tinha reparado na aura sinistra que aquele ser emanava. Uma aura gélida, monótona, que fazia o jovem general relembrar seus piores e mais desesperados momentos. Era como uma farpa de gelo alojando-se em seu coração, suprimindo os bons sentimentos.

— Ah, a Redoma... Só a visitei quando criança, nem me recordo direito. —o príncipe suspirou— Já deve fazer uns... Quatrocentos e poucos anos, acho eu.

A Redoma era o ponto de reuniões importantes de seres mágicos como elfos, dragões, magos etc. Apenas a elite da elite. Não era um lugar muito usado, a última reunião quase resultou em guerra. Hoje, servia apenas de centro de estudos para magos.

— Não está perdendo muito. —a ruivinha disse, com ar enfastiado— Me era interessante até as três primeiras horas, depois tornou-se um tédio.

— Lady Yz’ra, ainda continua sua busca incansável por novos conhecimentos? Soube há pouco que tinha visitado nosso amigo escamoso Livigor. —o príncipe sorria maliciosamente.

— Isso não tem serventia alguma para você, Octavio. Estou apenas gerindo uma pesquisa independente sobre os campos mágicos ao redor das minas draconianas.

Oberon ajeitou-se desconfortável em seu assento.

— Ainda me parece muito suspeito travar negócios com uma maga negra.

A mente de Deniel deu um salto. *É ela mesma!* Repetia seu cérebro.

— Geralmente não me envolvo nas suas guerras patéticas, mas quero fazer um novo experimento. Vocês serem beneficiados foi um mero acaso. —ela rebateu.

— Um acaso bem-vindo, não é, Oberon?

O Rei Élfico concordou.

— Mesmo assim, parece que os magos negros podem fazer maravilhas, se você souber o que oferecer em troca...

— Não somos manipulados, Oberon. Nós manipulamos.

A frase saiu mais como uma ameaça do que qualquer outra coisa. *Ela está desafiando o rei dos elfos abertamente! Ela é louca...* Deniel pensava.

Com um movimento quase imperceptível, o ser ao lado de Yz’ra tocou seu ombro e murmurou alguma coisa inaudível que fez a ruiva levantar-se da cadeira silenciosamente.

— Estamos indo.

Foi apenas o que disse antes de um pequeno portal se abrir diante das duas como um espelho embaçado. Em segundos, já não estavam mais lá.

— Espero que tenha aprendido alguma lição aqui hoje, meu caro Deniel. —disse alegremente um Octavio meio bêbado.

— Perdão? —Deniel piscou— Que lição eu deveria aprender?

— Que magos negros não são aliados de ninguém. Nem deles próprios.

*1*

*Primórdios, as guerras de uma era esquecida*

*O cheiro de ferrugem impregnava o ar e se espalhava pelo horizonte rubro, um fim de tarde sangrento. Corpos de vampiros pulverizados e humanos despedaçados se empilhavam uns sobre os outros, sangravam sem discriminação de raça ou status. Eram iguais. Ambos estavam mortos. Tantas vidas perdidas... Pelo quê mesmo? Por causa dos doces olhos azuis de uma humana e o quente coração de um morto-vivo.*

*Por causa do amor.*

*O Rei Vampiro havia feito uma campanha de sucesso e conseguido exterminar brutalmente boa parte do exército humano*, *mas isso custou muitos soldados de sua Guarda Escarlate. Como mesmo que seres tão inferiores teriam conseguido matar dezenas da elite? Eles não tinham conhecimento das fraquezas dos vampiros e, ainda assim, vieram preparados com estacas de madeira e correntes de prata.*

*Quem teria lhes passado este conhecimento? Era o que o rei bradava a todo instante para seu conselho de guerra. Batia na mesa com tanta brutalidade que os cálices trazidos pelas criadas mais cedo despencavam e tilintavam no chão.*

*— Como foi que isto aconteceu? Me respondam, seus inúteis! O cão comeu suas línguas?!*

*Um dos conselheiros limpou a garganta e começou a falar, aos gaguejos:*

*— M-Majestade, acalme-se... Nós ire—*

*O punho real o interrompeu no meio da frase.*

*— Me acalmar?! Eu perdi mais de metade da Guarda Escarlate numa tarde, como acha que posso ficar calmo?*

*Do outro lado da mesa, o conselheiro se levantou de onde seu corpo aterrissara e cobriu a boca ensanguentada para esconder uma mandíbula partida e alguns dentes faltando.*

*— Majestade?*

*A voz firme de um soldado soou da porta da tenda e, ao receber a permissão para entrar, arrastou consigo o corpo de um jovem vampiro quase inconsciente.*

*— Mas o que está acontecendo aqui? O que houve com meu neto?*

*O soldado, contrariado, começou então a narrar o que havia acontecido: aquele jovem ensanguentado e vestido com farrapos era o motivo para o nervosismo do Rei.*

*— Ele encontrava-se escondido com uma humana que também capturamos. Foi fácil arrancar os segredos dela, mas tínhamos começado primeiro com ele. —o soldado cuspiu no chão, enojado— Vossa Majestade, este traidor passou para os humanos todos os segredos que conhecia e nossas fraquezas. Por causa* dele *tantos amigos meus morreram hoje.*

*Depois daquele dia, a sanidade do Rei abalou-se profundamente, mas isso não o impediu de fazer o que fez dias após o ocorrido.*

*Enquanto humanos e vampiros se enfrentavam, os lobisomens (aqui chamados de lupinos) se debatiam em suas correntes e uivavam aos vampiros que lhes aparecessem pela frente, se rebelavam contra seus donos e recusavam-se a "aceitar as ordens de uma raça que começava a cair".*

*Foram anos de escravidão e, naquele momento, eles viam que os vampiros não eram imortais como o resto do Reino pensava. Eles podiam morrer.*

*Eles* iam *morrer.*

*…*

*Foi bem quando o Rei dos vampiros deu o golpe final e dizimou milhares de paladinos e guerreiros humanos, que os lupinos se libertaram de suas correntes e refugiaram-se na Grande Floresta.*

*Era uma época de crise, onde a ameaça maior não era uma simples briguinha com o território ao lado, mas sim a segunda raça mais poderosa: os dragões. Soberanos Senhores do ouro e do fogo.*

*E quem seria a raça mais poderosa? Os magos. Mas, desde sempre, eles foram neutros e nunca se meteram em assuntos que não lhes diziam respeito. Desde que o Rei Dragão não lhes causasse problema algum, eles não interfeririam.*

*Dito isso, já sabemos que os vampiros, humanos e elfos estavam "sozinhos nesta briga" e que, por este motivo, aliaram-se contra o inimigo em comum.*

*O papel dos elfos era fornecer as armas, já que sua fama como forjadores de armas mágicas alcançava todo o Reino. Os lupinos estavam se recuperando e estabelecendo na Grande Floresta, tendo plena noção de que precisariam enfrentar mais do que alguns dragões irados. Já os humanos, esses não tinham muito o que fazer com os poucos soldados que lhes sobraram, então resolveram fazer algo impulsivo: pedir auxílio dos magos negros.*

*Sim. Eu sei que disse que os magos eram uma raça neutra, porém, os magos negros eram uma divisão à parte. Discriminados pelo reino, não participavam de quaisquer assuntos, fossem políticos, econômicos ou "sociais". Eles eram livres para viver suas vidas sem colocar seus dedinhos sujos e corrompidos no Reino.*

*Mas pouco se sabia sobre eles. Apenas duas informações estavam corretas: 1— eles eram poucos e 2— eles eram poderosos. Mas quão poderosos? O suficiente para derrotar os dragões?*

*Seria muita irresponsabilidade apostar no "sim", mas os humanos nunca foram conhecidos pela sua racionalidade...*

*Demorou algum tempo para conseguir reunir um número que fosse considerado suficiente de magos negros, logo eles estavam ao lado dos vampiros, preparados para morrer pela recompensa que lhes foi oferecida.*

*A aposta dos humanos se mostrou um grande sucesso e os dragões foram enfraquecidos e derrotados, mas a recompensa dos magos não veio, pelo contrário. A discriminação e o medo aumentaram. Que seres seriam esses? Capazes de derrotar toda uma raça tão poderosa e não receber punição alguma por parte dos outros magos da Redoma? Eles não podiam ficar livres por aí.*

*E então foram exilados no território denominado “Lado Negro”, mas, inexplicavelmente, mago por mago começaram a desaparecer até que só sobrassem dois: um mago primordial, com centenas de anos de idade e uma pequena maga negra de pouco mais que algumas décadas de idade.*

*Mas o mago também sumiu e a pequena maga foi a única no caminho da extinção total dos magos das trevas.*

*Ela cresceu, absorveu os conhecimentos deixados pelo seu mestre e foi em busca de mais. Chegou ao topo e exigiu que sua classe tivesse participação no Reino. Tornou-se uma das magas da Redoma, formando o que conhecemos como As Três.*

*Recrutou e treinou todos os magos com possibilidades de tornarem-se das trevas e, assim, ressuscitou sua classe quase extinta.*

*Mas essa história é dos primórdios de Serith, quando ela tinha pouco mais de 400 anos.*

*Três mil anos depois a história se repetiria, mas, dessa vez, os magos negros estarão de um lado diferente.*

*Do seu próprio lado.*

2  
Desconfiança

Já havia algum tempo que os seres de Serith notaram algo estranho acontecendo no céu. Não era uma mudança significativa, por isso, apenas aqueles que possuíam um alto nível de sensibilidade mágica podiam notar: o céu estava cada noite mais escuro, com menos estrelas, e a lua já não tinha tanto brilho como nas noites mais belas de Serith, onde era sempre cheia (mesmo continuando gorda e redonda bem no meio do céu). Até os raios prateados que se derramavam sobre a copa das árvores pareciam deixar suas sombras mais... Densas.

Alguns atribuíam este fenômeno ao clima tenso que estava se desenrolando entre as seis raças principais e seus sete representantes que, desde sempre, carregavam o orgulho acima de qualquer coisa, ameaçando eclodir uma guerra. Se bem que... Qualquer coisa poderia fazer esta tal guerra eclodir, considerando que a aliança dos vampiros e elfos com a maga negra Yz’ra havia-se consolidado e que isto era uma ofensa aos demais. Além de haver uma rivalidade monstruosa entre os Sete Reis.

— Alianças com magos negros já foram feitas no passado e não resultaram em nada bom. —Ofélia, a Rainha Vermelha (Rainha dos lupinos) se pronunciou primeiro, verbalizando aquilo que muitos pensavam— Na verdade, —ela continuou— apenas nos renderam um imenso ódio por parte dos magos remanescentes. Nós os traímos.

Alguns olhares tortos foram dirigidos aos representantes humanos presentes, pois, por mais séculos que se houvessem passado, milênios na verdade, o rancor das cinco raças restante não havia deixado de pairar sobre as cabeças dos humanos.

— Ofélia, de nada nos importa o rancor dos magos negros... Lady Yz’ra irá nos favorecer e—

— Favorecer? —Oberon meteu-se no meio da fala do representante vampiro (Octavio)— Ela nunca verbalizou estas palavras, meu amigo de presas.

Ah, sim! Eu me esqueci de contar o que se passa neste momento, que desatenta. Uma sessão com os sete líderes foi convocada por Ofélia, acho que tinha algo a ver com um boato sobre a aliança dos magos com o Território Negro, ou alguma coisa do gênero.

— Mas ela nunca disse o contrário. —Rebateu Octavio. Você certamente conseguiu sentir até um bico emburrado se formando, não?

— Está sendo ingênuo demais, Octavio. Yz’ra nunca particiou de nenhum conflito nesses milênios todos e não acho que agora irá. —Opinou Livigor, o Rei Dragão. Altivo, apoiando-se em sua espada longa, com a qual havia vencido tantas batalhas, tão diferente de seus antepassados.

Ouviu-se uma pequena risadinha, creio que tenha sido de Oberon.

— De qualquer forma, não é este o ponto dessa reunião. —Retomou Oberon.

— E qual é, mesmo?

Como sempre, o líder dos paladinos (uma das divisões humanas, como foi dito anteriormente) estava meio... Perdido. Mesmo com tantas batalhas ganhas, ele ainda conservava seu ar de irresponsabilidade e egocentrismo, algo que ficava evidente até na forma como sentava-se em seu posto. Largado e com as pernas apoiadas em algum lugar confortável (geralmente as belas coxas de uma serviçal).

— Ery, eu realmente gostaria que você tivesse mais respeito para com seu posto, é por isso que os humanos têm tão pouca estima entre as seis raças.

Novamente, alguns risos, mas, desta vez, apenas de sarcasmo. Todos sabiam o porquê de os humanos não terem respeito, mas ninguém verbalizava. Ery tinha um gênio muito forte e a frase de seu companheiro de raça, —Walt— (líder da divisão guerreira) só o fez rir secamente.

— Tão perspicaz quanto uma árvore. —Caçoou Octavio.

— Cavalheiros... Por favor... —Interveio Ofélia.

Aproveitando que o clima estava um pouco tenso, vamos falar sobre os sete representantes que ali se encontravam, mas, pra isso, precisamos começar pela bela arquitetura da sala: era totalmente feita de pedra; as paredes, o chão, a lareira. A maioria não precisava de nada parecido com aquela lareira enorme para aquecê-los, mas ela estava ali por causa das duas únicas exceções: Ery e Walt; paladino e guerreiro.

No centro da sala havia uma mesa de vidro, imensa e suspena no ar por magia, com sete cadeiras e sete espaços largos entre si. Nas pontas, sentavam-se Livigor e Octavio. O primeiro, a imagem da seriedade e honra, o segundo, a imagem do sarcasmo e ironia. Um comandante de patente elevadíssima e honra ainda maior, Rei de todos os dragões e o outro um pirralho mimado com um território inteiro como caixinha de brinquedos.

Na lateral direita encontrava-se a Rainha Ofélia, líder dos lupinos e uma das poucas mulheres ali presentes. Sua expressão era doce, mas endurecida pela pele amorenada e os longos cabelos vermelhos. Sempre que falava, era no intuito de acalmar os ânimos, mas todos sabiam que essa era apenas uma fachada. Provavelmente, era o que os outros falavam, tinha o cabelo vermelho para demonstrar sua verdadeira natureza: uma lupina cheia de ódio em seu pequeno coraçãozinho sensível à prata.

Ao seu lado, Oberon. Este, nós já conhecemos: o pequeno Elfo Rei de nariz empinado e orgulho maior que sua estatura. Seus guarda-costas 3x4 não estavam com ele naquele momento pois, na Redoma, não era permitida qualquer demonstração de hostilidade. Estava evidente o medo que ele sentia por isso, ou teria algum problema grave de tremedeira?

Na lateral esquerda sentavam-se As Três, que na verdade eram duas já que Yz’ra não estava ali. Ela nunca estava. Reyl’la, uma maga material centenária e Sah’mira, uma maga elemental um pouco mais jovem que a mulher de cabelos azul metálico ao seu lado (Reyl’la sempre foi extravagante, até a cor de seu cabelo era tida como estranha).

— Acho que deveríamos começar. —Sah’mira sugeriu, praticamente debaixo da mesa de tanta vergonha que sentia, acariciando uma mecha de seus estupidamente longos cabelos cor de cobre.

— Mira tem razão. —A intimidade com que Reyl’la falava de Sah’mira ainda incomodava muitos presentes.

— Aliás, ninguém me respondeu sobre qual era o propósito dessa reunião. —O paladino desleixado voltou a queixar-se.

— Erys, você é um caso perdido.

Alguns riram com o comentário de Walt.

— Bem, bem... Nossa reunião de hoje é sobre algumas alianças feitas por Lady Yz’ra com os nossos amigos Octavio, Oberon e Livigor.

— Creio que haja um equívoco aqui, Ofélia, eu, como Rei, não fiz nenhum acordo com uma maga negra, apenas dei permissão para que ela *estudasse* as minas em meu território. Não sei se todos concordam, mas seria estranho declarar guerra ou expulsá-la, considerando suas intenções pacíficas. —Defendeu-se Livigor.

— E seria um pouco... Extremo demais. —Octavio estava se mantendo silencioso agora que o assunto tinha chegado a um ponto um tanto tenso— Além de ser um motivo muito pequeno para uma reunião entre os Sete Reis. Já faziam uns 200 anos desde a última.

— Eu acho que não deveriamos falar sobre guerras aqui. –Murmurou Sah’mira, tal como alguns presentes, ela também se sentia incomodada com a simples menção da palavra guerra aos sete seres mais politicamente poderosos do Reino.

— Mas por quê? Guerras são assuntos interessantes. As estratégias maquinadas no calor da batalha, sob a morte de milhares de soldados enquanto seus generais, muitas vezes, as usam como vantagem… Fascinantes, fascinantes. –murmurou Ery, observando atentamente Oberon.

O clima tenso agora era paupável entre todos. Alguns olhares demonstravam ferocidade, ódio, alguns até vergonha.

— Sir Ery, não gostaria de um pouco de vinho? –Ofereceu Reyl’la, prestativa e sorridente.

— Claro, por que não?

…

O território negro era um lugar isolado do resto do reino. Tratava-se de uma imensa ilha cortada por montanhas escarpadas e pontiagudas, possuindo pouca vegetação, mas o bastante para assustar quem por lá tivesse algum negócio (a não ser os maus caráteres que procuravam se abrigar dos Sete Exércitos). Era rara, mas assustadora (a vegetação, digo), com árvores esguias e raquíticas, negras e ressequidas, mas que lutavam contra o clima dia após dia, mantendo-se de pé mesmo com os fortes redemoinhos de vento que as estapeavam diariamente.

Um lugar marcado por dor, sofrimento e exclusão, com vastas áreas de campos abandonados que não serviam para o cultivo. Este era um lugar onde ninguém ia com boas intenções ou por livre e espontânea vontade, onde ficavam os magos negros isolados junto com suas taxas de ódio e rancor. Em suma, um lugar feio, pobre e mal visto pelos outros, mas… Era pra lá que ela estava voltando.

Pro seu lar.

Diferente de quando partiu, não estava sozinha, sua pequena companheira estava consigo.

— Minha senhora, —ela iniciou— fiz o que me pediu e acabei encontrando duas dezenas de pessoas que se encaixavam nas suas exigências, de magos a paladinos. Alguns estão em seus respectivos territórios e outros se encontram dispersos por aí, procurando um rumo ou um trabalho.

— Muito bem. –foi a única resposta que ela conseguiu pelo resto do dia.

Silenciosa como sempre, a passos suaves e pacientes, ela adentrou seu limite dentro do território e, mesmo que tivesse atravessado aqueles muros tantas vezes, nunca deixava de elevar seus olhos para o alto e observar o imenso castelo de pedras escuras que era seu lar, apelidado carinhosamente de Fortaleza Sangrenta pelas rochas usadas para construí-lo serem de um vermelho escuro, quase negro como sangue depois de jorrar por uma garganta aberta.

Parecia uma construção muito velha que lutava contra o tempo há centenas de anos, mas nunca se deixara abater, apesar de tão frágil parecer.

Os tempos estavam difíceis, as pessoas, mesmo no território negro, estavam com receio de logo não terem mais o que comer. Pessoas essas que não tinham maldade em seus corações, mas que também não tinham dinheiro em seus bolsos. Ouro, jóias, nada disso fez parte de suas famílias há eras, então não podiam viver em seus territórios, pois, pessoas tão pobres assim eram consideradas inúteis e não tinham direitos (porque não podiam pagar por eles).

Serith, num dia bem distante, havia sido um bom lugar para se morar, com boas pessoas e ouro em abundância, mas a ganância dos Sete Reis roubara daqueles que não podiam lutar o direito de voz própria. E era pra *lá* que todos iam quando não podiam mais viver como seres vivos: o território negro. E era de todos eles que ela cuidava.

Mesmo não havendo muitos campos férteis, ela sempre dava um jeito de melhorar a vida de seus cidadãos. Querendo ou não, era uma Rainha também, embora o título não lhe agradasse nem lhe inspirasse importância alguma.

A Rainha Negra.

Dá até arrepio, não? Nos faz pensar sobre que tipo de monstro ela deveria ser, qual o tamanho que suas verrugas e dentes pontiagudos deveriam ter, mas… Um monstro não criaria vida, não daria vida a árvores ressequidas e infrutíferas. Monstros não se preocupam com esse tipo de coisa, então, vocês devem se perguntar, por que ela tinha o título de monstro? Simplesmente porque as pessoas eram maldosas e o preconceito era mais simples que o raciocínio. Mas ela não era um anjo também. Acho que, em algum momento, uma de suas magias desagradou o povo de Serith, algo assim. Mas ela se importava? É claro que não, seu nível de poder era grande a ponto de garantir essa… Esse… Como eu poderia descrever o exato sentimento?

Desapego. Sim, era isso.

Yz’ra não tinha apego por nada a não ser conhecimento, não o poder, mas o conhecimento. O poder era apenas uma consequência que ela não rejeitava, afinal, seu poder lhe permitia obter mais conhecimento de formas menos difíceis.

Menos difíceis, não fáceis.

Ah! Esse seria um ótimo momento para uma pequena história, não é? Uma história não tão antiga quanto as anteriores, não se preocupem.

Vamos lá, então. Voltar algumas décadas no tempo.

3  
A curiosa história de uma maga e um grimório

Algumas luas antes, Yz’ra estava entretida com alguns novos tomos antigos que encontrou na biblioteca da Redoma. Era uma coisa extremamente rara de acontecer, digo, não é como se a maga negra fosse muito sociável, principalmente com *aqueles* magos da Redoma, tão cheios de si e tão pomposos em seus *status* e hierarquias, e me refiro também aos tomos, literatura mágica de qualidade não era muito o que se encontrava ali já que os magos eram desleixados. Tratavam a magia como um sistema onde não se fazia nada a não ser subir de nível, um joguinho de poder. *Nojentos,* ela pensava sempre que os via de relance em suas saídas da biblioteca (não havia muito espaço para um círculo usado nas magias de teleporte, então ela deveria fazer isso um pouco longe dali).

Naquele dia em específico, seu humor estava um pouco mais azedo. Eram tomos antigos, raros e valiam pilhas e pilhas de ouro (não que ela cogitasse em algum momento vendê-los), mas eram inúteis para suas atuais pesquisas no território draconiano. Estavam bem organizados em pequenas pilhas sobre uma mesa de madeira lustrosa, onde Yz’ra depositava um após o outro, depois de verificá-los e ver que eram completamente inúteis.

— Procura algo específico, Lady Yz’ra? –era ela de novo, aquela maguinha material que estava em ascenção na hierarquia mágica e tosca dali.

Por algum motivo, nas raras visitas de Yz’ra àquele lugar, ela sempre tentava rondá-la e iniciar uma conversa, sem se abalar com o rosto inexpressivo da maga negra e com a sensação densa de poder que irradiava de seu corpo mesmo a metros de distância. Acho que a sede de poder e fama faz isso com as pessoas. Torna ela meio que… Suicidas.

— Não.

— Eu posso ajudar?

— Não.

Aquela maguinha não parecia nem ser digna do olhar inexpressivo dela, afinal, sua pesquisa era prioridade, uma maga desejando fama não lhe tinha nenhuma utilidade naquele momento. Quem sabe depois?

— Eu gostaria muito de ser útil, e tenho certeza de que acabarei sendo. É só me dizer o que está procurando. –ela ronronou, enroscando um de seus fios de cabelos azuis metálicos no dedo.

— Não me atrapalhe. –os tomos levitavam suavemente sobre sua cabeça enquanto ela os consultava.

— Mas… Eu quero ajudar! –fez um biquinho e debruçou-se sobre a mesa observando os tomos, todos os títulos lhe deram uma ideia de qual era o tema da pesquisa de Yz’ra— Continência mágica… Eu estudei um pouco sobre isso com meu mestre quando passamos pelos metais anti e pró-magia. Ele até me presenteou com uma versão original de *O ouro escarlate*. –os olhos de Yz’ra se voltaram para a maga— Ah, o conhece? Dizem que foi escrito por um mago negro muito famoso que desapareceu há séculos.

— Ainda o tem?

— O livro? –ela sorriu— Claro, foi uma herança de meu mestre, afinal.

— Gostaria de vê-lo.

— Não há problema algum. Viu? Eu disse que acabaria sendo útil. Mas um favor retribui-se com outro, não?

Lembram-se que eu disse que a sede de poder transformava as pessoas em suicidas em potencial? Talvez algumas buscassem mesmo a morte fria, lenta e dolorosa.

— Está tentando barganhar comigo?

— Longe de mim, estou apenas… Implorando por suas habilidades. Tem um problema que eu não consigo resolver sozinha e tenho certeza de que pode me emprestar suas forças rapidinho, coisa simples.

— Que ousadia. E o que é que deseja? –Yz’ra tinha achado interessante encontrar alguém que não se intimidava pela atmosfera negra que lhe rondava ou seu poder advindo das partes sombrias e abissais da magia.

— Apenas chutar uma pequena mosca do local que é meu por direito.

— Por apenas um tomo antigo? Se deseja tanto assim subir neste lugar, aumente suas apostas.

A maga engoliu uma saliva seca antes de falar com um risinho.

— Ah, claro, eu não estou despreparada. Minhas pesquisas no território lupino há alguns anos me renderam algumas descobertas impressionantes sobre as fontes ancestrais daquele lugar.

— Volte quando tiver algo mais que valha a pena.

E ela voltou. E continuou voltando e voltando. Sempre oferecendo algo mais valioso que o anterior, mas estava apostando no local errado: não era o valor, era o conhecimento que Yz’ra desejava.

Yz’ra não nutriu nenhum sentimento especial pela maga de cabelos azuis, mesmo que qualquer um tivesse se irritado e chutado ela e sua arrogância alguns metros de distância, mas também não a tomou como insignificante. Qualquer um que despertasse sua curiosidade não poderia ser chamado de insignificante, oras! A maga negra se perguntava sob quais meios a outra tinha chegado àquele lugar e o que a fazia desejar tanto subir, mas tinha uma vaga noção de que os meios não deveriam ter sido tão humilhantes já que sentia uma enorme quantidade de poder emanando daquela maguinha impertinente.

Ela era poderosa, mas sua mentalidade restringia seus poderes. Ela não sabia o que poderia fazer muito bem, apenas se virava com as poucas coisas que já tinha conhecimento sobre si mesma. Que história interessante para Yz’ra se encaixar, não?

Vários e vários dias se passaram até que a maga voltasse na biblioteca para trazer mais uma oferta para Yz’ra, no entanto, naquele dia seu sorriso estava ligeiramente apagado e seus olhos fundos, como se não dormisse há tempos ou estivesse deveras preocupada com algo.

Yz’ra presumiu que aquela empreitada era importante demais para ela.

— Olá. –disse num muxoxo.

— O que me dirá hoje? –perguntou Yz’ra, sem muito interesse, enquanto folheava um grimório antigo.

— Eu… —começou sem saber muito bem por onde— Eu ofereço meus serviços, senhora. Não tenho nada mais que possa lhe interessar e devo estar fazendo um papel muito ridículo, tentando contratar os serviços de uma maga negra, ainda mais a maior de sua classe. É só isso que me sobrou agora: meus serviços e favores.

Yz’ra ponderou.

— Eu aceito.

A outra ouviu com descrença, já que havia imaginado que seus serviços eram a coisa menos valiosa que poderia oferecer, mas sentiu-se imensamente grata e feliz pela aparente estupidez daquela que diziam ser a criatura mais temível de Serith, um monstro feito de trevas e exalando trevas, mas… Olhando assim (ela pensava), era só uma garotinha de cabelos curtinhos e vermelhos até que fofa, que não lhe chegava nem na altura do queixo.

Dada a facilidade com que tinha conseguido seu intento, a maga começou a imaginar se Yz’ra seria tão poderosa assim. *Olha essa aparência, que tipo de mago mantém seu corpo de criança depois de, sei lá, uns três mil anos?* Divagava. *Não acredito que foi com essa coisinha que andei me preocupando tanto, é só…*

— Mas há alguns outros termos. –complementou a maga negra, cortando não só a linha de raciocínio da outra como seu entusiasmo e arrogância crescentes diante do “triunfo”.

— E quais são? –murmurou, temendo ter de sacrificar algo que poderia diminuir suas chances de se tornar famosa.

— Todas as ofertas anteriores, um pequeno ritual e um favor que cobrarei quando desejar.

Yz’ra não sorriu malignamente como a outra imaginaria, não deu uma risadinha sádica nem ergueu a sobrancelha com um ar de “está vendo quem é superior?”, o que a intrigou tanto quanto assustou. Diabos! Era só falar o que ela queria, não precisava trucidar a paz e calma da outra maga.

— Eu acho que é um pouco demais, lady Yz’ra, estou sacrificando muita coisa em troca de pouca.

— Reylla, –a maga se arrepiou ao ouvir seu nome pronunciado pela outra, algo que a fez pensar que teria sua cabeça separada do corpo naquele instante, ou os braços iriam primeiro, ela não conseguia ter certeza— você decidiu apostar muito alto quando veio falar com alguém que tem mais que o triplo do seu poder, e apostou ainda mais alto quando tentou comprar os serviços desse alguém como se fosse um simples mercenário. O único motivo de ter-lhe dado atenção foi pelo divertimento de suas ações patéticas movidas por motivos ainda mais patéticos. E o único motivo de cumprir este pequeno pacto ao invés de apenas tomar-lhe tudo e matá-la é que será mais divertido vê-la se arrastando até chegar no topo.

Reylla assentiu como uma aluna ouvindo atentamente a lição de um mestre do qual tem medo. As palavras de Yz’ra não lhe causaram a impressão de superioridade (isso estava impregnado no ar ao redor da maga negra), mas sim a impressão de que, um dia, Reylla teria de pagar um belo preço pela sua impertinência e pela tal aposta mencionada. Mas, por aquele momento pelo menos, ela apenas iria aguardar que aquela pequena maga fosse esmagada para que ela pudesse sapatear sensualmente sobre seus restos enquanto subia os degraus de mármore até o Centro.

Dias e mais dias se passaram, Reylla aguardava ansiosamente. Não ousou perturbar Yz’ra em suas pequenas visitas, mesmo que não soubesse ao certo se ela havia aparecido novamente na biblioteca. Tinha medo de provocar a ira da maga e acabar com seus planos cedo demais, mesmo que nunca tivesse visto nenhuma emoção passando por aquele infantil e pálido rosto.

Dias. Meses. Ela já estava se cansando de esperar.

Até que…

Foi bem no início da noite, quando os últimos raios de sol estavam sendo estrangulados pelos raios lunares e o céu era uma profusão de cores vagando pelo cinza, se aventurando no roxo e acabando no laranja com toques avermelhados. Yz’ra gostava de observar aquele espetáculo enquanto caminhava. O lugar em que estava tornava também tal caminhada um pouco mais agradável: era uma casa não tão modesta de dois andares numa pequena colina de Elderon (a capital do território mago, conhecida também como Cidade da Magia).

Passou pelo pequeno portãozinho de ferro, delicado e ornamentado com alguns fios de ouro, tocando suavamente a maçaneta fria. Seguiu pela estradinha até a porta, onde uma mulher já lhe aguardava. Ela era alta, de sorriso gentil e tinha os cabelos da cor do luar que estava surgindo naquele momento. Era uma visão familiar para Yz’ra.

— Lady Yz’ra. –ela disse, curvando levemente a cabeça de forma respeitosa enquanto aguardava que a pequena ruiva entrasse, o que não demorou.

Estava esfriando.

— Devo dizer que sua visita me assusta ou seria indelicadeza demais? –a estranha comentou com bom-humor, sentando-se no sofá de frente pra Yz’ra.

— Indelicadeza maior é o motivo de eu estar aqui. –a maga respondeu, sentando-se também.

A outra riu.

— Eu imaginava, mas acaso não teria sido mais fácil não ativar minhas magias de defesa?

— Sim.

— Então…?

— Seria desonroso, mesmo que uma desonra a mais ou a menos não vá fazer diferença em minha reputação.

— Realmente, sua reputação não é algo a se orgulhar. Deseja algo? Eu estava preparando um chá antes de sua visita.

— Não, Sarah, desejo ser breve. –Yz’ra respondeu, já levantando-se do confortável sofá enquanto fazia gestos lentos e suaves com seus dedos pequenos.

— Certo.

A maga de nome Sarah também começou a movimentar seus dedos longos e ágeis, movendo os lábios no ritmo de feitiços agressivos, caminhando para fora de sua casa enquanto Yz’ra a acompanhava.

A primeira das quatro farpas metálicas que disparou contra a maga negra alojou-se um metro de distância da sua perna esquerda. As outras alojaram-se em cada ponto cardeal, criando um semiquadrado em torno de Yz’ra. Aquele era um metal que conduzia magia, como ouro conduz eletricidade, mas podia reter ou desviar tal magia de acordo com a vontade do mago material (apenas os mais poderosos tinham essa dominância tão forte). A magia de Yz’ra seria bagunçada e refletida contra ela dentro daquele semiquadrado, no entanto, Sarah esqueceu-se que os magos negros possuem todas as dominâncias: elemental, material e… Bem, a outra não vem ao caso.

Mas nenhuma delas foi utilizada para escapar da armadilha, não foi necessário. Um mago elemental pode utilizar o ouro para conduzir raios (que são eletricidade), mas não pode controlar o ouro pois é um metal e isto está fora de *sua* natureza, enquanto um mago material pode utilizar o ouro para conduzir tais raios e fugir, mas não pode fazer nada quanto a mover os raios. Sarah podia desviar, reter, canalizar ou conduzir magia de todos os tipos, mas não a de Yz’ra.

Suas pequenas farpas metálicas não podiam conter uma magia corrompida, semelhante a veneno, algo corrosivo para aqueles que nunca trilharam metade do caminho de um mago negro. E esta era uma das coisas assustadoras acerca dos magos negros: sua magia não era capaz de ser desviada, retida, canalizada ou conduzida. Quanto maior fosse, mais destrutivas seriam as consequências para quem tentasse e Sarah estava sentindo naquele momento.

Ela entendeu que não podia lutar do modo defensivo quando seu coração começou a palpitar incessantemente e seus ouvidos chiavam como se o sangue borbulhasse, então ela desfez as farpas e apressou-se em preparar outro tipo de ataque destrutivo de larga escala.

Sarah era a maga material mais poderosa dentro da Redoma, seu poder e suas pesquisas eram lendárias, mas, naquele dia, ela assustou-se diante de uma magia que nunca tinha estudado. Naquele dia, ela sentiu a dor que um mago negro carregava ao longo de sua imensa jornada. Naquele fatídico dia, ela perdeu e foi fadada a ter sua essência aprisionada dentro de um pequeno grimório de aparência simples, porém, as coisas com que Sarah passou a conviver faziam daquele pequeno grimório uma coisa deveras assustadora, algo a se temer, uma represa de magia perversa prestes a transbordar.

E seu rompimento só dependia da vontade da portadora dele: Yz’ra.

4  
A essência do mundo

Você, de certo, já ouviu falar na palavra “essência”, não?

Já refletiu sobre o que ela fala ou o que significa? Não? Então vamos falar um pouco dela já que Serith é completamente repleta de essências!

Nenhuma das raças possuía uma essência igual, com o mesmo cheiro ou a mesma cor. Cada uma delas era única e condizia com sua natureza: a essência dos vampiros era vermelha e translúcida, mas isso dependia de quanto tempo fazia que tinham se alimentado; a essência dos magos era colorida e brilhava suavemente porque sua afinidade com a magia era imensa; a essência dos dragões era prateada como o luar; a dos elfos era verde como grama fresca e possuía alguns tons dourados; os lobisomens tinham uma essência azulada e os humanos… Bem, a essência dos humanos não podia ser vista por nenhuma raça, nem mesmo os magos. Ela não era translúcida, simplesmente não existia!

Alguns magos mais esnobes chegavam até a dizer que os humanos não podiam ser considerados nem formas de vida. Que tipo de ser não pode ter sua essência, sua fonte de vida e domínio da magia, vista por olhos mágicos? Nem mesmo os orcs ou trolls, que eram insignificantemente fracos, tinham esse problema. Até eles controlavam mais magia que os humanos, que coisa humilhante!

Era por isso que eles viviam confinados em seus territórios, onde as outras cinco raças inteligentes diziam que deveriam estar. Claro que, de vez em quando, se aventuravam em outros territórios, outros lugares, para provar o sabor da vida e de uma boa aventura, mas acabavam provando apenas o sabor amargo do preconceito e superioridade de um elfo (se dessem sorte) ou de um vampiro (se fossem extremamente azarados). Vampiros adoravam jantar humanos, já que eles tinham sangue de sobra e não faziam nada com ele, então por que não aproveitar? Jantar (ou almoçar, mas nunca comê-lo pela manhã, não era saudável) um humano dava aos vampiros cerca de seis meses sem se alimentar, e sem contar que o gosto era delicioso.

Em todo lugar há verdades que são melhores quando não ditas, mesmo que todos saibam que elas estão lá, espreitando para vir à tona e fazer alguma lágrima cair ou algum sorriso murchar. Os humanos eram cheios dessas verdades, cheios de coisas com as quais conviviam, mas não enfrentavam. Uma delas era a escravidão que assolava a parte leste do seu território. Walt já tinha levado essa questão para uma reunião com os Reis, mas nunca foi levado a sério. E por que seria? Eram aqueles reis que permitiam seus aristocratas, magos de alto escalão, elfos sádicos e lobisomens entediados fazerem qualquer tipo de uso dos pobres humanos. Seus corpos eram aproveitados para fazerem faxinas em castelos enormes, ou servirem de cobaias em descobertas ou testes estranhos, ou mesmo seu sangue era utilizado como fonte de alimentação e poções.

Os humanos apenas se mantinham em seu território, isolados, com medo de serem os próximos a servirem no castelo de algum aristocrata ou ter sua garganta cortada para servir de refresco a alguém. Não pensavam muito no assunto, de que adiantaria? Suas armas não funcionavam contra as outras raças e nem a própria geografia do lugar os ajudava de alguma maneira. Eram imensas, gigantescas, porções de terra cercadas de campos, férteis ou não, rios, matas e alguns poucos vilarejos. Era o maior território, e o mais inútil para todos os outros seres: não havia metais preciosos, minas, locais propícios para magia ou algo do gênero… Não havia nada que os fizesse desejar aquele lugar.

Era isso que mantinha todos os patéticos humanos a salvo.

Mas eles mesmos entravam em conflitos com os de sua raça de vez em quando, ou mesmo com algum *forasteiro* (era assim que chamavam os seres que adentravam o território, fosse de que raça fosse).

Naquele dia, um *forasteiro* havia chegado na vila onde Eleen morava novamente. Era o terceiro numa lua só, um recorde para sua taverna apertada (porém sempre limpinha).

Limpando as mãos num avental de tecido encardido, ela aproximou-se do forasteiro e lhe deu um sorriso gentil e caloroso que muitas vezes era o motivo para homens irem àquele lugar. Isso e a torta de carne de porco que era divina.

— Seja bem-vindo, senhor, o que deseja? –ela não sabia que raça era aquele grandalhão, mas não se deixou intimidar.

— E por que você acha que tem alguma coisa aqui que eu podia querer?

O ambiente já estava tenso. Os humanos sentiam o cheiro de magia exalando daquele cara e não queriam se meter com ele, o medo era maior que a admiração que sentiam por Eleen.

— Por que o senhor não me diz o que deseja? Veremos se podemos ajudá-lo. –mais um sorriso.

— Deixa eu pensar… —ele sorriu mostrando presas pontudas e afiadas. *Um vampiro,* pensou Eleen com horror— Eu quero uma boa puta, será que tem uma por aí? –disse encarando todos os arredores, como se procurasse mesmo a mulher.

— Há um bordel na esquina, senhor, o preço é bom e as mulheres-

— Eu quero agora, não depois. –ele sorriu de um jeito estranho— Acho que você serve.

Eleen nem mesmo foi agraciada com a chance de esconder seus seios desnudos quando o forasteiro lhe arrancou o espartilho fora tão agressivamente que as marcas de unha ficaram gravadas da alvura de sua pele. Aliás, mais tarde, olhando-se no espelho, ela veria que as mãos nojentas daquele ser tinham ficado marcadas em suas coxas, cintura e todos os lugares em que ele havia rasgado sua roupa.

— Não há nada como uma boa puta humana. –ele grunhia enquanto a invadia ferozmente, ignorando o sangue quente que corria entre as pernas de Eleen.

Ao terminar, se abaixou e lambeu o sangue, enquanto todos viravam o rosto como se, dessa forma, pudessem ter menos culpa ou menos pesadelos com aquilo. Eleen não aceitou que a ajudassem a levantar, não aceitou que a olhassem com piedade, nem mesmo aceitou a mão amiga de um senhor de idade que dizia que iria vingá-la.

— Posso ter a honra de saber seu nome, senhor? –ela perguntou, sem se preocupar em esconder seus peitos fartos da vista de todos. Era uma preocupação ridícula dadas as ciscunstâncias.

— É Trartho. Eu estou hospedado numa pocilga há uns metros daqui se quiser repetir a dose, venha me ver.

Eleen sorriu.

— Sim, senhor, eu irei.

Ela não mentiu.

…

A porta abriu-se silenciosamente depois que ela recebeu a permissão de entrar.

— Então você veio mesmo. –grunhiu novamente o vampiro— Essas putinhas humanas gostam de serem fodidas com força, não é?

— Sim, senhor. Temos um desejo forte de estarmos sob o poder de alguém como o senhor. Tão forte e imponente.

— Chega de bajulação, vá logo tirando esses trapos.

Eleen fez um gesto suave com a cabeça, sempre sorrindo gentilmente.

— Me permite fazer uma dança para que possa agradar seus olhos? É muito comum e os homens gostam bastante.

— Desde que seja rápido.

— Mas, por favor, senhor, tire suas roupas.

Vampiros são velozes, muito velozes, então as roupas foram embora tão rápido que Eleen apenas pôde piscar uma ou duas vezes. Observou a pele dele por um instante; era pálida e veias azuladas apareciam aqui e ali, muito repulsivo para parecer atraente, mas o charme que exalava dele poderia ter feito sua tarefa menos desagradável, mas não fez.

O vestido era um pouco justo, evidenciando os movimentos que seus quadris iniciaram lentamente. Logo seu corpo também se movia naquela dança sensual, complementada por erguidas do vestido aqui e ali. Ela começou a desmanchar o laço que prendia seu espartilho, mas virou-se de costas quando seus peitos fartos estavam quase pulando pra fora.

Trartho desejou muito ter visto mais daqueles peitos tão branquinhos. Mas aquele foi seu último desejo.

Ou talvez o penúltimo, já que, antes de uma adaga atravessar sua garganta com tanta força que enterrou-se até o cabo, ele desejou nunca ter passado naquela maldita taverna e amaldiçoou-se por estar sufocando com o sangue dos humanos que tinha sugado mais cedo.

Ele também nunca soube como morreu. Apenas sabia que tinha sido de uma forma bastante estúpida.

Quando o dia amanheceu, a dona da hospedaria estranhou que o forasteiro não tenha vindo bagunçar as coisas como de costume, então subiu as escadas e bateu na porta. Ninguém atendeu e ela precisou de mais alguns dias para encontrar o cadáver do vampiro cujo não exalava cheiro algum, mas havia deixado pra trás fibras e pedaços de carne putrefata agarrados em um esqueleto de ossos ressequidos. A senhora não gritou, apenas fechou a porta silenciosamente e informou ao seu sobrinho que, e tudo isso com um sorriso, havia uma limpeza para fazer no andar de cima.

5

Um conto de bardo

Muitas histórias são escritas com sangue e suor, outras são cantadas sob uma cacofonia de gritos e pedidos de clemência; algumas poucas, carregadas em peles queimadas e cicatrizes horrendas. Mas ainda existem aquelas que são omitidas, escondem-se atrás de todas as anteriores e nem o olho mais observador consegue achá-las.

Eu vou-lhes contar várias dessas histórias.

Vamos começar por uma noite chuvosa, cheia de raios e trovões cruzando o céu de um azul quase negro, sem nuvens e ameaçador como um presságio de morte enquanto os pingos açoitavam telhados e vegetação indiscriminadamente, e açoitavam também aquele estranho indivíduo caminhando no meio de uma tempestade de verão –geralmente as mais fortes de Serith.

Caminhava sem se preocupar com o vento assoviando em seus ouvidos e o empurrando para trás, impedindo que seguisse seu caminho com a rapidez que desejava, embora nem ele mesmo soubesse para onde estava indo e nem por quê tinha tanta pressa e nem mesmo conseguisse preocupar-se com algo, porque havia meses que era atormentado, vivia sob um teto de medo e desespero, confusão. Talvez só desejasse fazer algo, se movimentar, impedir que sua mente voltasse naquela fatídica noite, naquele eclipse e, principalmente, no cenário em que acordou no dia seguinte.

Mas é claro que traumas não nos deixam em paz por tanto tempo, eles sempre voltam para trucidar cada pedaço de sanidade que nos resta até que não sobre nada. Luccos sabia bem disso, ele estava lutando contra seus traumas naquele momento. Estava mesmo? Oras, nem ele mesmo sabia. Ultimamente, como puderam perceber, ele não sabia de muita coisa, estava apenas deixando a maré levá-lo, como gostava de falar sua namorada.

As lembranças que tinha com relação a ela eram sempre agradáveis, cheias de sorrisos e piadas internas, cheias de campos, corridas ao luar e aromas de comida recém feita, até…

Até o dia em que sentiu o corpo destroçado e sem vida dela em seus braços e soube, sem dúvida alguma, sem titubeio algum, que as tripas dela ainda estavam em suas garras e o sangue dela permeava sua boca. Mais tarde, voltando àquela cena, ele se perguntaria onde estaria o coração de sua amada e se ele o havia comido. O mais estranho era que essas perguntas não eram advindas do trauma, mas sim de uma necessidade de autopunição que ele sentia por se achar tão burro a ponto de acreditar naqueles humanos imbecis, embora tenha sido um deles. A morte de sua família e de todos que amava era culpa de sua burrice, pensava ele, então iria se punir até o resto de sua nova existência (porque ele não vivia, apenas respirava).

Ergueu seu rosto molhado para o céu tempestuoso e apenas ficou ali, sentindo-o cada vez mais úmido. Tantas vezes antes, aqueles olhos perscrutaram o céu cheios de esperança, cheios de vida, agora parecia que a morte grudara-se neles. O azul tão vívido, mais azul que o próprio céu, sempre brilhava. Agora parecia refletir a escuridão ao redor, quase negros.

Seus olhos perscrutaram o lugar em que estava; um campo seco e de poucas árvores se estendia até onde sua visão aguçada permitia. Ele rosnou.

*Maldita visão aguçada. Maldito olfato insanamente aguçado. Malditos sentidos apurados!* Até mesmo quando sua mente não voltava nas lembranças, seu corpo o lembrava do que era agora e do que tinha sido. Era impossível esquecer.

Era impossível conviver.

E ele sabia que estava ficando louco, mas, antes de enlouquecer completamente, iria encontrar aqueles malditos e fazê-los pagar por tudo que ele viu, ouviu e viveu desde aquela noite. Por ter sua vida destruída e pisoteada. Ele nem se lembrava mais como vivia na antiga vila que nascera, nem se lembrava mais dos vizinhos simpáticos que possuiu um dia. Perguntava-se constantemente se havia sido escolhido ou se era apenas mais um pobre coitado no meio daqueles que foram levados (porque ele se lembrava nitidamente de ver mais de 20 humanos consigo, na mesma masmorra).

Luccos também sabia que *eles* estavam atrás de sua humilde e arruinada pessoa, que também estavam caçando-o, por isso fazia tudo com a máxima cautela, embora tenha topado com um ou outro no meio de suas perambulações por Serith. Poderia dizer que este –a ameaça de ser pego- era o motivo para estar voltando para sua vila natal, mas não era totalmente verdade. Distorceria a história e não haveria graça.

O prólogo já foi contado, agora partiremos para outra pequena história, daremos um tempo a Luccos para ver que história interessante que ele irá nos mostrar em breve.

Era meio do dia e uma brisa suave soprava, lenta, preguiçosa, percorrendo todo o jardim em frente àquela casinha de forma até carinhosa. Quando Reyl’la adentrou na propriedade, a brisa não foi a única a tratá-la gentilmente.

— Você sabe que não há necessidade de vir aqui pessoalmente. –disse a mulher de cabelos longos e cor de fogo enquanto os lábios de Reyl’la separavam-se dos seus.

— Eu sei, mas quis vir.

— Os magos da Redoma e alguns do Alto Círculo já estão começando a comentar. –ela demonstrava tristeza em seu olhar.

Nos vários anos que Reyl’la conhecia aquela mulher, nunca a tinha visto mentindo ou sendo cínica. Era a criatura mais pura que conhecera.

— Já faz anos, Mira, se eles começaram a falar só agora é porque não devem ter mais nada pra fazer. –Reyl’la jogou-se numa cadeira enquanto apreciava o cheiro de comida no ar.

— Como fica sua reputação depois disso? Quer dizer, eles não aprovam que uma das Três exiba sua amante assim tão abertamente. –suas mãos apertaram a barra do vestido.

— Mas essa amante também é uma das Três, então não tem muito o que se reclamar. Pare de se preocupar com isso, Mira, apenas foque nas nossas pesquisas.

Reyl’la entretinha-se com uma maçã suculenta que estava no cesto à sua frente e fingia não notar o olhar triste de sua parceira. Era sempre mais fácil ignorar a dor dela do que dizer palavras acolhedoras. Aliás, Reyl’la não conhecia esse tipo de coisa. Ela sempre fora muito prática.

— Eu não devia estar ali, Rey. –era a décima ou centésima vez que a mulher ruiva falava aquela frase com uma convicção de quem sabe que é fraco e aceita isso.

— E por que não? Nunca vi uma maga elemental mais forte que você, até os velhos te elogiam.

— Mas meus talentos não servem pro combate. Minha irmã mais velha teria sido uma ótima representante dessa classe, ela tem a Calamidade.

— E ela é uma puta. –“Mira” sorriu brevemente- Prefiro que seja assim, doce e meiga, do que igual à sua irmã.

— Sabe que não importa o que diga, eu vou sempre pensar dessa forma. –mais um sorriso.

— Eu sei, mas já virou tradição que discutamos isso, não? Só estava honrando a tradição, Sah’mira.

Ouvindo seu nome inteiro, Mira entendeu que o assunto deveria se encerrar por ali, senão Reyl’la ficaria brava e o pequeno passeio que tinham planejado iria por água abaixo.

Não muito depois, as duas seguiram até o jardim e Reyl’la fez um círculo para magia dimensional, um teleporte rápido até sua mais nova pesquisa e descoberta.

…

O cheiro pútrido invadiu suas narinas antes mesmo de ela ver os corpos, ainda que não precisasse ver aquela pilha mais uma vez para lembrar-se de como a pele desgrudava dos ossos e apodrecia em montes separados no chão, ou como as bocas escancaravam-se com sorrisos psicóticos e larvas, insetos e outras infinidades de bichos se amontoavam nos restos de carne que haviam lá. Um dos cadáveres tinha a língua dependurada na boca e um pedaço carcomido com uma larva se debatendo na ponta.

*Não estava apodrecendo tão rápido desde a última vez que vim aqui.* Pensou Eleen, rodeando a pilha de corpos para que nem mesmo o cheiro encostasse em suas roupas.

— Você precisa dar um jeito na limpeza desse lugar, Sila.

Ninguém respondeu, mas ela sabia que ele estava lá, escondido em algum lugar da escuridão do aposento, enfiado em montes de livros ou apenas consultando alguns.

— Ah, Eleen, você precisa ver nossas novas aquisições! Tomos raríssimos e direto da Redoma! –a voz grave vinha de lugar nenhum na escuridão, mas estava tão animada e alta que reverberava pelas paredes de pedra e chegavam até ela estridente.

— Quem foi dessa vez? –sentou-se, estirando as pernas em uma cadeira surrada e de estofamento estripado.

— Acho que foi Clauz, ou Behedit, ganharam algumas escoriações por passar pelos feitiços de defesa, mas estão ótimos, respirando e saudáveis!

— Vão te ajudar na pesquisa? –ela se referia aos tomos.

— Com certeza!

Eleen não tinha pressa, gritar ou espernear não ia fazer Sila sair do seu refúgio sombrio de livros e prestar atenção nela. Ele era obcecado por livros, por tudo que tivesse folhas e escrita nele, sua fome de conhecimento era quase tão grande quanto seu desejo por comida. Eleen nunca achou aquele desejo saudável, mas era graças àquilo, àquela loucura genial, que ela tinha o que tinha e podia fazer o que podia fazer. Não culpava Sila nem lhe dizia o quão são deveria ser, ele tinha lhe dado mais do que ela seria capaz de pagar, então apenas ficava em silêncio.

— Amanhã você completa mais um verão, não é? –Sila perguntou, aparecendo finalmente à luz das tochas e se encolhendo. Ele odiava luz.

— Acho que sim, por quê?

— Já disse que não quero essas malditas tochas perto dos meus livros assim! –ele retirou duas tochas de seus apoios na parede e jogou pra longe das pilhas e montes de livros no chão- Estava pensando em te dar um presente.

Eleen deu uma boa olhada em Sila, em seus quase dois metros, em seus cabelos desgrenhados e olhos verdes, sua pele pálida e mortiça, seu lábio trêmulo e suas roupas gastas.

— Você? –ela era incapaz de falar mais alguma coisa diante de uma informação tão assombrosa.

— Sim, eu. Conseguimos recursos suficientes esses últimos dias, podemos gastar alguns *sois* folgadamente, então pensei em te dar algo. –sua voz soava magoada- Talvez não seja muito, mas não quero que esse dia passe despercebido. Faremos uma pequena festa.

Eleen encarou as próprias botas e refletiu. A tradição mandava que os pais cuidassem desses pequenos mimos para seus filhos, e que lhes dessem amor também, mas ela nunca teve pais, nunca foi criada por um único parente de sangue e nunca teve amor. Sila era novidade, cuidando sempre dela e lhe dando pequenos mimos de vez em quando.

— Não precisa. –disse sem graça.

— Não precisa, mas eu quero fazer. Nem sempre fazemos as coisas porque somos obrigados.

Ele passou por ela e lhe bagunçou os cabelos vermelhos, abanando o nariz para a pilha de corpos há metros de sua sala.

— Behedit! Venha já aqui limpar esses malditos!

Eleen riu. Talvez aquilo fosse o mais próximo de uma família que ela teria em toda a sua vida.

Talvez não. Ela só queria aproveitar enquanto podia, mas então lembrou-se do motivo pelo qual estava ali e seu sorriso apagou-se rapidamente.

— Sila? –quando ele voltou, ela já estava estendendo-lhe algumas folhas- Recebemos isso dos vigias do leste, parece que há uma criatura viajando pra cá num ritmo rápido, não sabemos o que é ainda, mas Tom acredita que seja um vampiro ou um mago.

— Mas nessa época? Estamos nas tempestades de verão, nenhum mago sairia com esse tempo, prezam demais as suas vestimentas mágicas. –ele analisava a folha distraidamente- E os vampiros são esnobes demais para gastar magia com chuva e vento.

— Bem, seja lá o que for, só pode ser um deles já que o fluxo que irradia é conturbado como o de um mago e tem cheiro de sangue como o de um vampiro. –a pergunta entalava na garganta de Eleen sempre que criava coragem para fazê-la.

— Hmm, interessante… -Sila deu a volta na mesa e pegou o surrado caderno onde fazia suas anotações.

— Sila… Você acha… -Eleen respirou fundo- Você acha que pode ser, sabe, um igual a mim? Acha que outras raças podem estar fazendo o mesmo que você?

Foram longos minutos de silêncio que se seguiram àquela pergunta, Eleen não ousou quebrá-los justamente por saber que nem deveria ter dito aquilo. Era a *pergunta proibida.*

— Já conversamos sobre isso e eu não gosto de repetir as coisas. –Sila respondeu, impacientemente- Infelizmente, minhas pesquisas ainda são vistas com maus olhos e eu sou apenas um mero humano, imagine seres de outras raças!

— Mas… I-isso é ingenuidade! É por eles serem de outras raças que têm maiores facilidades para esconderem as cagadas que fazem, Sila! Eles têm poder e riquezas, nós não temos nada!

— Vá checar isso, Eleen, e não volte até que tenha arrancado a última gota de sangue do que quer que seja aquilo. Não podemos deixar que sujem mais a nossa reputação e façam o que querem na nossa vila, nosso dever é proteger todos os fracos das garras dos fortes.

Com um fraco aceno de cabeça, Eleen saiu. Seus passos pesando mais que sua consciência, afinal, a palavra de Sila era lei.

6  
O fim do conto

A informação passada para Sila tinha viajado dois dias e meio, isso significava que a tal criatura já deveria estar no monte a alguma distância dos portões de entrada. Ela precisaria ser rápida se quisesse evitar que, caso houvesse algum confronto, algum cidadão inocente o presenciasse. Ainda tinha calafrios sempre que recordava a última vez que aquilo ocorrera, foi também a primeira vez que ela se questionou sobre a unanimidade das ordens de Sila. A primeira e última já que o homem lhe causava um fascínio gigantesco porque também lhe amendrontava enormemente.

*“Eu poderia matar se ele me ordenasse?”,* perguntava-se até aquele dia, quando uma menina de cinco anos presenciou a morte de um vampiro pelas suas mãos e Sila ordenou que a silenciasse para que sua pesquisa não fosse descoberta antes de tudo estar pronto. Eleen nunca se perdoou, mas amenizava a culpa dizendo pra si mesma que era pelo bem dos fracos que agora protegia.

*Besteira, um assassinato ainda é assassinato, não importa o motivo e o nome que se dê pra isso*, refletia em seus dias mais negros, aqueles em que questionava tudo e todos, menos Sila.

As divagações foram ficando cada vez mais intensas até que ela já se via distante da entrada da vila sem nem ter percebido como chegou ali e com os ventos cortantes e gelados de uma noite tempestuosa, mas ainda assim amena, ela sentiu o cheiro da criatura antes mesmo de vê-la, torcendo o nariz pois um cheiro familiar lhe acariciava o olfato. O cheiro de um homem que a muito não via e que amava profundamente, mas, mesmo com a alegria de voltar a sentir seu doce odor novamente, veio as lágrimas, ininterruptas e grosseiras, descendo sem governo algum, apenas o ódio que brotava na humana por lembrar-se que, algumas criaturas incorporavam parte do odor daqueles que… Devoravam.

— *Maldito*. –ela rosnou, já sabendo que enfrentraria um lobisomen jovem— *Eu vou estraçalhá-lo.*

Ela encurtou a distância entre os dois, aumentando a segurança do povo da vila no processo, enquanto já podia enxergar, mesmo numa distância impossível para olhos humanos, a silhueta magra do lobo jovem próxima de mais a cada segundo que se passava, porém, ele parou. Eleen não estava próxima o suficiente para enxergar seu rosto, mas sentiu um cheiro azedo de hesitação, não de instinto assassino, que era o que ela esperava.

Deu passos em sua direção, mas ele deu os mesmos passos para longe.

Mais um. Mais dois. Mais três. Até que estava correndo em direção à floresta e seria um inferno tentar encontrá-lo no meio de árvores selvagens e cheiros deveras exóticos para seu nariz superumano em desenvolvimento, então ela obrigou-se a correr também atrás dele, não podia perdê-lo.

Não se cansava fácil, mas ele era rápido de mais pra ela, uma simples humana. *Preciso usar a cabeça,* pensou em desespero.

— Por que está correndo? Eu não vou te matar ou coisa do tipo! –gritou por cima do zunido de galhos batendo em suas orelhas.

*Que coisa estúpida.*

Mas, apesar de Eleen querer matar-se pela burrice de ter conversado com o inimigo, pareceu ter dado certo já que ele diminuiu o ritmo até ela já estar perto o suficiente para ver seus cabelos negros soprados no vento da noite.

Eram conhecidos aqueles fios quase tão negros como a noite, assim como o corpo que viu caindo quando ele desmaiou.

— Lu… *Luccos*?

Chocada, irritada, confusa e com mais uma infinidade de sentimentos em sua cabeça, a ruiva pegou do jeito que pôde o corpo pesado de Luccos e rumou para as entradas subterrâneas do laboratório de Sila, que era, ela pensava, o único que se disporia a ajudar Luccos e *poderia ajudar*.

…

O caminho sem dúvida era pedregoso e tornava difícil progredir, mas era seguro. Não que ele precisasse garantir sua segurança quanto a estranhos, ladrões e emboscadores já que era um *deles*. Quem? Bem, os magos mais odiados do Reino: os magos negros. Como já sabemos, os magos negros são poderosos a ponto de assustar um reino inteiro, então não precisam temer alguns ladrõezinhos de beira de estrada, mas a questão não era essa.

Serith vivia numa época deveras tensa, onde até um garfo poderia iniciar uma guerra (e outras já haviam começado por menos, diga-se de passagem), mas a diferença era que, todos sabiam, toda e qualquer raça estava desenvolvendo armas eficazes contra as outras seis e não haviam amigos nem inimigos, já que declarar-se amigo de uma primeria raça o torna inimigo de uma segunda, além de ser visto como o estopim da guerra.

Este era o motivo de B ter escolhido um caminho tão difícil, mesmo podendo se defender: ele era um mago negro e sua existência queria dizer muita coisa, principalmente *caos*. Sob o manto de uma magia que suprimia seu poder, ele tentava progredir com seus estudos sorvendo conhecimento como um sedento numa fonte de água fresca e tal manto restringia muito suas magias efetivas, deixando apenas as deveras destrutivas em ativo, como último recurso apenas.

Ele parou para descansar embaixo de uma árvore e ergueu seus olhos rubros para o céu, onde um sol vermelho como fogo se punha atrás de nuvens violeta e azuis, era um espetáculo que qualquer seritheno parava pra admirar, não importando quantos anos possuía e quantas vezes tinha vislumbrado o fenômeno, mesmo que por alguns instantes, como B fez. Tirou sua bolsa de couro de cima dos ombros cansados e sentou-se à sombra de um grande ramo-de-fogo, uma árvore muito conhecida em Serith e muito usada em poções de cura.

— Ah, é mesmo, eu estou sem algumas poções. –murmurou consigo mesmo enquanto verificava suas poções e o estoque que ainda tinha, preocupando-se com as de cura usadas na vila passada, um local bem no centro do território élfico— Preciso repor urgentemente.

Arregaçou as mangas e começou a subir a árvore com destreza para pegar ramos e folhas e repor as ditas poções, porém, do alto, percebeu que uma silhueta se aproximava, não sabendo dizer se era feminina ou masculina. Havia ainda uns bons metros entre eles, mas B decidiu que era mais seguro e inteligente permanecer ali, em cima da árvore, e evitar qualquer tipo de conflito ou suspeita. Pressentia que coisas boas não iriam acontecer se ele descesse do ramo-de-fogo.

O sol já tinha se posto e a lua ocupara seu lugar imediatamente quando a figura apareceu à vista de B, misteriosa como da primeira vez que a avistou e, lenta e pacientemente, caminhava na direção dele e também da única direção na estrada que podia seguir se não quisesse entrar na floresta profunda. *Por isso demorou tanto, parece que tem todo o tempo do mundo pra chegar seja lá onde for,* pensou em desdém.

— Está aí em cima faz um bom tempo. Deve estar com fome. –soou uma voz de mulher. Baixa, doce o bastante para parecer muito jovem.

B quase caiu da árvore. Não tinha presença mágica e mesmo assim foi descoberto, o que o deixou intrigado e mais desconfiado ainda.

— Não, obrigada, eu sinto que não vai ser muito bom se eu descer. –*Deve ser um disfarce,* pensava.

Ela, ou ele (já que o mago supunha ser um disfarce) já estava embaixo da árvore quando levantou o capuz e revelou uma beleza frágil, pálida e deveras jovem, porém, seus olhos diziam outra coisa.

— Sim. –ela disse ao reparar que ele encarava seus olhos, espantado— Eu tenho o mesmo olhar amaldiçoado que você.

Eram negros onde deveriam ser brancos e totalmente vermelhos onde seria sua íris. *Olhos de um demônio,* pensou B, *mas um demônio bonito, muito bonito.*

— Olha, moça, não me leve a mal, mas meus encontros com outros magos negros não deram muito certo, teve uma vez que até tentaram me vender, veja só que maldade!

— E alguns galhos de árvore vão protegê-lo?

— Pensando por esse lado… —disse, sentindo-se muito estúpido.

Ao descer e ficar apenas alguns metros longe da mulher, percebeu que ela podia muito bem ser uma criança apesar do rosto maduro, já que tinha quase o tamanho de uma. Pequena demais para ser ameaçadora, porém, era uma maga negra e isso contava muito mais que o próprio tamanho.

— Território Negro? –ela perguntou, sempre com a mesma calma e paciência quase frias enquanto retirava uma maçã da bolsa e deixava visível todos os frascos que tinha, alguns que B reconheceu como sendo poções raras que exigiam muito do mago.

Os moradores do Lado Sombrio nunca se referiam a ele com estas palavras, mas sim Território Negro.

Ele engoliu o seco cuspe da garganta e pensou numa coisa muito feia que fazia constantemente.

— Sim, tenho assuntos por lá. –ainda que soasse amigável, o pensamento não lhe saía da mente.

Ela aproximou-se e lhe estendeu uma maçã.

— Pode tentar. –o encarou nos olhos de forma que nenhuma emoção passou pelos dois, mas B sentiu, ao ver dentro daqueles olhos demoníacos como os seus, que ela não era nem um pouco como ele, era mais perigosa e, de alguma forma, mais *antiga*.

Movimentos ligeiros de suas mãos e dedos ergueram uma barreira entre os dois e o selo, o manto, que restringia a magia de B foi desfeito, liberando uma onda de calor advinda de sua magia das trevas, queimando folhas e galhos de árvore ao redor. Era uma magia feita para *destruir*, por isso amaldiçoada.

Não sentia magia vindo dela, então pensou que havia algum manto de proteção sobre seu corpo também, mas o único manto do qual se livrou foi o que estava sobre seus ombros e, por alguns instantes, B se perdeu nas curvas sinuosas que a roupa revelava. Ele tentou atacá-la e deixá-la inconsciente para que não se sentisse tão desonrado em fazer o que pretendia fazer, mas não surtiu nenhum efeito a sua magia, cujo ricochete numa esfera azulada que protegia o corpo dela atingiu uma árvore e fez seus galhos murcharem de sono.

Sinta-se totalmente livre para interpretar esta frase.

— Moça, que fique bem claro que eu não quero conflito.

— Mas quer minhas poções e terá de lutar para ganhá-las. –ela ergueu uma mão e o calor de sua magia atingiu B no rosto antes de arremessá-lo numa pedra que, incovenientemente, estava entre ele e uma aterrissagem segura e macia contra o riacho.

Não houve pronúncia de palavras e ela usou o elemento ar, um dos quatro que regiam e davam força à magia, isso queria dizer que ela estava num nível parecido ou acima do seu. Magia sem comandos requeria um grande esforço e concentração.

Aproveitando-se do riacho atrás de si e toda a água disponível, B deu vida a esferas de água que circularam ao redor da maga e suas gotas criaram arco-íris e névoa, nublando a visão dela e escondendo-o, mas segundos se passaram até que sua imagem estava em todos os lugares que ela poderia olhar e, assim pensou B, teria uma imensa dificuldade para achar o verdadeiro enquanto ele escapava pela floresta.

Nem bem tinha dado dez passos quando grilhões quentes e pegajosos grudaram em suas canelas e ele se estatelou no chão.

— Eu posso sentir sua magia como um mapa a ser lido, deveria lembrar-se disso. –foram as palavras da maga diante do rosto dele rente a terra fofa.

— Não tem outro jeito. –ele murmurou— Me desculpe, moça, mas a sua magia vai ficar comigo.

B era como um recipiente, podia depositar a magia de magos e criaturas poderosas com quem teve contato dentro de si mesmo, mas não era um recipiente tão grande, felizmente ainda havia um bom espaço para a magia daquela maga problemática. Depois ele veria se ela tinha alguma descoberta ou algo que valia a pena.

Seis de suas cópias juntaram-se num hexagrama, queimando o chão e fazendo uma espécie de círculo onde os dois estavam no meio, as chamas lamberam o chão deixando rastros, desenhando um símbolo de transferência igual ao que B tinha queimado nas costas por suas próprias mãos. As chamas envolveram a maga numa redoma de fogo que, ao dissipar-se, começou a tingir a forma arredondada da redoma com a cor da magia dela que B sugava rapidamente, mas algo estava estranho… Ela não estava gritando como todos os outros antes dela, então B sabia que tinha muita magia, isso o fez sorrir com o achado raro que lhe rendeu aquela pequena batalha.

Quanto mais percebia o tamanho da magia dela se aproximando do limite que ele conhecia, mais seu sorriso se alargava de forma ingênua. Não fazia por maldade, mas ele precisava de poder pra continuar com sua imortalidade de mago negro e obter, devorar, mais e mais conhecimento. Ela lhe renderia mais umas centenas de anos.

Mas então o limite foi ultrapassado e o sorriso dele foi se esvaindo enquanto percebia que iria quebrar-se como vidro se continuasse absorvendo tanta magia. Seu peito doía horrores, caiu novamente no chão, de joelhos, sentindo aquela mesma magia, densa, fria e mortal, vazando pelo seu próprio corpo. Sangue escorria-lhe pelas orelhas, nariz e boca, mas em seu desejo por conhecimento, continuou absorvendo e tendo em mente todo o tempo que teria com aquela quantidade de poder.

A maga em momento algum gritou, mas já se encontrava inconsciente no centro de sua redoma, o corpo frágil flutuando fantasmagoricamente no ar enquanto B sugava-lhe o poder. Este, por sua vez, percebeu que não conseguiria aguentar mais e procurou em sua bolsa o grimório que o acompanhava a todo momento, murmurando comandos atrás de comandos, direcionando a parte que “vazava” do seu corpo para o tomo velho e acabado.

— Finalmente… acabou? —largou-se no chão de terra, esgotado, respirando fundo e rapidamente enquanto seu coração acelerava de forma que, ele pensou, iria explodir, mas a certeza de que toda a magia dela estava dentro de si não se fazia presente.

O tempo foi passando enquanto ele descansava e as chamas do pequeno ritual foram desfeitas tal como a redoma que mantinha a maga, cujo corpo foi depositado delicadamente no chão. Ventos frios sopravam na pele de B quando levantou-se do chão e começou a fuçar na bolsa da maga a procura das poções e tudo de valor mágico que ela possuía, achando grimórios, líquidos desconhecidos, armas e uma infinidade mais de coisas conectadas à uma dimensão a parte que ele descobriria como acessar depois.

Já preparava-se para ir embora quando teve um pensamento.

*E se ela leva alguma coisa no corpo também?*

Deu alguns passos ajoelhando-se ao lado dela enquanto observava seu rosto pálido adormecido e começou a procurar nos lugares mais prováveis, como bolsos e compartimentos secretos na bota, mas não encontrou nada, então foi pros lugares improváveis, chegando até a apalpar seus seios fartos e se demorando um pouco, mesmo que não tenha encontrado nada escondido naquela maciez (confesso que teria procurado por bem mais tempo se fosse ele). Neste toque, o mago percebeu que o corpo dela estava frio, tão frio como se inconsciente, e teve pena de deixar uma mulher abandonada no meio de uma estrada.

Tomou-a nos braços e, com dificuldade por causa da imensa magia que estava dentro dele, corroendo as que já tinha sugado, sentou-se no ramo-de-fogo com ela nos braços, pondo a capa por sobre os dois e um pequeno feitiço prendendo os seus pulsos e pés caso ela quisesse fugir quando acordasse ou, quem sabe, matá-lo.

E assim ele adormeceu. Mas não por muito tempo já que, ao acordar, encontrou-a observando-o e a conversa que tiveram mudou para sempre a vida do mago, assim como mudaria pra sempre a vida de toda a Serith. Mas ela começou mais ou menos com esta frase da maga:

— Você me poupou um pouco de tempo, *B*.

7

Política

Era noite alta nos domínios élficos, mas as vilas nunca fechavam suas tavernas ou hospedarias, você sempre podia encontrar uma espelunca aberta aqui e ali com lamparinas pendendo de paredes descascadas e manchadas do sangue de algum bêbado que tentou sair sem pagar ou, às vezes, *alguns*. Elfos com certeza eram as criaturas mais bem vistas no reino e as segundas mais bem respeitadas, porém, ser um elfo não o tornava automaticamente respeitável.

Enquanto bêbados se embriagavam com vinho barato e se divertiam com prostitutas e outras criaturas, a maioria das Casas Antigas se reunia num suntuoso salão de visitas da Casa Eldar, uma das mais influentes e antigas do Reino Élfico. Todos acomodavam-se confortavelmente em cadeiras e poltronas macias, frutos do luxo demasiado que os Eldar podiam comprar com sua influência, mas a tensão não se deixava aparecer por questões diplomáticas.

— Senhores, eu creio que já esperamos demais para falar sobre o principal assunto da noite, deixemos as cortesias para quando avaliarmos o futuro de nosso território. –uma elfa alta, esguia e de olhos leitosos quebrou o silêncio.

— Sempre apressada, Bertrice, por que não toma mais um pouco de vinho?

— Obrigada, Elryn, mas eu prefiro conversar sobre meu futuro antes de ficar bêbada. –ela deixou seu corpo cair numa poltrona e bebericou uma taça de vinho amuada.

— É bem verdade que a situação financeira em nosso lar está crítica, nosso Rei é uma marionete, e agora tornou-se marionete de vampiros… —o elfo chamado Elryn deu início— Mas isso ainda não é o pior, parece que magos negros também querem pôr as mãos em nossas riquezas e corromper nossa magia!

Uma onda de burburinhos tomou a sala, cheios de indignação e terror.

“Todos aqui se lembram do que aconteceu naquela guerra de três mil anos atrás, nenhum de nós estava presente, mas as lembranças de nossos ancestrais estão em nossas mentes”, Elryn prosseguiu, “não podemos permitir que os magos das trevas consigam alguma influência sobre o Reino, principalmente sobre a nossa Erwen!”

— Todos sabemos –Bertrice continuou— quanto sangue foi derramado na última guerra e nas anteriores antes dela, mas agora as coisas são diferentes, armas estão sendo construídas e muito mais vidas podem ser perdidas, eu arrisco a dizer que é possível que o Reino se destrua de vez.

Esta era uma preocupação com muito fundamento, afinal, cada raça tinha uma maneira única de destruir.

— Nós temos como nos defender, Bertrice, o problema reside nos *magos* *negros*. –Elryn falou as palavras como se fossem veneno e se não colocasse logo pra fora morreria— Nosso Rei é fraco demais, pode sucumbir facilmente ao poder de um deles, principalmente Yz’ra.

— Acredito que todos estejamos tensos e paranoicos de mais —uma voz ecoou do fundo da sala-, afinal, nada até agora foi feito em nosso território e, ao que se sabe, as alianças de Yz’ra tinham um propósito pacífico.

— Besteira! –Elryn levantou a voz, indignado com a fala da jovem elfa— Que propósito teria uma criatura das trevas com a paz? O que precisamos fazer é tomar uma iniciativa antes que eles tomem.

Murmúrios de aprovação ecoaram pela sala, junto das mais variadas intenções, em sua maioria, maléficas

Uma tempestade não tardaria a chegar a Serith.

…

O som distante de gotas de água caindo na superfície de uma rocha chegava aos seus ouvidos suavemente, rompendo num ritmo melódico o silêncio da câmada de pedra.

— É um lugar bonito esse. –disse uma voz metálica e gutural.

— Sim, deveras. –respondeu a mulher.

— Mas não é pela beleza que vem vê-lo, estou certo?

O silêncio substituiu as palavras da mulher, que em momento algum interrompera sua caminhada, tendo a companhia de um ser alto e musculoso com escamas prateadas descendo por sobre o olho direito e violeta como o pôr do sol.

— Meu povo não gosta de sua presença aqui. –ele prosseguiu, acostumado com a ausência de respostas nos poucos diálogos que haviam tido, apesar de ambos existirem havia muito tempo.

— Imagino o motivo de contar-me isto agora, já que luas se passaram desde que aceitou meu pedido.

— Eles exigem que eu faça alguma coisa sobre seus receios.

— Como expulsar-me ou algo que fira minha imagem? –ela perguntou, raspando os dedos pequenos em uma rocha de coloração exótica.

— Pior.

— E o que fará?

— Nada. –o ar foi soprado numa nuvem de pequenas cinzas quando o ser surpirou e cruzou seus longos braços atrás das costas largas— Não há nada que, fisicamente, eu possa fazer, e não tenho nenhum motivo para fazê-lo.

O longo silêncio perdurou por incontáveis minutos e Livigor, o Rei Dragão, não se encontrava com vontade alguma de apressar aquela mulher em sua contemplação.

Deixemos os dois contemplando cada um o que lhe é mais bonito.

…

Teria acontecido mais uma vez ou ele só desmaiou por estar andando havia dias sem parar para descansar nem um instante? Não que precisasse, é claro, mas magia de mais chamaria atenção daqueles porcos imundos que eram qualquer um que não um mago negro. Tais pensamentos vinham de um ser tomado de egoísmo, vivendo apenas para si mesmo e nunca para o próprio bem, apenas para o próprio prazer. Seu nome?

Eric.

Não era um nome assustador, com certeza não, mas o dono sim. Bem, algumas vezes, não todo o tempo. Eric tinha surtos psicóticos de vez em quando e isso, aliado à sua magia destrutiva, tornava qualquer um alvo em potencial (e um alvo muito infeliz, diga-se de passagem).

Recentemente, muitas outras criaturas não o deixavam em paz por ele ser mais problemático que os da sua espécie. *Covardes submissos,* era o que dizia quando confrontado sobre o porquê de não seguir vivendo pacificamente como seus companheiros de capuz negro. Eric tinha espírito e um instinto assassino suficientes para mantê-lo vivo por 300 anos no período de paz atual, mas suas arruaças não eram grandes o suficiente para causar um acidente diplomático e originar uma guerra (não que ele se importasse).

Por estes e outros motivos, ele viajava num ritmo cadenciado até o único lugar onde não poderiam importuná-lo pelo que era, até trocou suas roupas pois os humanos (que era o território para onde rumava) apesar de não notarem sua espécie, poderiam deduzir pelas roupas negras que usava.

*Deve ser um lugarzinho medíocre com cheiro de submundo,* ele havia pensado durante o caminho, mas, ao chegar em Alesya, o “país” dos humanos, havia o cheiro de grama verde e árvores vivas, cheias de fruto, além de suas ruas serem apinhadas de rostos sorridentes atrás de dezenas e dezenas de bancas de alimentos enquanto outros rostos sorridentes perambulavam de banca em banca, enchendo carroças grandes e pequenas, conversando uns com os outros enquanto contavam moedas estranhas que com certeza não valiam nada em outros territórios.

Eric se permitiu, graças à grande curiosidade em si, observar um pouco mais aqueles seres em suas vidinhas medíocres, tão diferentes do que tinha visto em outros lugares.

Kaerth, o reino Elfo, era alegre e deveras verde, dividido em dois geograficamente: uma zona à beira do Mar de Lish com desertos brancos e clima gélido pela manhã e tórrido à noite, capaz de fazer a pele borbulhar se não usar a proteção correta, a outra era uma zona completamente coberta por florestas e vegetação mais que viva (elas mudam de lugar quando não gostam das condições ou são incomodadas por estranhos).

Agregora, o reino Dragão, com suas montanhas extremamente altas e cheias de minerais valiosíssimos era inacessível para aqueles que não controlavam *silph*, o ar ou *gnohr,* a terra. Seu povo era austero de mais para fazer algum visitante sentir-se bem vindo, além de orgulhosos para usarem a forma “menor”.

Vardan, o reino Vampiro, era comercial e caro demais para que muitos o visitassem, isso incluía Eric, já que ele não tinha muitas moedas vermelhas para dar aos vampiros e suas mercadorias que custavam mais que a vida do infame mago negro que vos apresento.

Caermod, o reino Lupino, era desinteressante a um nível celular. Sem muito comércio, dono da maior floresta e exército de todos os reinos e… *Chato pra caralho,* na opinião de Eric.

Por fim, havia a Redoma, mas lá era um lugar chique para magos chiques aceitos pela sociedade, eles não precisavam se esconder como cães sarnentos para roubar algo e comer, eram servidos pelas mais finas criaturas e tomavam os mais finos vinhos com os mindinhos levantados e uma cara satisfeita de quem possui tudo que quer. Eric odiava cada um deles, principalmente aquela que deveria ser sua inspiração, aquela que deveria melhorar as condições de cada mago negro vivendo na porra daquele reino: *Yz’ra.* Mas, ao invés disso, ela estava lá, entre eles, provavelmente tomando vinho com cada um e rindo, mas Eric não conseguia odiá-la, ela era antiga e poderosa demais para que ele pudesse imaginá-la se entregando às futilidades dos outros magos.

*Ela não pode ter-se esquecido do nosso propósito de vida, do porquê nos tornamos magos negros, todos nós!*

Enquanto divagava sobre tais coisas, percebeu que mais adiante havia uma hospedaria. *Ótimo, nem precisei procurar muito.*

O sininho preso acima da porta balançou assim que ele pôs os pés dentro do lugar. Quase ao mesmo tempo, uma jovem loira e sorridente veio saber o que ele desejava.

— Um quarto para passar a noite. –disse rispidamente, sem ter consideração pela simpatia da moça.

— São sete moedas, senhor, a refeição é por nossa conta na primeira noite, estará pronta assim que o sol descer as montanhas.

Se fosse um humano, Eric teria achado aquele preço absurdo, mas considerando que a primeira refeição era grátis, até ele ficou satisfeito. Subiu os degraus da velha escada de madeira rumo a seu quarto sem olhar para trás ou dirigir alguma palavra a alguém. Estava cansado e precisava dormir.

A visão do quarto de lençóis brancos e imaculados lhe agradou imensamente, ainda mais quando viu que havia uma banheira com água morna em outro cômodo menor dentro do quarto. Panos limpos adornavam uma mesa rústica de madeira ao lado da banheira para que ele pudesse secar-se e alguns poucos produtos, como sabão e algo que fazia muitas bolhas cujo nome Eric não sabia, estavam ao lado dos panos e davam ao ambiente e ao corpo musculoso do mago um cheiro irresistível. Dado o prazer do banho, ele acabou ficando tempo suficiente para vestir-se e estar pronto para o jantar.

Ao descer, embora seu cheiro estivesse tão agradável, ele notou que algo arranhava seu olfato, incomodando como uma farpa na sola do pé. Tossiu e esfregou o nariz, mas o cheiro não tinha ido embora mesmo quando o aroma delicioso de um ensopado de cervo chegou aos seus sentidos. Acomodado na última mesa do canto, quase oculto pelas sombras da lamparina, o mago comeu feito um condenado, matando a fome de dias e a sede de noites com uma enorme caneca de cerveja amarga.

Tendo matado sua fome e sede, o mago sentiu-se sonolento.

*Isso que dá comer muito rápido,* pensou enquanto bocejava e subia os degraus velhos até seu quarto para uma noite merecida de descanso numa cama macia.

Estava tão cansado que nem sentiu quando o tiraram da cama e arrastaram rumo a um alçapão no chão do quarto e a escuridão subterrânea cobriu seu corpo.

…

Estava escuro, tão escuro que nem magias básicas para iluminar o local estavam funcionando, mas como seria possível? Nenhum poder mágico foi sentido por ele durante todo o tempo e, mesmo assim, suas magias não funcionavam!

— Tem alguém aí? –perguntou, estupidamente.

— Então você já acordou, isso é bom. Nos polpa o trabalho de batê-lo até abrir os olhos.

Era uma voz masculina e áspera, porém gentil, um estranho contraste com a frase dita, não?

— Você é meu sequestrador ou o quê? Porque não está sendo muito hospitaleiro.

— Eu sou seu anfitrião e quero apresentar-lhe uma proposta que não irá recusar justamente porque sua vida depende disso.

8

Acordos, alianças e adivinhações

Na grande maioria das vezes, um evento de grandes magnitudes que ocorre em nossas vidas pode nem ser coincidência ou destino, muitas vezes já tomamos decisões que culminaram naquilo antes mesmo de termos noção. Não acredito em destino, assim como aquele rapaz caminhando displicentemente numa estrada de terra batida à luz do luar. É claro que ele não está esperando que um acontecimento grandioso que vá mudar sua vida esteja na próxima árvore que virar, sentado sobre pedras cinzentas e lisas, mas (que curioso, não?) era exatamente ali que ele estava.

Ou *ela*.

Cabelos negros tão familiares e ao mesmo tempo tão desconhecidos para ele, mas que o deixavam tão a vontade e despertavam, contraditoriamente, um sentimento de desafio, de querer superar aquele poder que sentia emanando dela ou de conhecê-lo melhor.

Ela parecia distante, observando algo ao redor que ele não conseguia ver, ou talvez nada em particular, costumava-se perder em observações quando sozinha.

…

Quem não gostaria de prever o próprio futuro? Evitar um acidente fatal ou alguma magia que não deu muito certo? Certamente não todos nós, porque alguns vivem melhor com os “se” e os “talvez” que a vida lhes dá, gostam de fazer o próprio destino justamente, ironicamente, por não acreditarem nele.

Mas ali estava um dos que adorariam saber o que os esperava, curiosos e ávidos para mudar, caso fosse algo não muito agradável. Empertigava-se sobre a cadeira dura de madeira e olhava em volta da loja bem arrumada, mas mais pobre do que ele fora um dia. Suspirou, chutou um montinho de pó embaixo de seus pés, suspirou novamente e só aí a dona apareceu.

Era uma mulher muito, muito atraente e isso, de alguma forma, fazia com que ele acreditasse mais ainda em seus poderes, afinal, adivinhar o futuro era um dom que aqueles que possuíam o repudiava e os que desejavam possuir almejavam sem ter consciência da maldição que portariam.

— Eu fiz você esperar muito? –ela disse em um tom suave e sutilmente sedutor.

— De maneira alguma, eu esperaria todo o tempo que fosse necessário pela senhora.

A mulher sorriu, geralmente seus clientes eram exigentes e desconfiados, mas aquele era prestativo e acreditava fielmente nela, isso a fez sorrir.

— Faça sua pergunta, rapaz.

Ele espremeu seu cérebro agitado por alguns instantes até escolher aquela pergunta que achava ser a de maior importância pois não poderia fazer nenhuma mais.

— O que preciso fazer para… -parou, daquela forma não era um bom começo- Digo, quando eu vou… -não, não era o que queria dizer de verdade- Enfim, quando acontecerá algo grande na minha vida? Algo que vai mudar ela de um jeito que nunca sonhei?

A vidente observou sua mesa de carvalho e prestou atenção aos sons e cheiros ao seu redor, era espontâneo e não era ela que comandava, apenas se deixava levar e esperava até que a conhecida sensação a alcançasse. Começava com uma brisa em seu rosto e o gosto da magia em sua boca ia aumentando até o momento que abriria os olhos anormalmente azuis e cuspiria a resposta para o cliente, sem pausa, sem fôlego.

— Em seu caminho há muitos mantos negros e manchas de sangue… -ela começou- Um dos mantos é a fonte de onde jorra uma quantidade enorme de sangue e raízes crescem aos seus pés se espalhando até você como tentáculos… Há outras formas que se enroscam em seus tentáculos, mas só algumas afundam no mar de sangue… Eu vejo seus olhos, os olhos da figura que está no centro, a fonte do sangue que o afoga, seus olhos são demoníacos, é uma criatura das trevas e está arrastando outros para as próprias trevas. Ela abre as asas, o fazendo acolhê-la e o engole… Seu caminho é o leste, siga sempre para o leste… Sua morte o espera lá e ao lado dela está a maior realização de sua vida.

Kasaino, este era o nome dele, ouviu tudo em perfeito silêncio e nada disse depois de minutos, apenas assimilou lentamente as palavras da vidente e levantou-se, depositando as moedas que lhe devia em cima da mesa antes de sair.

Quanto à vidente, obviamente sabia o que suas próprias palavras queriam dizer, não que sempre soubesse, mas “mantos negros” e “siga sempre para o leste” queriam dizer apenas uma coisa: o território negro. Era lá que a morte esperava aquele jovem lobo e também a maior relização de sua vida.

Ela sabia que ele não hesitaria em ir até lá, afinal…

Todos sempre buscam glória e, na maioria das vezes, morrem sem encontrar. Talvez aquele jovem encontrasse a glória primeiro.

Ou talvez morresse tentando.

…

Foi um trabalho árduo para Kasaino conseguir todos os mantimentos necessários para sua viagem que duraria duas luas. Os alimentos foram fáceis, ele era um lobo e seu território tinha mais comida que qualquer outra coisa, o difícil foram as armas e o grimório velho e empoeirado com algumas magias simples que ele precisaria para atravessar territórios com climas muito distantes do qual ele estava acostumado (que eram todos).

Não havia família da qual se despedir ou amigos pros quais dizer “até mais, estou indo buscar fortuna e glória, mas morrer também”, apenas uma ex-namorada que não gostaria de ver o focinho dele nunca mais na vida, mas nada disso o desanimou, pelo contrário, sentia-se mais revigorado ainda por não ter raízes onde se enroscar e poder cair.

A rota era simples: passaria pelo território mago, élfico e tomaria um navio até o território negro, lá estaria muito mais fácil de encontrar o que procurava.

Gostariam de acompanhá-lo em sua épica viagem? Pois bem.

9

A viagem de Kasaino

O território mago e suas florestas encantadas já estavam enjoando os olhos de Kasaino desde a primeira hora que pôs seus pés por lá.

Era tudo tão colorido, tão rebuscado… Tão fresco que doía em sua visão de lobo. A magia estava em todo o lugar, parecia que aquele povo não conseguia cagar sem usar magia! Os cheiros queimavam seu olfato e as texturas ardiam em suas mãos, eram fortes demais as mágicas presentes em tudo.

Faltava pouco para atravessá-lo, mas ele resolveu correr por algum pasto que encontrasse por ali, se não estivesse impregnado de magia também…

Enquanto corria, foi tomando sua forma de lobo e o vento passou a zunir por suas orelhas enquanto levantava saias e poeira e a grama verde de um pasto despontava como uma maravilha num deserto de sua visão cansada de frivolidades.

Sorte ou coincidência, a grama era natural e crescia verdinha, se balançando ao sabor do vento, dobrando-se macia sobre o corpo do lobo. Já com mãos ao invés de patas, sacou algumas frutas da mochila de couro e observou o horizonte enquanto comia.

*Paz, precisava disto…* Pensava em cada uma das mordidas na fruta.

Estava tão relaxado que acabou tirando um cochilo.

…

— Lobo vagabundo, acorde! –gritava uma voz de mulher, esganiçada e furiosa.

Kasaino acordou desorientado e sem saber muito bem onde estava, mas não lhe deram tempo de assimilar nada, foram-lhe tacando pedras com tanta fúria que algumas voaram metros distante dele.

— Saia já do nosso quintal! –a mulher gritou novamemte.

— Calma aí, moça, eu não sabia que estava invadindo nada!

Mas não ouviram nem metade do que ele tinha pra dizer, então o pobre lobo só pôde correr dali, embora isto não tenha se mostrado uma boa ideia.

Mal tinha se afastado alguns metros, sentiu cheiro de queimado e seu corpo bateu com força numa árvore. Estatelado no chão e percebendo que uma queimadura enorme sangrava em suas costas, o desespero e a raiva lhe atacaram.

*Eu não estou atacando ninguém e mesmo assim me ferem!*

Garras afiadas garantiam que pudesse se proteger e dentes assustadores projetavam-se para fora da boca à vista de qualquer um que o quisesse ameaçar.

— Mostrando suas presas para um mago, lobinho?

Kasaino não recolheu a aparência ameaçadora, continuou mostrando que poderia fatiá-lo quando quisesse.

— Não estou perturbando ninguém e mesmo assim me atacam como se eu fosse um bandido! –sua voz saiu rosnada em fúria.

— Você estava prejudicando a propriedade de alguns magos e aproveitando-se da colheita deles. –o homen apontou a mochila de Kasaino cheia de frutos e carne.

— Isto é meu! Trouxe do meu território e de forma honesta!

Mas o mago não lhe quis dar ouvidos e foi a última frase que Kasaino disse antes de perder os sentidos.

…

— Sinto em trazer algo tão deplorável para magos tão respeitados, no entanto, nosso suor não pode ser jogado fora desta forma. –soou aquela voz esganiçada de mulher novamente.

*Que dor…*

— Muito bem, o que se passa? –agora uma voz grossa de homem idoso.

— Fomos roubados, senhor, por este lobo vagabundo que se aproveitava de nossas plantações e fartava sua pança com nossas ovelhas.

*O quê?!*

A indignação tirou Kasaino do torpor da inconsciência e o ergueu para poder dar de cara com um grande local que lhe era desconhecido e pessoas mais desconhecidas ainda.

*Parece que é minha sina acordar em locais estranhos…*

— O que está havendo? –perguntou, mas ninguém lhe deu atenção.

— Repito mais uma vez, senhor: este não passa de um ladrãozinho barato.

Ele estava tão confuso com o que se passava ali que apenas se deixou cair sentado e observar para ver se conseguia entender. Depois de um tempo, a mulher apontou para ele e cuspiu, dizendo que fora roubada, aí então ele entendeu completamente, mas nem se deu ao trabalho de revidar, estava cansado e suas costas doíam.

Só então ele se lembrou da ferida e tentou dar uma olhada, mas não conseguia ver por ser bem no centro das costas.

Observando as pessoas ao seu redor, viu uma garotinha caminhando alguns metros distante dele.

— Garotinha! Será que pode me ajudar aqui?

O fato de a garota ter cabelos muito vermelhos lhe chamou atenção mais do que suas vestes de maga que só poderiam ser compradas por alguém que tem muito dinheiro, mas supôs que a figura encapuzada atrás dela fizesse parte de sua vida rica, um guarda-costas, talvez.

— Como ousa! –a mulher de voz esganiçada o esbofeteou— Como ousa falar assim com Lady Yz’ra?!

*Esse nome não me é desconhecido…* Pensava ele enquanto o sangue quente descia por sua língua, mas ele não desistiu.

— Garotinha! –tornou a chamar, sentindo-se humilhado, recebendo mais uma bofetada da maga irritante.

— Deixe-o. –a garota disse, havia uma autoridade anormal em sua voz— Está ferido?

— Sim. –respondeu, sem jeito diante de um olhar que era muito mais velho do que o corpo que o continha aparentava.

— Um homem que roubou algo não pede ajuda a uma criança, muito menos merece a ferida que tem em suas costas. –virando-se para o homem mais alto dos três à frente de Kasaino, prosseguiu— Sugiro que seja feito o mesmo com o agressor deste homem para que aprenda o valor da honra e que as tão suadas posses da senhora sejam guardadas por magos da Redoma já que ela mesma encontra dificuldades em guardá-las por si só.

Sem saber direito o que aconteceu (o que parecia acontecer sempre), Kasaino acompanhou a garotinha e gostou de deixar todas as pessoas boquiabertas para trás, fazia com que se sentisse importante.

— Qual o seu nome? –a ruivinha perguntou.

— Kasaino.

— O que ocorreu de fato, Kasaino?

Ele se sentiu estúpido de responder porque, de alguma forma, tinha consciência que ela sabia a resposta.

— Eu não estava fazendo nada além de descansar e nem sabia que ali tinha dono, quando começaram a me tacar pedras e fui atacado por um mago. –ele se sentia mais estúpido ainda depois de dizer em voz alta- Só estou viajando em paz…

A ruiva não parecia muito interessada na história, mas não de um jeito maldoso, apenas desinteressada, simples e puramente desinteressada.

— Pra onde está viajando, Kasaino?

— Território Negro.

— Que coincidência, é pra lá que estou indo também.

E, assim, a viagem de Kasaino pôde ser concluída, mas o final desta história veremos mais a frente porque, caro leitor…

*Há peças que só podem ser montadas quando o quebra-cabeças já foi resolvido.*

10

Humanos

Era uma visão até cômica aquela se não fosse lamentável.

— Você tem certeza de que consegue fazer isso sozinho?

Em todos as três luas que Sila esteve fora, Eleen aproveitou para cuidar de Luccos enquanto o lobo se recuperava. Obviamente, ela tinha milhões de perguntas e ainda estava assustada, mas era Luccos, seu amigo de infância… Ela não iria deixá-lo na mão quando ele estava tão mal, principalmente quando haviam feito tal atrocidade que era transformá-lo em lobisomen.

A princípio, ela pensou que Sila pudesse ter feito aquilo, mas ele, Luccos, não conhecia o lugar do “laboratório”, não sabia nada sobre Sila e estava mal de mais para poder dar explicações.

Digo, estava mal de mais há três luas, naquele instante, ele conseguia até se vestir completamente sozinho, mesmo que Eleen perguntasse se queria ajuda.

— Não, obrigado, eu consigo passar um braço por uma manga. –respondeu carrancudo.

— Certo, mas, qualquer coisa, é só me dizer. –ela tentou sorrir, mas o clima se mostrava propício para as perguntas que evitou fazer por muito tempo e isso a deixava maluca, precisava logo de respostas, então foi buscá-las:- Luccos… Quem fez isso com você?

Ele evitava pensar nisso porque sempre acarretava uma série dolorosa de lembranças regadas a sangue e lágrimas, sempre lhe dava vontade de morrer.

— Eu não sei… Foi há dois anos, eu estava viajando com Luce e tínhamos escolhido uma hospedaria para passar algumas noites já que estava frio demais e estávamos entrando em outro território. Quando o frio amainou, nós seguimos viagem e foi naquela noite que me capturaram…

Se ela tivesse se dado por satisfeita até aquele ponto, talvez tudo teria sido diferente, mas ela não se deu.

— Quando acordei, estava numa masmorra de algum castelo na Grande Floresta. –continuou— Vários humanos estavam comigo e todos pior que eu, depois fiquei sabendo que o único motivo pra isso era que eles esperavam até a lua estar redonda no céu para pegar alguns, na próxima eu iria. –ele a encarou nos olhos e ela teria preferido que não porque a dor naqueles olhos azuis era tão palpável que seu peito apertou— Estávamos lá para um experimento, eles queriam nos transformar no que eles são porque somos os únicos deste maldito Reino que conseguem tal coisa… Fui mordido durante luas por lupinos adultos, eles não cuidavam dos meus ferimentos, se tivesse que morrer, morreria. Era só uma cobaia. Só me libertaram depois de um ano, quando as mordidas mudaram meu corpo e me transformaram num deles… Eu matei todos que amava, não conseguia controlar a besta dentro de mim… E ainda não consigo, por isso tenho que ficar o mais longe possível de qualquer um a maior parte do tempo.

Foi sua última frase. Ele não aguentava mais ter de reviver aquele pesadelo mais uma vez e sentir, novamente, o sangue do amor de sua vida na própria boca.

E Eleen compreendeu isso, ficando em silêncio pelo resto dos minutos que se passaram.

…

— Quanto tempo mais vão me deixar apodrecer aqui?

Os brados furiosos de Eric se resumiam a isso, agora não mais que gritos esganiçados e com gosto de sangue, já que água era uma regalia que não lhe deixavam ter.

Cuspiu um resquício de saliva e fechou um dos olhos com a claridade da porta da sela sendo aberta.

— É melhor tu calar a boca, desgraçado, já tô cheio dos teus gritos. –o guarda parecia furioso— Cala a boca ou fica sem os dentes.

O mago sequer reagiu, achando estúpida demais a situação. Um humano lhe ameaçando?

— Cadê o patrãozinho? Não quero falar com os cães de guarda. –riu.

— Olha só, ele não tá se achando demais pra um covarde que usa magia? –disse o guarda para o outro, rindo com escárnio— Aqui tu não é o fodão, é só um miserável que vai morrer em pouco tempo.

*Eu poderia matá-los a qualquer momento, vermes imbecis.* Eric fervia de raiva por dentro, bufando, forçando as correntes com a pouca força que ainda tinha restado em seu corpo de mago debilitado, porém, um mago, mesmo sem forças, ainda pode lançar magias, fracas, mas eficazes em situações como aquela, por isso ele se concentrou e fechou os olhos, as palavras saíram sussurradas e em pouco tempo esperava ver dois corpos humanos chamuscados na sua frente.

Mas não viu.

— Já percebeu? –o guarda mais calado falou, tinha uma voz grave e era muito maior que o outro- Você não pode usar magia aqui, na verdade, não poderá usar nunca mais. Pode-se dizer que agora você é como nós.

A única coisa que Eric pensou antes de perceber que o humano tinha razão e urrar em desespero como um animal encurralado foi *“como isso é possível?”.*

11  
A história começa

Os olhos dela se enrugavam suavemente com seu sorriso largo e psicótico. O homem preso embaixo de seus pés lamentava a dor excruciante em seus pulmões e tentava inutilmente se debater e escapar.

— Vai me contar o que quero saber agora? –ela disse, ainda sorrindo sob o olhar de toda a taberna onde ficara durante duas noites- Eu não tenho todo o tempo do mundo, sabia? Vou precisar mesmo te matar?

O pobre infeliz arregalou os olhos e fez sinal que não com todo o seu corpo, quase convulsionando na tentativa de salvar sua própria vida.

— Tem um cara… -disse trêmulo- Um cara que entende dessas coisas, ele é um daqueles capuzes negros… Dizem que está planejando algo grande, ou tem haver com algo grande, eu não me lembro direito… Só sei que ele pode lhe ajudar…

Zira parou de esmagar as costelas do homem assim que se sentiu satisfeita com a resposta, sacudindo seus cabelos cor de fogo com um ar confiante.

— Me diga logo onde eu o encontro.

…

Não era um lugar onde ela esperaria encontrar um grande mago negro, dotado de poderes incríveis e força maligna. Na verdade, era um local bastante imundo, o máximo que encontraria por ali seria ratos e algumas pragas pestilentas.

— Oi? Alguém vivo aqui? –gritou no silêncio de uma floresta enegrecida e perigosa, confiante de suas habilidades, talvez mais do que deveria.

Como esperado, ninguém respondeu, não abalando a confiança de Zira.

— *Revele-se.* –sibilou contra o vento.

Aos poucos, a floresta foi tomando vida, formando um círculo ensolarado ao redor da maga e de uma cabana que, assim como ela lhe tinha ordenado, revelava-se aos poucos. Era de madeira velha, estava apodrecendo, mas continuava bonita, com videiras crescendo ao redor de suas extremidades, embrenhando-se em ervas daninhas pelo chão, subindo até outras árvores.

— Não tem mais motivo pra se esconder agora. –debochou.

Ainda não havia resposta alguma, mas sentia-se a presença negra de um ser das trevas, a mesma sensação que toda e qualquer pessoa tinha quando estava de frente com um mago negro. A presença movia-se devagar e, de repente, já estava em todo o lugar, dando à Zira a sensação de que estava cercada por centenas de magos negros, o que ela sabia não ser, nem de longe, verdade. Uma verdade triste, mas que ela conhecia muito bem: não havia magos negros nem pra metade do território onde eles se isolam em busca de um pouco de paz.

— Não precisa me atacar, sabe? Eu venho em paz, acho até que posso te ajudar nos seus planinhos.

Desta vez, o silêncio não perdurou muito.

— Por que eu escutaria uma maga negra?

— Ah, vai te foder! –gritou Zira- Acha que todo mago negro é um psicopata, caralho?! Aparece logo e confere, covarde! Não tem razão pra se esconder, sabe? Eu venho em paz.

Das sombras da cabana pulou um ser ágil, pequeno e enfezado. Na mão direita balançava uma lança ameaçadora com uma ponta de cristal que Zira adoraria que não tocasse em sua pele. Dentro da cabana o silêncio reinava, deixando-se ser interrompido ora ou outra pelo assovio macabro de um vento sem direção. Uma janela apoiada apenas pelo trinco batia contra a parede continuamente com força, havia poeira em todas as partes da pequena e bagunçada cabana.

O elfo rangeu os dentes e se acalmou quando uma mão encostou em seu ombro. Na verdade, pareceu até tremer.

— Esconder-me? E do que eu teria medo?

— Eu quero ajudar, digo… Nos ajudar, já que irmãos fazem isso, não é? –Zira responde prepotente, lançando a bela capa para o lado e caminhando com confiança rumo à cabana.

Usava o mesmo capuz que quase todos os “irmãos” que mencionou usavam.

— Na minha família fomos instruídos a matar nossos irmãos por um objetivo não muito interessante, seu argumento não me é útil, se não há nada a tratar comigo, dê meia volta.

Zira sentiu a confiança se abalar um pouco. Geralmente suas doces palavras davam certo em qualquer situação.

— Não fode. Sei dos seus planinhos e quero participar. Já viu que tenho poder, o que mais quer?

— Não creio ter visto seu poder, tudo que vi foi sua arrogância e suas belas vestes invadirem o recinto. –diz com desdém.

— Que maldade, apenas as minhas vestes são belas? Não reparou em mais nada? –Zira usa um tom demasiado sensual- Não quer testar o que digo?

— E no que isso favoreceria a mim? –o mago caminha de volta à lareira, jogando lascas de lenha para atiçar o fogo já pequeno que entrou em combustão antes de tocá-lo.

— Você não está tentando uma coisa que se possa chamar de fácil, amigo. Melhor prevenir-se. –diz sacudindo a poeira que caía em sua capa ao entrar na cabana.

— A facilidade não me agrada, se fosse para ser fácil, provavelmente eu não tentaria. –o mago senta na poltrona velha no centro do aposento, sem dar muita atenção para Zira- Qual o *seu* objetivo?

— Eu só acho que nossa causa precisa de um representante melhor, para resumir. –ela senta, apoiando as longas pernas em um móvel qualquer- Vivemos assim até agora, mas aquela que deveria nos representar não faz nada por qualquer um de nós… Só esquenta a bunda naquela porcaria de Redoma e bebe dos melhores vinhos com aqueles porcos. –a maga perdia a calma, exaltando a voz na medida que sua imaginação dava vida às suas palavras- Por décadas eu só guardei o ódio, mas com os acontecimentos de agora… Não posso mais ficar parada, nesta guerra que está por vir, nós vamos ser dizimados de uma vez, eu sinto isso.

— Nossa causa? –ele dá uma pequena pausa- Não lembro de participar de causa alguma.

— Você é um mago negro, já está sendo influenciado antes mesmo de decidir.

Um olhar mais que irônico toma conta do belo rosto do mago.

— Seu objetivo ainda não ficou claro pra mim.

— Nossa Rainha, entende? Acho que o reinado de Yz’ra já acabou tem tempo.

— E quem você acha que deveria substitui-la?

— Se não estiver interessado no cargo, eu faço esse sacrifício.

— Quer a minha ajuda para depor uma rainha poderosa e tomar seu lugar? Isso não é interessante pra mim, além de ir contra meus objetivos. Eu me recuso.

— Dizemos que temos caminhos diferentes a seguir, mas não nos impede de auxiliar um ao outro, entende?

— Não seja ridícula, tentei ser educado porque assim me instruíram tempos atrás, mas estou farto de tanta baboseira, não gosto quando outras pessoas aparecem se oferecendo para algo a qual elas claramente não são qualificadas, você não é melhor que a maga que pretende depor, se realmente quiser fazê-lo, faça-o, mas não contará com meu apoio. –levantando-se da poltrona, ele toma o queixo da maga, erguendo-a e, enquanto falava, fazendo-a recuar até bater as costas na parede- Você não passa de uma maga egoísta e mimada, novamente recuso sua ajuda, você não tem utilidade pra mim.

— Como pode dizer que magos prezam pelo conhecimento se não me conhece?!

— Aí está uma questão interessante.

— Apenas me dê um objetivo e eu o executarei, depois seguimos caminhos diferentes.

O mago a quem ainda nem sabia o nome sentou-se na poltrona novamente, parecia cansado.

— Você deve estar bem tenso, não é?

— Como não estar? –ele responde com um tom de voz óbvio e ela sabia que a pergunta era desnecessária.

— E como costuma relaxar por aqui? Sei que o elfo desajeitado não ajuda muito. –Zira senta ao lado dele, deslizando seus dedos delicados pela coxa do mago, desmanchando seu belo rosto numa expressão maliciosa.

— Leio. É a única coisa que posso fazer nesta cabana.

— Bem, estou aqui agora, não? Consegue pensar em algo que possamos fazer a dois?

— Foi pensar que me deixou desta forma, pra início de conversa. –ele resolve entrar no jogo, levando a mão direita até entre as macias coxas da maga, apertando-as e a puxando na sua direção e contra seu corpo- Com toda a certeza não são apenas suas vestes belas.

— Então me conte o que mais em mim é belo.

— Sempre fui melhor com ações.

Ela já estava em seu colo, pressionando-se contra ele de forma vulgar, correspondendo a ambos os desejos e necessidades. As mãos dela o arranhavam e as dele livravam-na das peças de roupa incômodas.

O mago a ergueu, usando a parede para apoiá-la e fazendo-a sentir entre suas pernas toda a rigidez dele enquanto ambos provavam a boca um do outro. Dado o seu desejo e a fome por contato carnal, Zira nem importou-se de rasgar suas roupas para que a boca do mago percorresse todo o seu corpo, desde os seios grandes e firmes até uma parte faminta e encharcada.

Dois sorrisos brotaram. Um pelo objetivo concluído e o outro pelos desejos que logo seriam saciados.

E pelo resto da noite até o raiar do sol no dia seguinte esses sorrisos continuaram, seguidos de suspiros e gemidos de prazer.

E ali, naquela cabana velha e desbotada, a história iria começar de verdade.

…

O sol levantava-se mais uma vez, deixando Eric com inveja. Depois de luas naquela cela e de ter-se tornado humano (uma verdade que ele aprendera a aceitar), não mais se exaltava.

Os gritos haviam cessado, as provocações, o escárnio, as lutas desnecessárias. Ele apenas esperava sua morte, sem saber quando exatamente aconteceria.

Aquele dia tinha começado com uma leve anormalidade, mesmo que Eric não estivesse reparando em mais nada que não fosse a passagem do tempo. Os guardas fortões não estavam mais na sua cela e o silêncio no lugar era absoluto. Eric sabia que podia ter a ver com a chegada de Sila, mas não importava. Aquele humano de merda que fosse pro inferno.

Passos, mais leves do que os que ouvia todos os dias antes de ser levado para caminhar ao sol, aproximavam-se de sua cela. Não muito depois, uma cabeleira ruiva apareceu na porta junto de olhos verdes como musgo e trêmulos de nervosismo.

— A gente não tem muito tempo, Sila chegou e todos estão comemorando as notícias que ele trouxe, vão se embebedar, mas os guardas já estão vindo. –o garoto falava muito rápido enquanto retirava as correntes de Eric com incrível agilidade- Tem uma saída bem ao sul daqui que não vai estar guardada. Consegue correr?

Na adrenalina de poder ser salvo, Eric balançou a cabeça com força, sentindo ela doer, mas ignorando.

— Eu escondi os resultados da sua observação na lua passada, Sila iria te matar se visse.

— Por quê? –perguntou Eric enquanto corriam por túneis estreitos.

— Não podia deixar que morresse aqui, o que estão fazendo é errado, é antinatural.

Eric não refletiu muito para perceber que o que o garoto falava era verdade, mas não insistiu numa resposta mais concreta, percebendo que aquele rosto era familiar.

— Acho que eu já te vi antes. –disse debilmente.

— É provável. Sou um dos caçadores de Sila, reúno informações pra ele e mato pessoas de vez em quando pra isso.

Só então Eric percebeu que o garoto não deveria ter mais que 16 anos de idade, talvez menos.

— Que diabos! Esse cara é pior do que eu pensava…

— Ele não é má pessoa, só tenta fazer as coisas certas pelos meios errados. –sorriu- A propósito, meu nome é Behedit, Eric.

Um breve sorriso foi trocado pelos dois e logo já despontavam pela saída sul rumo à liberdade, algo que Eric nunca tinha sentido em sua vida inteira.

Mais tarde, na segurança de uma caverna bem entre o território humano e o draconiano, o ex-mago percebeu uma coisa: a sua liberdade era dupla, tanto por escapar de sua prisão quanto dos grilhões de mago das trevas. Ele não seria mais apedrejado por ser o que era, menos ainda por poder ferir as pessoas e assustá-las. Sorriu, o maior sorriso que dera em sua vida inteira, o mais sincero e o primeiro de muitos. Largou o manto negro que usou por toda a vida no chão e respirou o ar pesadamente, com seus pulmões humanos.

Muito longe dali, Sila estaria arrancando os cabelos de ódio e preocupação, gritando com Eleen e mandando-a atrás de Behedit e Eric.

— Traga-os vivos ou mortos, não faz diferença. –esbravejou antes de mandá-la sair da sala e ir arrumar suas coisas.

Eleen concordou, sabendo que Behedit era mais fraco que ela e que poderia trazê-lo vivo, mas feliz por ter uma brecha para tirar Luccos dali, afinal, sentia que não era um momento propício para apresentar seu amigo híbrido.

Talvez nunca fosse.

12

Roteiro da morte

A viagem seria dura assim que tivessem um objetivo fixo, já que não havia para onde viajar tranquilamente em qualquer direção. Se voltassem, esbarrariam em Sila e na própria morte, se seguissem adiante entrariam em outro território e poderiam ser mortos, ao leste e oeste não havia qualquer sinal de vida confirmado, menos ainda certeza alguma de sobrevivência. O clima já começava a esfriar na medida que chegavam perto da fronteira draconiana, iniciando tremores, tosses e arrepios.

— O que vamos fazer, Eric? –Behedit perguntou assim que pararam para descansar. A fronteira estava bem mais perto agora.

— Eu pensei que você tivesse um plano!

— Mas é claro que não, ninguém formula um plano enquanto corre pra salvar a própria vida. Principalmente quando se é humano e qualquer lugar significa morte pra você.

Ficaram quietos, imersos em seus próprios pensamentos por um longo tempo. Eric queria se distanciar da magia e de tudo o mais que estivesse com ela, queria recomeçar uma nova vida, mas o que os humanos estavam fazendo podia representar perigo para todo o reino.

— Tem uma coisa… -falou sem convicção.

— O que é?

— Nós podemos ir até os magos da Redoma e apresentar isso a eles. –ele se referia aos papéis que Behedit furtara da sala de Sila. Nenhum dos dois conseguia ler porque estava num tipo de código indecifrável naquelas condições.

— É uma boa ideia. -Behedit se animou- Eles são neutros e poderão acabar com isso sem alarmar as outras raças. Podemos ir pela linha entre Caermod e Vardam.

— Não, é mais rápido, só que tem uma zona perigosa antes da Redoma. Vamos morrer ali. Nem podemos ir por Caermod, os lobos vão nos matar, menos ainda pelo cais de Vardam, os vampiros vão secar nosso sangue. O único jeito é ir por Agregora, atravessar Kaerth e percorrer todo o caminho até a Redoma.

— É muito longo! Vamos chegar lá depois da velhice!

— É a única forma, Behedit. Você não tem força e eu menos ainda, melhor morrermos no caminho que comidos por algum lobo…

— Não é bem assim, eu tenho um pouco de força sim. Vamos por Agregora e depois Caermod, está decidido.

Eric não pôde discordar, os elfos os matariam, Kaerth era mais perigoso que Caermod para dois humanos viajando sozinhos.

…

Segundo Behedit, a fronteira de Agregora não ficava muito longe, lá eles poderiam arranjar agasalhos e comida, já que tinham algumas moedas. Apesar da fome, nenhum dos dois estava desanimado. Fora a tensão do momento, estavam se saindo bem e parecia que ninguém estava atrás deles.

Até uma certa noite…

Faltava muito pouco para chegarem à Agregora, mas não adiantava correr nem viajar à noite, era perigoso. Behedit tinha conseguido uma bela caça horas antes, um cervo da neve que pastava sossegado num minúsculo pedaço de grama crescendo na terra coberta de neve.

Fizeram uma fogueira e assaram o bicho, guardando alguns pedaços pra noite seguinte. Estavam satisfeitos e prontos pra descansar quando uma forma negra pulou no pescoço de Eric, o asfixiando.

— Onde está o outro? –perguntou num rosnado.

— Eu… Não sei.

Behedit não estava em lugar algum da vista de Eric, mas a forma saiu de cima do seu corpo, pulando numa elevação negra bem longe da luz da fogueira.

Um grito humano irrompeu na noite, calando-se quase automaticamente.

— Eu não vou matar nenhum de vocês, mas Eleen não vai ter piedade.

Agora dava pra ver o rosto pálido de um homem, sério e parecendo muito abatido fisicamente.

— Quem é você? –Eric perguntou.

— Luccos. Sila mandou Eleen atrás de vocês e ela ficou pra trás porque sou mais rápido, mas chega bem antes de conseguirem fugir.

— Não! –gritou Behedit, dsesperado- Ela não pode nos levar de volta, Sila vai matar nós três! Vai achar que contamos algo pra ela e vai matá-la!

O garoto falava tão rápido que Luccos quase não entendeu, mas percebeu que Eleen podia estar em perigo e já havia perdido pessoas importantes demais para permitir.

— Explique direito. –ordenou, quase rosnando.

— Sou importante pra Sila, sei de quase tudo que ele fazia e roubei documentos muito importantes da sala dele, estão em código, então devem conter todos os planos, pelo menos alguns, não sei… Se Eleen nos levar de volta, pode se tornar um transtorno pra ele, fazer perguntas desnecessárias ou tentar interferir, você não pode deixar que ela chegue aqui!

— Você disse que ele não era má pessoa. –Eric falou, surpreso.

— Também disse que ele faz coisas certas pelos meios errados. Isso é certo pra ele, vai preservar sua pesquisa e a raça humana.

Luccos juntou os pontos e refletiu por alguns segundos.

— Vão em frente, corram o máximo que puderem até chegar em Agregora, não olhem pra trás, eu os alcanço depois.

Num piscar de olhos já estavam correndo com os poucos pertences chacoalhando ao vento, deixando Luccos pra trás.

*“O que está acontecendo por aqui?”,* pensava o lobo, aguardando a amiga de infância.

Quando Eleen chegou, tomando fôlego por conta da corrida, ele levantou-se calmamente e disse que ela voltasse.

— Mas como assim? Eu senti os dois se afastando, pensei que tinham te derrubado, daí vim correndo, mas você tá inteiro. O que aconteceu?

— Eleen, você precisa voltar, não vou deixar que continue.

— Mas assim eles vão fugir! Ou é isso que você quer? Luccos… Você tem algo haver com a fuga desses dois?

Ele balançou a cabeça.

— Então me deixe passar, é o futuro da sua raça que está em jogo aqui.

Ela deu um passo a frente, mas recuou ao olhar nos olhos azuis do amigo que já não reconhecia. Os olhos dele estavam cheios de fúria, instinto assassino.

— Luccos? Você não vai me atacar, vai?

Ele não respondeu, mas um rosnado baixo, vindo do fundo de sua gargante foi o bastante para Eleen perceber que havia algo de errado com o amigo e que ela não passaria, mas estava confiante de suas habilidades.

Mesmo com maior agilidade, sua tentativa de socar o rosto dele foi facilmente parada e seu braço torcido até ouvir-se o *clack* de ossos quebrados.

— Vou quebrar seus braços e pernas se insistir.

Eleen ainda estava gritando no chão quando ouviu essas palavras. Assustada, levantou, mas, ao invés de correr na direção oposta, tentou ataca-lo de novo, tendo o outro braço quebrado.

Desta vez não ouviu direito o que ele disse, apenas fragmentos de palavras, mas teve absoluta certeza, antes de perder a consciência pela dor, de ter ouvido um “adeus”.

…

— Você tem um cheiro estranho. –Luccos disse, referindo-se a Behedit.

— Eu sei, não tomo banho há dias.

— Não é disso que estou falando.

— Ah…

O garoto fingiu inocência, não queria que nenhum dos companheiros de viagem soubesse o que ele realmente era, então encerrou o assunto com um longo silêncio.

— Pra onde vamos agora?

Eric perguntava por achar que Luccos mudaria seus planos, mas ninguém disse nada. O lobo tinha erguido a palma da mão e uma de suas orelhas tremia nervosa de vez em quando.

— Você já foi mago negro, não é? –Eric confirmou- Sua Rainha tá aqui.

Os três se arrepiaram, atraindo alguns olhares curiosos das damas na outra mesa da taberna.

— Não pode falar com ela? –Behedit perguntou, bebericando a cerveja amarga apenas para aquecer seus ossos, o troço tinha um gosto horrível.

— Tá brincando? Acha que dá pra falar com ela só porque tu é mago das trevas e essas merdas aí? Eu não sei como são os reis de vocês, mas a minha Rainha não tá nem aí pra mim, eu posso cair duro aos pés dela e ela vai me usar como tapete. Pra falar a verdade, acho que ela nem pisa no chão.

— Como dá pra andar sem pisar no chão? –Behedit perguntou, inocentemente.

— Já vi que vocês não sabem nada sobre os magos… Como sobreviveram até agora?

— Não acredito em nenhum rei ou rainha… Mas não acho que ela seja tão ruim assim se você tá aqui vivo e a maioria da tua classe…

— Também concordo, Luccos, sei lá, acho que as coisas estariam bem piores pra vocês sem ela.

Eric não respondeu. Sua vida poderia ter sido bem pior do que era agora, mas ele não entendia como ela poderia influenciar do alto do pedestal onde estava.

— Tá, podemos tentar, mas não garanto nada e depois não digam que não avisei.

…

Era um lugar gigantesco. Tão grande que os três não sabiam pra onde ir e decidiram ficar no Primeiro Salão, onde dezenas de dragões e poucas outras espécies se amontoavam para ter audiências com o Rei e a família real.

— A gente fala com quem? –Behedit perguntou, sem saber se olhava pras belas mulheres ou pra todo o ouro que havia ali.

Nem Luccos nem Eric sabiam responder, tão perdidos quanto o garoto.

Ao redor do trio, pessoas evitavam tocá-los, sentindo o cheiro dos lobos e dos humanos, um menos visto que o outro. Estavam ali parados sem fazer nada, olhando pros cantos, parecendo três ladrões sujos e esfarrapados.

Um guarda se aproximou.

— Querem alguma coisa aqui? –perguntou, baforando cinzas e fuligem no rosto do garoto ruivo.

— Queremos falar com Lady Yz’ra. –Eric disse, reunindo toda a dignidade que ainda tinha naquelas roupas imundas.

— Ah, é? Vossa Majestade está com muita pressa? –riu.

— Não queremos confusão, só queremos falar com ela, é um assunto urgente. –Luccos disse, controlando a fúria.

— Saiam daqui, vagabundos, vocês estão empesteando o Salão. –a lança na mão do guarda cutucou Behedit na barriga.

— Deixa o garoto!

A mão pesada do guarda jogou Eric pra trás, atraindo a atenção de alguns dragões por perto, inclusive de uma fêmea alta, de cabelos cor de grama e olhos doces que se aproximou suavemente.

— O que está acontecendo aqui? –o guarda tentou explicar, emudecido na presença de um membro da família real- Esqueça, venham comigo, vocês três.

E eles obedeceram.

13

Fuga

A boca rosada de Karen ainda estava entreaberta com as explicações do trio.

— Uau. Eu não sei o que dizer… Se isso for verdade, vocês já não correm mais perigo estando aqui.

Nenhum dos três queria contar nada para a recém-conhecida, mas Behedit achou melhor adiantar alguma coisa quando ela disse que não poderia ajudá-los se não tivesse certeza de que era importante.

— Mas o problema não é esse, senhora, há muito mais… Nós não corremos perigo, mas o reino inteiro sim. –Eric suspirou- Pode nos ajudar logo? O tempo está passando.

— O reino corre perigo por causa de um punhado de humanos? Por favor, não nos deprecie tanto. Acho até que precisamos mesmo de uma boa guerra agora, esses tempos de paz estão me entediando.

Por um instante, os três se entreolharam repensando em pedir ajuda àquela garota psicótica, mas logo perderam suas dúvidas ao estarem diante de uma porta imensa de ouro maciço. Não foi a porta que lhes deu certeza, mas o que havia lá dentro.

O próprio irmão do rei.

…

Agregora era muito mais bonita do que aparentava ser, o que Luccos, Eric e Behedit achavam ser impossível. O lugar era como uma espécie de paraíso de três estações: uma parte outonal cheia de árvores, fértil para tudo e com águas límpidas onde se via o próprio reflexo; outra parte invernal, cheia de montanhas cobertas de neve e um frio escruciante; a última parte era primaveril, com uma flora rica em propriedades mágicas e medicinais. Cada uma delas era habitada, mas a capital ficava mesmo na parte outonal.

Nem faziam mais ideia de quanto tempo estavam ali, todo dia era uma surpresa melhor que a outra sobre o território, suas comidas, tradições e tudo o mais.

— Me sinto mal de estar aproveitando tanto isso aqui. –Behedit falou, aproveitando a sobremesa doce que haviam trago ao seu quarto enquanto conversava com os amigos.

— Escanor já cuidou de tudo, fica tranquilo. –Eric era o que mais adorava essa vida.

— Ainda acho tudo isso muito suspeito, não relaxaria tanto se fosse vocês.

Luccos era sempre o mais racional dos três, trazendo a realidade onde eles evitavam enxergá-la.

Pouco tempo depois Escanor entrou no quarto dos três anunciando que iriam caçar na manhã seguinte e que estivessem de pé bastante cedo. Luccos questionou onde iam.

— É uma surpresa. –foi o que o irmão do rei disse e depois saiu.

— Não devíamos ir. –o lobo alertou.

— Deixa de ser besta, é uma forma de agradecermos o que ele fez por nós.

Luccos nada mais falou depois disso, era raro que alguém fizesse algo sem pedir nada em troca, então deviam aproveitar, mas seus instintos diziam para abrir o olho com Escanor.

Na manhã do dia de caçar, acordaram bem cedo, Escanor tinha dito que iria ensinar os três a usarem bestas e outras armas para caçar, então não precisava levar coisa alguma, porém, Luccos sendo teimoso do jeito que era foi até o armeiro e perguntou se haviam armas pequenas, que se pudesse guardar dentro da roupa. Mesmo achando estranho, o bom homem lhe deu algumas pequenas adagas e uma espada que se retraía e expandia com magia. Sentindo-se mais seguro, ele partiu com os três colegas para encontrar Escanor e o resto dos nobres que também íam caçar com eles.

Era um grupo pequeno, mas considerável, formado em sua maioria por nobres e alguns poucos guardas, o que deixava Luccos de orelha em pé, literalmente. Por que o irmão do rei precisaria de guardas numa caçada? Ele não faria essa pergunta, seria indelicadeza, mas ao longo do tempo ela acabou se respondendo sozinha.

As árvores começaram a se amontoar e secar à medida que progrediam na floresta. As cores começaram a fugir, dando espaço para verdes mórbidos, cinzas macabros e tons negros raquíticos. Os galhos das árvores entortavam em ângulos estranhos, como garras prontas para atacar o pescoço mais próximo.

— Ahn… Senhor? –Behedit foi o primeiro a falar em longos minutos.

— O que há, garoto?

— É mesmo aqui que vamos caçar? –ele perguntou trêmulo, Escanor lhe dava arrepios com todas as cicatrizes de batalha no rosto.

— Mas é claro. É onde podemos encontrar os cervos mais gostosos de todo o reino!

A resposta não foi satisfatória para nenhum dos três companheiros. Luccos sempre estivera desconfiado, mesmo se repreendendo pela ingratidão, mas o cenário não deixava espaço para pensamentos positivos, até Eric parecia estar dando ouvido às suas suspeitas. O ex-mago caminhava tenso, mesmo tendo o rosto impassível.

— Não encoste nas árvores, os galhos são venenosos. –sussurrou para o lobo que vinha ao seu lado.

— Eu sei, elas têm um cheiro muito estranho.

Luccos já sabia que seu olfato era muito mais que poderoso, mas estava aprendendo a lidar com ele, identificar o que os cheiros queriam dizer. Sabia bem que cada ser tinha seu cheiro próprio condizente com sua personalidade. Behedit tinha cheiro de grama, meio azedo, mas acolhedor já que o garoto era esquivo, porém amável. Eric tinha um cheiro amargo, ao mesmo tempo que fazia torcer o nariz, também não era tão ruim assim. Ele era mesmo dessa forma, não dava para engoli-lo completamente, ele sempre seria desagradável em certos momentos.

Luccos sabia que eram de confiança, podia contar com aqueles dois, as pessoas mais próximas que ele tinha e teria desde que a tragédia de sua vida aconteceu. Não dava pra arranjar amigos ou ter cabeça para aquilo quando estava tão tomado pelo desejo de vingança, mas aqueles dias foram um descanço merecido para sua mente cansada.

— É aqui que vamos nos ajeitar, rapazes, preparem-se.

As bolsas de couro que os guardas vinham carregando foram largadas no chão, derrubando bestas e lanças espalhadas com outras armas.

— Escolham que arma vão querer. –Escanor disse enquanto escolhia uma lança.

Luccos não pegou nada, mas ninguém comentou, acharam que iria usar suas garras. Behedit pegou uma besta, covarde como era, não teria coragem de atacar o animal diretamente. Eric disse que apenas aproveitaria a visão.

— Bobagem, rapaz, vamos todos caçar, se eu fosse você escolheria uma arma bem afiada.

Mais por receio que por vontade própria, o ex-mago pegou uma lança menor de ponta de cristal entre o arsenal, prostrando-se timidamente ao lado de Behedit, aguardando o que estava por vir.

— Agora vão na frente, rapazes, vamos nos dividir.

Eles obedeceram, caminhando na frente sem se preocupar se a comitiva os estivesse acompanhando ou se estivessem sozinhos.

— Sabem, agora eu preferia não ter vindo mesmo, esse lugar é sinistro demais. –Eric balbuciou no silêncio de uma clareira com cheiro de fuligem.

— Eles não estão à vista. –Luccos disse, erguendo o pescoço para tentar enxergar mais longe com sua visão aguçada.

— Não se peocupem, devem estar na direção oposta, ocultos pelas árvores. –Behedit disse mais pra si mesmo que pros companheiros.

Minutos arrastaram-se e nenhum dos três estava mais confiante.

— Acho melhor a gente voltar, pedimos desculpas depois. –Eric disse.

O primeiro passo na direção do castelo foi impedido por uma lança que cravou-se quase um metro no chão, tamanha a força do arremesso.

— *Filho da puta!* –gritou o ex-mago com a mão sobre o coração acelerado- Olha por onde joga essa merda!

*— É sério que eu errei? Quantos centímetros da perna?*

Nenhum dos dois conseguiu ouvir aquelas frases macabras, mas foi o bastante pra Luccos.

— Eles estão nos caçando. –rosnou- Corram!

E então já não havia mais diplomacia nem fingimento, todos os nobres mostraram sua verdadeira cara e a intenção de Escanor ficou clara.

Iriam caçá-los feito animais.

…

Galhos voavam direto no seu rosto e olhos, mas ele estava correndo por sua vida, afinal.

Pela *segunda* vez.

— Pra que lado fica o castelo? –gritou para os companheiros.

— Não sei! –Behedit respondeu, arfando e suando desesperadamente.

Eric amaldiçoou todos os nobres com os palavrões que conhecia e talvez até alguns inventados, sem nunca parar de correr. Amaldiçoou também sua vida humana e a fragilidade que vinha com ela, sentindo os músculos das pernas queimarem e gritarem para que parasse.

E a dor parou.

Por milésimos de segundos até uma dor excruciante tomar seu lugar.

Olhou para baixo e viu uma lança robusta encravada mais de um metro no chão, prendendo seu pé, esmigalhando os ossos de vários dedos. Sangue jorrava abundante e o ex-mago nem sabia se o som que estava ouvindo era dos seus próprios gritos ou se outro companheiro fora atingido.

— Eric! –ouviu Behedit gritar ao longe, correndo para ajudá-lo.

O garoto caiu de joelhos ao seu lado, destroçando a lança ao meio para poder arrancá-la mais fácil. Com o desespero que o fazia, Eric sabia que aqueles nobres sádicos estavam muito perto.

Antes de perder a consciência, pôde apenas registrar *flashs* de cenas: o braço de Behedit sangrando, rosnados animalescos, o corpo de Luccos no chão.

E então o mundo ficou escuro.

…

Vozes ao longe.

Cheiro de carne assando.

Um rosnado.

Eric acordou gritando, a cena da caçada se desenrolando em sua mente e o desespero enchendo seus pulmões, dando impulso ao grito até que uma mão grande o calou.

— Fecha a porra da boca, Eric, conseguimos escapar, mas eles podem vir atrás de nós de novo. –a voz grave de Luccos era carregada de ódio.

— O que aconteceu? –ele se sentia bem melhor, a dor já não era tão grande- Behedit? Onde ele está?

— Aqui. –o garoto parecia mais acabado que todos eles, o braço estava enfaixado desde o ombro- Eles estavam nos amaciando para depois nos matar, Eric. Nem suaram. Luccos tentou ganhar tempo para fugirmos, mas eu fui atingido no braço e seu pé estava preso, eles chegaram e ficaram encarando a caça acuada. Escanor nem tentou nos matar de verdade, disse que as lanças estavam envenenadas e que todo dia viria para observar a nossa morte lenta. –ele parecia estar a beira das lágrimas- O veneno está nas nossas veias agora… Vamos morrer em alguns dias.

Cada um dos três sentia algo diferente.

Luccos sentia um misto de ódio e dor por todos os cortes e ferimentos que tinha.

Behedit sentia vergonha por ter-se deixado enganar tão facilmente. Afinal, era apenas um garoto mesmo.

E Eric…

Eric não sentia mais nada além de um vazio acolhedor formado por todas as desgraças que sua vida havia adquirido.

— Acho que eu devia apenas morrer, mesmo… -balbuciou para si, virando o rosto para o lado oposto, sem nem ter percebido o lampejo de uma luz ao longe.

Se tivesse percebido, havia apenas duas certezas: aquela luz poderia significar sua salvação e de seus companheiros…

Ou a sua morte.

14

Histórias de guerra

A ferida de Eric sarava lentamente. O ex-mago agora necessitava de apoio para andar e torcia o nariz sempre que olhava para o pé esmigalhado onde uma fina crosta amarelada circundava a ferida.

— O que fazemos agora? Não dá pra ficar correndo por aí pra sempre. –ele disse em meio aos galhos que saltavam em seu rosto de vez em quando.

— A primeira coisa é sair daqui, vai ser uma viagem bem longa e precisamos estar curados para isso. –Behedit já estava bem melhor, a flecha tinha atingido seu braço de raspão, mas a ferida havia infeccionado e foi pura sorte encontrar algumas ervas medicinais naquela floresta raquítica que deixaram pra trás nos dois dias anteriores.

— Precisamos voltar.

Os dois pararam horrorizados ao escutar o que Luccos falava. Voltar? Pra onde? Ele não podia estar falando sério.

— Voltar pra quê, Luccos? Morrer? –Eric perdia a paciência.

— Escanor ficou com os documentos que Behedit trouxe com ele e essa é nossa única prova do que está acontecendo com os humanos… Se não recuperarmos, de que adianta ter sobrevivido? Além do mais, eu sinto que isso é bem maior que todos nós. Se não vierem comigo, vou sozinho.

— Não vamos deixar você morrer, lupino burro. –suspirou Eric.

…

Era alta noite e por todo o caminho de volta eles tinham escutado roncos altos e grunhidos estranhos que todos nós sabemos o que eram.

Estavam cansados, feridos e com sono, não haviam parado de andar nem mesmo quando a noite caíra e Eric e Behedit não conseguiam enxergar o caminho, porém, Luccos enxergava muito melhor no escuro e os guiou.

— E se a gente fosse descansar numa taberna e amanhã… -Behedit tentou, mas logo Eric cortou sua fala.

— Estamos sem moeda alguma, não seja covarde.

Então permaneceram em silêncio até chegarem à entrada do grande castelo real. Sabiam que os nobres estavam em festinhas secretas àquela hora da noite e nenhum guarda iria fazer alarme se os visse, afinal, Escanor deveria ter cuidado deles de uma forma silenciosa. Sua atitude não era a mais bonita de todas, mas a população não poderia saber como vivia o irmão do rei.

Apenas o objetivo dos três os mantinha acordados, a tensão de toda a situação e a dor latente de alguns cortes fundos remanescentes.

Aos sussurros, combinaram de encontrar-se na torre de Escanor. Behedit escalaria até lá em cima e reviraria o quarto do maldito dragão em busca de seus documentos.

— E como é que você pretende fazer isso? –Eric perguntou quando estavam formulando o plano mais cedo.

— Eu sou ágil. –ele respondera sem jeito.

Mas a verdade era outra.

Ali, de frente às pedras que constituíam a torre do irmão do rei, Behedit não poderia escalar apenas com sua agilidade e os outros três não podiam saber daquilo.

Com uma pequena dor aguda, suas mãos começaram a mudar. Os ossos se realinharam, estenderam e afunilaram, as unhas se tornaram tão rígidas que pareciam ossos. Hesitante, ele socou a parede, cravando suas unhas na superfície da pedra o bastante para aguentar o próprio peso.

Os músculos de seu braço eram resistentes e sua força, apesar do corpo magro e pequeno, era imensa. Logo já estava na sacada do quarto, percebendo que tinha cheiro de vazio. Saltou agilmente para dentro e se pôs a procurar em todos os móveis e lugares prováveis onde Escanor poderia guardar os documentos.

*E se não estiver aqui?* Pensava aturdido.

Até que um *clic* chamou sua atenção e lentamente ele se virou, sem ter certeza do que encontraria.

— Behedit? O que está fazendo aqui? –era a voz de Karen.

…

Caermod era um território totalmente cercado pela Grande Floresta que escorregava por todo o reino, como tentáculos de uma criatura viva. E ela *era* viva, assim acreditavam os lupinos que viviam dela. Aqueles que desejassem chegar à capital de Caermod deveriam atravessá-la e existiam muitos caminhos para isso, alguns perigosos, outros mais que seguros, tudo dependia de quanto dinheiro você possuía e como conseguia se proteger.

Alguns lupinos vagabundos gostavam de saquear aqueles pobres nobres que atravessavam a Estrada do Enforcado, a maior rota para Caermod, e também a mais perigosa. A estrada era margeada de um lado pela floresta cheia de criaturas sanguinolentas e ferozes e do outro por ladrões nobres que roubavam apenas aqueles que tinham dinheiro. Mas a pergunta que fica é: como pode ser a rota mais segura para Caermod? Logo vejo que você não é um nobre por estar fazendo esta pergunta.

A única coisa que aqueles que tinham posses e moedas iam buscar no lar dos lobos era problema. Nenhum negócio ético ou dentro da “lei” de Serith foi consumado pelos que conseguiram lá chegar com todos os seus pertences. Então a questão está respondida.

A rainha Ofélia ignorava toda essa… “Realidade”… Em troca de alguma paz dentro da cidade e nenhum dos saqueadores reclamava, já que sua renda era imensa mesmo que só um ou dois nobres passassse a cada lua. Todos eram trouxas o suficiente para trazerem carroças e carroças de ouro, até chegava a parecer um tributo.

E naquele dia fatídico que nada tinha de especial, as linhas de uma nova história começavam a se enredar. Se os protagonistas desta história soubessem o que iria acontecer, talvez tivessem se apressado mais, porém, talvez tenha sido bom, não sabemos o que o destino reserva para cada um de nós.

Nem mesmo se ele existe.

E bem ali estava alguém que não acreditava nesta palavra. Não que mais alguém o visse, camuflado como estava num imenso arbusto à margem da estrada.

Logo o barulho de cascos de cavalo começou a reverberar nas pequenas pedras, sacudindo-as de um lado para o outro.

*Hoje é um dos grandes,* pensou o lobo consigo mesmo e as folhas desobedientes do arbusto que teimavam em entrar em suas vestes.

O primeiro cavalo despontou no horizonte da estrada, trazia um carregamento de cereais, segundo o olfato poderoso do lobo à espreita. Mais um, dois, três, logo toda a comitiva estava a vista.

Um assovio.

Algumas dezenas de lobos saltaram de árvores e arbustos, desacordando os primeiros montados a cavalo, desorganizando toda a comitiva. O caos se instaurou quando toda a situação ficou clara para os nobres em suas belas conduções. Libertaram suas espadas empoeiradas das bainhas, prontos para qualquer coisa, mas logo estavam no chão, com um ou dois dentes faltando.

— O que vocês querem? –gritou um nobre, cobrindo a boca ensanguentada- Pago quantas carroças de ouro forem preciso, mas não os matem!

O maior dos lobos, líder da matilha obviamente, saltou à frente de alguns que se divertiam com a cena.

— Vampiros… -cuspiu enojado, quase acertando a bota lustrosa do vampiro- Não queremos matar ninguém, só vamos pegar o que você não precisa tanto quanto nós.

A matilha de 30 lobos uivou, deixando claro que apenas seu líder tinha algum intelecto.

— Eu lhe imploro, senhor, me deixe completar minha viagem, pode me manter como refém, peça quantas carroças de ouro quiser, não me importo de pagá-las, apenas me deixe completar a viagem!

O vampiro falava tão rápido e desesperado que quase não pôde ser ouvido, mas Mart tinha uma audição melhor do que a maioria dos lupinos.

— Pra quê tanto desespero, meu bom rico? Não se estresse, vamos deixar você passar em segurança, mas seu ouro fica. –seu sorriso alargou.

— Eu lhe imploro, o ouro tem que ir comigo, senhor.

Lágrimas começaram a escorrer do rosto pálido do vampiro, algo que Mart não presenciara em todos os seus 150 anos.

— Minha família depende disso… -completou, em prantos.

— Se acalme e me conte direito que diabos está se passando.

A matilha inteira torceu o focinho, não era do feitio de Mart ouvir nobres vagabundos, mas também não era do feitio destes mesmos nobres chorarem como crianças, principalmente os anormalmente orgulhosos vampiros.

…

Depois de ouvir apenas a introdução da história e farejar a verdade nas palavras do vampiro, Mart tomou sua decisão.

— Mantenha sua palavra e eu manterei a minha, velho.

A noite passou-se de forma tensa, todos os lobos rosnavam para o nobre vampiro e sua comitiva, mas ninguém ousava atacar, respeitavam e temiam seu líder demais para isso. Ao raiar do sol, todos já estavam prontos para partir e o ponto de encontro havia sido estabelecido.

Segurando o ombro do nobre com firmeza, Mart ameaçou:

— Eu posso sentir o seu cheiro até em outro território, então não faça besteira, velho, na próxima lua quero meu ouro.

— Você o terá.

A resposta não veio carregada de temor como Mart esperava, mas confiante e aliviada.

*Pelo menos coragem o filho da puta tem,* riu consigo mesmo.

…

Ao redor, apenas burburinhos sobre festas e rapazes bonitos, coisas fúteis que apenas diminuíam o pouco intelecto das moças nobres.

— Não demora muito e todas elas começam a trinar como pássaros. –murmurou uma bela moça de cabelos brancos como neve para uma outra ao seu lado, de cabelos anormalmente rosados.

Ambas riram, atraindo a atenção do resto.

— Que piada nossas meninas exóticas estão contando agora?

Nem a albina ou sua colega responderam. A primeira por puro e simples medo e a segunda por enfado.

— Nif, *vam’bora* daqui.

A albina obedeceu, seguindo-a até um aposento mais afastado do castelo.

— Não sei por que ainda insistem em agir como crianças, mestiços já não foram aceitos pelo rei há séculos? –Nif ronronou entristecida, sua voz era tão suave quanto uma harpa, melodiosa.

— E você acha que a nova geração liga pra isso? Acostume-se com o fardo, minha amiga, você ainda tem mais uns 1000 anos para aguentá-lo.

Lyse sempre conseguia ser a voz da realidade, tão suave quanto um soco no estômago. Vivia sempre mal-humorada, a calmaria e chatisse de Lyenis a sufocava e a seu espírito aventureiro e impetuoso.

— Como acha que Catrina está? –Nif voltou a falar depois de um tempo, estavam passando pelo corredor cuja passagem secreta dava acesso próximo ao quarto da outra amiga.

— A gente já causou problemas demais pra ela, não dá pra chegar lá e sujar ainda mais a reputação da irmã do primeiro príncipe.

— Somos suas amigas, isso importa mais, vamos.

As duas embrenharam-se na passagem atrás de um quadro e percorreram alguns longos e empoeirados túneis, sujando seus belos vestidos com teias de aranha e séculos de poeira. Por fim, chegaram ao corredor do quarto de Catrina.

— Cat? –Nif chamou, batendo duas vezes na porta.

Não demorou mais que alguns segundos para que a porta fosse aberta, mas a amiga não estava lá, então ambas entraram, encontrando-a sobre a cama, enroscada em cobertores macios e espessos.

— Como você está?

— Com medo, muito medo. –respondeu a voz trêmula e chorosa de Catrina.

— Vamos apoiar você, Cat. –Lyse disse, sincera e cautelosa.

— Não deviam se envolver demais, podem ser prejudicadas.

Catrina era sempre doce, como havia sido ensinada na realeza, até seus encaracolados cabelos loiros pareciam exalar educação, algo irritante se você não fosse amiga dela por décadas, como Lyse e Nif eram.

Amigas estranhas aquelas, uma mestiça excluída e a filha de um general morto que desejava apenas aventuras e emoção.

— Quando o sol raiar, tudo será feito e meu pai voltará para casa, acredito. –as lágrimas beiravam seus olhos azuis, quase despencando pela face pálida.

— E por que ainda não está tão acomodada? Falta muito pouco tempo.

Lyse, em sua inocência de achar que todos tinham a mesma coragem que ela, ainda procurava algum sinal de que Catrina iria ver seu pai enquanto a troca fosse feita.

— Está louca? A irmã do primeiro príncipe não pode se aventurar fora do castelo por qualquer motivo!

A face rosada de Nif demonstrava sua confusão.

— Qualquer motivo? Mas é o seu pai, você não deveria estar mais preocupada com ele do que com sua reputação?

— Estou preocupada com ele, apenas que trarei mais problemas que soluções se for ao seu encontro. Tudo correrá bem e o país verá como a Família Real lida com problemas.

— Só que o país não tá nem sabendo disso, sua estúpida. Octávio não ia dar motivo para zombarem dele, então não tem pra quem se exibir. –Lyse disparou sem piedade.

Nem a doce e meiga Nif se intrometeu, de sua forma suave, ela pensava a mesma coisa.

Catrina permaneceu muda, surpresa com as palavras da amiga. Esperava uma atitude mais amigável, dada a sua difícil situação…

Logo se via que estava decepcionada, bem mais que decepcionada.

— Saiam do meu quarto. Não quero vê-las por aqui até a próxima lua.

Horrorizada, Lyse foi a primeira a sair, depois Nif. O olhar de tristeza no rosto da albina quase fez Catrina mudar de ideia, mas logo ela lhe deu as costas e a vontade se foi.

Já no túnel de volta ao lado do castelo ao qual as duas moravam, a voz de Lyse reverberava pelas pedras.

— Aquela… *Cobra!* Como ela pode pensar apenas na Família Real quando seu pai foi atacado por uma matilha inteira de lobos? É inacreditável!

Nif mantinha-se resguardada em seu silêncio, mesmo, novamente, compartilhando a mesma opinião que Lyse.

— Egoísta! Criaturinha sórdida!

Foi só quando a vampira esquentada socou a parede, fazendo-a estremecer, que Nif se pronunciou como se fosse a calma e serenidade em pessoa.

— Calma, Lys, ela não faz por mal, foi assim a sua criação.

— Eu não tô nem aí, isso é bom senso, não é educação. Será que aquela cobra nem sabe amar?

Nif sorriu.

— Você entende bem sobre amor, não?

Lyse mostrou suas presas, mas Nif não estava sendo sarcástica, ela nunca era. As vezes ela sabia mais sobre alguém do que ele mesmo, algo assustador, mas um dom ainda assim.

— Mesmo que ela não vá, gosto muito do velho pra deixá-lo ser brinquedo de lobo.

Sua ira já havia abrandado, mas não deixou Nif menos preocupada.

— Veja o que está dizendo! Sabe que nenhuma de nós pode sair a hora que quiser e quando quiser, precisamos de permissão.

— Não se ninguém souber.

O sorriso de Lyse era o que mais assustava Nif, mais até do que a aventura que provavelmente viveriam.

E ela odiava aventuras.

…

Era madrugada alta quando dois vultos tão rápidos quanto vampiros podiam ser atravessaram o pátio pelas sombras altas ao redor das paredes. Ninguém os percebeu, afinal, vampiros têm boa visão, não audição.

Assim que alguns outros vampiros que cuidavam de uma carroça enorme deram as costas, os dois vultos saltaram para dentro sem fazer esforço algum, menos ainda algum barulho.

— Isso é loucura. –disse o primeiro, era a voz suave de Nif.

— Quanto mais louco melhor. –respondeu o segundo, era a voz inconsequente de Lyse.

— Como sabe que é esse?

— Não tá vendo a quantidade de ouro? Só carregamentos reais movem essa quantidade e eles não são feitos na surdina, só pode ser esse, se não for, pelo menos a gente sai dessa merda de lugar arrumadinho.

O coração de Nif acelerou. Elas podiam parar em qualquer lugar de cada território do imenso reino de Serith, essa não era uma informação agradável quando se conhecia pelo menos um pouco da história do reino mencionado.

— A gente pode morrer! Você não se importa com isso, não? –a voz da albina exalava pânico.

— Não vamos morrer, fica quieta, eles já vão sair.

A carroça começou a se mover devagar, rangendo suavemente suas rodas por sobre as pedras no caminho. Atravessaram o imenso portão que só era usado pelos membros da realeza quando queriam sair despercebidos e logo estavam rodando suave e rapidamente sobre a estrada que dava acesso à saída do território.

Não era uma comitiva grande, o objetivo era ser discreto. Até os cavalos e adornos não tinham nada de especial, nenhum ponto de ouro sequer à vista.

E as duas vampiras só teriam de esperar dois dias para saber o desfecho de sua aventura.

15

Emissária das trevas

Tinha muito mais gente do que Kaira havia previsto para aquela noite. Talvez os magos da Redoma não tivessem tanta diversão quanto ela supunha em seus momentos de raiva, mesmo que soubessem que ali não havia apenas magos, mas uma infinidade de outras raças e, principalmente, bolsos cheios de moedas.

— Damas e cavalheiros cujas moedas esperam ser bem gastas, bem-vindos ao meu humilde show e espero que voltem amanhã à noite.

Ela saltou de dentro de uma cortina vermelha feita de seda, vestida em poucas e sedutoras roupas, o rosto pintado, mal podia-se perceber sua pele morena e os cabelos escuros, menos ainda os olhos amendoados.

— Devo perguntar: já viram um dragão adulto na sua forma mais elegante? –ela continuou, sua voz animada fazendo a plateia aos poucos prestar atenção- Pois este aqui já cresceu demais, mas insiste em não sair das fraldas!

Um dragão saiu das cortinas vermelhas, apesar de enorme e feroz, usava fraldas e chupava um dedo de garra afiada.

A multidão começou a rir.

— Que bonitinho ele, será que alguém quer levá-lo pra casa? Manterá sua lareira acesa eternamente!

O dragão saiu correndo para debaixo das pernas de Kaira, tentando se esconder da multidão que ria e gargalhava, mas Kaira precisaria ter mais de dois metros para esconder aquele bicho enorme.

O show seguiu por mais duas horas e a maioria lhe jogou moedas no palco, deixando claro que voltariam depois. Kaira sorriu, tinha sido uma noite proveitosa.

Já quando não havia mais ninguém a espera de show algum, afinal eram altas horas da noite, ela se recolheu para a segurança das cortinas de seda. Lá dentro, um compartimento não muito pequeno, mas claustrofóbico demais para seus 4 ajudantes, havia uma variedade curiosa de seres.

Um dragão bebê do tamanho de uma das pernas de Kaira agarrava-se na corda usada para subir a cortina enquanto uma elfa tentava pegar-lhe a cauda, aparentemente porque balançava de um jeito muito fofo.

O tal dragão enorme de fraldas estava lá também, reduzido a um humano alto e musculoso de pele cor de ébano.

— Hoje foi proveitoso, né? –ele perguntou, dando uma especial encarada nas pernas da morena.

— Bastante, talvez a gente possa até comprar coisas novas. –respondeu animada.

A última figura estava no canto, isolada.

— Aleph, o que achou de hoje? –Kaira voltou a falar, se dirigindo ao ser antisocial abraçado às próprias pernas.

— Bom… -resmungou em resposta.

— Tão falante que dá até orgulho, essa menina. –o gigante caçoou.

Ninguém deu atenção ao seu comentário.

— Vamos ficar por aqui apenas mais duas noites, pessoal. –Kaira falou para seu pequeno grupo- Apenas o suficiente para eu conseguir o extra.

Se você soubesse de que tipo de extra Kaira falava, provavelmente a repreenderia e diria que existiam muitas outras formas mais honestas de conseguir dinheiro, mas isso porque sua realidade é diferente da de Serith.

Lá, você só é útil se for mais poderoso que alguém ou útil a alguém poderoso. Fim. Não havia como subir na hierarquia das raças se você viesse de uma classe inferior ou mesmo de uma fanília sem renome. A única forma de fazer isso era entrando num dos Sete Exércitos, o que significava que você poderia morrer no processo, como Deniel, lembram-se dele? Mesmo que não tenha morrido no tal processo, Deniel não gostou do lado benéfico de se dar bem como soldado: havia dinheiro de mais e vida de menos.

É por este motivo, apenas por este estúpido motivo, que muitas vidas haviam sido esmagadas embaixo da pobreza e rejeição, por viverem num reino onde a forma como você nasce é mais significante do que o que você faz.

Mas chega de falar sobre isso, não é muito relevante para a narrativa…

…

Seu melhor vestido se enroscava em suas curvas perfeitamente, sem torná-la vulgar ou extravagante demais. Caminhava confiante e segura do que queria conseguir, mas, por fora, havia uma expressão doce e suave, quase tímida.

— Você é ainda mais linda sem aquela pintura toda. –ele disse assim que a viu.

— Obrigada. –Kaira sorriu, deixando uma pausa dramática no ar para que a admirasse e às suas belas curvas- Onde vamos?

— Quero que conheça meu lugar favorito, se interessar-lhe.

Kaira acenou. *Mas que filho da puta, tá tentando falar de um jeito humilde só pra se igualar à minha inferioridade, mago desgraçado…*

Ela continuava sorrindo, parecia que toda a simpatia do mundo estava dentro de seu pequeno e ágil corpo.

— Mas é claro que sim, e onde seria?

O mago pegou sua mão, guiando-os por entre as pessoas que seguiam o caminho oposto.

— É uma surpresa, mas acho que você vai gostar.

Kaira refletiu se não era melhor enrolar um pouco mais, afinal, surpresas eram sempre perigosas.

Por fim, decidiu que arriscaria.

Caminharam num ritmo suave, para que Kaira apreciasse aquela parte da Redoma, parando de vez em quando para entrar em alguma barraca interessante ou comprar algo bonito.

A maioria era apenas fingimento, Kaira não se interessaria por coisas extravagantes como as que os magos costumavam vender, mas apenas uma barraca lhe chamou a atenção. Estava isolada das outras, a última na entrada de uma rua sem saída.

— Podemos ir naquela? Diz que ela lê o seu futuro.

O mago torceu o nariz para a inocência de Kaira e deduziu que ela deveria morar bem no centro do submundo se não conhecia as superstições e fatos acerca de previsões do futuro. Ninguém entrava naquela barraca, nem ao menos chegava perto.

Mas eles entraram.

— Meu nome é Circe, o que querem que mostre pra vocês?

*O que tem debaixo da fenda dessa saia,* pensou o mago. Bem… Seu futuro podia até não ser lido, mas talvez ele fizesse outras *leituras* mais tarde.

— Eu quero saber em que lugar o maior acontecimento da minha vida se dará. –Kaira disse, empolgada de verdade.

—E você, meu jovem?

O mago ainda se perdia no decote generoso da cigana. *É de propósito, só pode ser, ninguém mostra tanta pele assim por nada… Ciganas… Sempre vulgares.*

— Não tenho perguntas, talvez volte quando surgir alguma. –ninguém notou seu tom de voz ousado.

Até porque Kaira estava analisando as expressões concentradas da cigana e aguardando quando sua resposta viria.

— *No monte Akish.*

A morena deveria ter sentido um impacto maior, mas não sabia onde ficava o monte Akish.

— E onde seria?

— Uma pergunta por consulta, querida.

Era só uma informação geográfica, nada demais.

— Vamos. –indignada por ser cobrada por uma simples informação, Kaira arrastou o mago para longe da barraca.

— Satisfeita com a resposta? –debochou ele.

— Mais ou menos, onde fica esse tal monte? Eu queria ir lá.

O mago suspirou, era muito longe e não valia o sacrifício para conseguir aquilo que ele queria tanto desde que viu a dança e os movimentos de Kaira na noite anterior.

Foi exatamente por isso que ela mesma o empurrou na esquina mais próxima, era escura e a luz do pôr do sol não chegava muito embaixo, ou seja, o crepúsculo favorecia o anonimato do… Casal?

— Por favor… -ronronou Kaira, permitindo que o mago tivesse um prelúdio da sensação de possuir seu corpo ao encostar suas curvas nele- Não vai tomar muito do seu tempo, vai?

Como visto, este era um dos dois tipos de mago que existiam em Serith: aquele que resolvia pensar apenas com a cabeça de baixo. O outro usava apenas a cabeça de cima, felizmente.

Sentindo os peitos macios de Kaira, ele quis atacá-la ali mesmo, mas sabia que seria mais proveitoso se fizesse o que ela estava pedindo antes, assim teria mais prazer com a gratidão e submissão dela.

— Certo, mas não podemos demorar muito. –fingiu que não estava ereto, algo muito forçado, considerando que se esfregou em Kaira quando sussurrou em seu ouvido:- Espero uma boa recompensa quando voltarmos.

Se não fosse tão burro, teria visto que aquele sorriso não era malicioso nem de confirmação.

Era de puro e simples nojo.

…

O vento espalhava seus cabelos escuros e não deixava que visse direito onde estava pisando. Num dado momento, seu pé resvalou em algumas pedras e ela as ouviu descendo a montanha abaixo, fazendo *plops* e *cracks* enquanto batiam violentamente em outrras rochas e elevações pontiagudas. Com certeza seus ossos fariam barulhos semelhantes.

— Falta muito? –perguntou trêmula.

— Só um pouquinho.

“Só um pouquinho” depois eles estavam diante de uma caverna imensa e antiga. Como magos, eles quase podiam sentir o cheiro da magia ali.

— Então é neste lugar que eu terei minha maior realização? -sussurrou, esperando uma resposta de qualquer pessoa.

Como a resposta não veio, ela mesma foi buscar.

— Não acho que a gente deva ir entrando assim, sem mais nem menos. Pode ser perigoso, sabe?

— Se não tiver nada, a gente pode aproveitar de outra forma. –Kaira disse, sugestivamente.

Motivado, o mago a acompanhou durante o trajeto escuro.

Tudo que viam eram pedras cinzentas, rochas com pontos brilhantes como prata e algumas plantas fluorescentes, esverdeadas, que luminavam o caminho dos dois até o que parecia a entrada de uma mina.

— Esse lugar é antigo, não vamos nos arriscar.

— Ah, eu te protejo.

Kaira o puxou para si, beijando a boca que ela queria evitar, mas até que era gostosa. Um pouco animada, passou a usar sua língua, atiçando o mago.

Provavelmente seria ali onde o joguinho dos dois acabaria, afinal, ambos sabiam o motivo pra todo o fingimento, porém…

Poeira caiu no espartilho recém-tirado de Kaira, atraindo sua atenção. Logo uma chuva de poeira e pó de pedra caía sobre os dois.

— Parece que isso vai desabar. –alertou o mago, já livre de todo o fogo anterior, assustado demais para focar nos seios quase descobertos da maga.

— Vamos embora daqui.

A luminescência das plantas guiava os dois ao longe, distantes o bastante para fazê-los se desesperar. E se não chegassem a tempo? O teto da caverna caía cada vez mais rápido e os pedaços de rocha aumentavam de tamanho absurdamente, quase esmagando o mago em determinado momento.

Faltavam apenas 10 metros e aquilo já havia se tornado uma corrida pela vida, nenhum dos dois queria morrer esmagado ali embaixo e ambos eram *elementais*. Não fortes o bastante para criar vida do nada e impedir a caverna de desmoronar.

Kaira estava ficando pra trás, tropeçando nas rochas que pareciam cair bem onde ela ia pisar.

— Me… Ajuda aqui!

Mas o mago nem se virou até chegar à frente da caverna onde estava seguro do desabamento, encarando a triste jornada que Kaira ainda tinha até estar segura.

*Ela vai morrer ali,* pensava sem realmente se importar. *Nem foder ela eu pude, mas não tem problema.*

E apenas observava enquanto Kaira ganhava cortes e sangrava ao desviar das rochas, arranhando-se toda. Sua roupa estava em farrapos e ela estava cansada, estranhamente cansada.

*É, parece que a maior realização da minha vida será morrer, que estúpido…*

Ódio. Frustração. Raiva. Tristeza. Ressentimento. Mágoa… Todos os sentimentos mais profundos de uma vida inteira se mesclaram em seu coração atordoado e esmagado pelo desespero enquanto ela aceitava que aquele era seu fim, caindo de joelhos no chão sem esperanças de conseguir sair dali.

*O que de importante eu fiz na vida mesmo?*

O pessoal da Companhia ficaria triste com sua morte, mas arranjariam uma apresentadora melhor e ninguém mais sentiria falta dela, porque nem família para chorar sua morte Kaira tinha. Logo que substituída, ela deixaria de fazer falta.

Sua existência seria esquecida.

…

O mago já dava as costas àquela maldita caverna que quase o matou e sorria por ter se livrado de mais uma.

— Que maneira estúpida de morrer, e tudo por causa de uma cigana…

Virou-se para dar uma última olhada e percebeu que as rochas não tinham tapado a entrada. *Será que ela morreu mesmo? Preciso verificar…*

Ele temia que sua reputação fosse arruinada caso Kaira ainda estivesse viva e o acusasse de não tê-la salvo quando podia. *Saco,* pensava, retirando apenas algumas pedras até poder enxergar o corpo de Kaira.

Ela não parecia morta, apenas inconsciente, mas, ao verificar sua pulsação, o mago percebeu que o coração dela não batia mais. Seu corpo estava gelado, como acontece com um mago quando ele morre, mas a pele ainda continuava morena e rosada pelos machucados, ainda não ficara pálida como a luz da lua.

— Você me fez ter um grande trabalho, sabe? Tudo isso só pra morrer aqui, sem ser aproveitada. Seu corpo vai apodrecer e ninguém vai saber o que aconteceu… Acho que posso tirar alguma coisa disso...

Virando o rosto de lado, sentiu o aroma que os cabelos da morena tinham e concluiu que não iria passar por tudo aquilo sem nem ao menos foder alguém.

Mesmo que fosse uma mulher morta.

Ninguém saberia, não é?

*Não é?*

*…*

Quando ele voltou pra casa, estava pensando no quanto tinha sido gostoso aquilo. Será que foi por que Kaira era toda apertadinha? Parecia até virgem. Bem… De qualquer forma, ele precisaria experimentar mais para poder comprovar isso.

Caminhava disperso nesses pensamentos quando um dos companheiros dela apareceu em sua frente. Estava nervoso e preocupado com todo o tempo que ela estava fora.

— Mas ela voltou sozinha mais cedo, há umas duas horas, eu acho. –respondeu displicentemente, sem culpa alguma.

O homem lhe agradeceu e foi embora.

*Ninguém vai saber mesmo.*

…

Estava tudo tão escuro, não dava pra enxergar nada.

Ela tentou erguer a mão na frente do rosto, mas ainda não via nada.

*Onde é que eu tô?*

Aromas, sensações, arrepios… Seu corpo todo convulsionava com informações diferentes. Mesmo não sabendo nem vendo onde estava, ela *sentia*.

Sentia que estava na mesma caverna de mais cedo, as rochas ainda estavam ao seu redor e a brisa fria corria por todo seu corpo livremente.

*Eu estou nua? Mas por quê?*

Tocou o braço esquerdo que ardia e uma imagem embaçada se formou na sua mente.

*O homem apertava seu braço com força enquanto seu corpo movia-se num ritmo frenético.*

— Mas que porra…?

A dor veio lascinante, bem no centro do seu cérebro, parecia. No reflexo, levou as mãos à cabeça, tentando diminuir a dor…

*Agora ele puxava seus cabelos com força, ela estava morta, não importava a intensidade.*

— *Ahhh!*

Kaira caiu de joelhos, parecia que sentia a dor novamente.

Afastou as mãos, percebendo mais ou menos o que estava acontecendo. Sentia toda a dor espalhada por seu corpo e sangue quente escorrendo pelas suas pernas, assim como trilhas secas que iam até seus tornozelos.

Ela compreendeu e, com abundantes lágrimas descendo por sua face mutilada de cortes, guiou as pontas dos dedos por todas as partes que doíam em seu corpo.

*Ele sentiu o perfume do seu cabelo primeiro e depois arrancou seu espartilho com violência, a pele ficara vermelha, mas um sádico gosta de ver a pele de uma mulher sangrando. Enquanto ajeitava a posição de suas pernas para poder adentrá-la, mordeu violentamente aquele pescoço rosado, sentindo a pressão dentro dela. Estava um pouco seca, mas ele gostou mesmo assim. Tanto que repetiu três vezes, brincando com cada parte do corpo macio daquela mulher enquanto urrava de prazer, se é que podemos chamar assim.*

— Doente… -Kaira sussurrou depois do choque daquelas cenas se desenrolando em sua mente.

Primeiro foi o choque. Depois a raiva. Por fim…

O ódio. Puro e simples.

A forma mais pura de ódio que alguém poderia conceber sendo quem Kaira era: uma mulher sem família, uma maga sem talentos especiais e um ser sem nada para chamar de seu.

Um passo de cada vez, ela rumou para fora da caverna, sem prestrar atenção no fato de que as pedras abriam-se, margeando o caminho que ela mesma ditava. E não era aquilo que magos elementais faziam.

Na verdade, eles também não tinham olhos *totalmente* negros.

16

Boas notícias

Pelo menos ninguém havia sido estraçalhado no caminho, era isso que Nif pensava enquanto as duas espiavam furtivamente pela cortina que havia na carroça em que estavam.

Era a primeira vez que as duas se arriscavam em quase duas semanas, mas a comitiva estava parada havia muito tempo, quase duas horas.

— Eles vêm mesmo? –alguém sussurrou perto delas, desconfiado e irritado.

— E eu que vou saber? Mandaram esperar aqui e é isso que vamos fazer.

Nif e Lyse se arrastaram lentamente pelas tábuas do piso em direção à minúscula janela mais próxima para saírem dali e verem o que iria acontecer, mas pararam assim que um barulho alto começou a zumbir em seus ouvidos aguçados.

O cheiro veio antes do que os uivos.

Trinta lobos cervavam as três carroças cheias de ouro e os poucos guardas que as vigiavam. Como lhes foi instruído, nenhum dos cinco guardas se moveu para atacar, apenas ficaram na posição de defesa, caso fossem os lobos errados.

Mas Mart era intimidador o suficiente para afastar qualquer outro bando.

— Ganhamos um bônus, rapazes! Ao invés de duas, trouxeram *três* carroças. –seu braço estava ao redor do pescoço de um vampiro que Lyse logo reconheceu, era o pai de Catrina- Só tem um probleminha… Por que há dois vampiros dentro das nossas belas carroças de ouro? Acaso estão tentando nos emboscar?

Os guardas, tendo noção de que a vida de seu Lorde dependia daquilo, prontamente abriram carroça por carroça até chegarem às duas clandestinas e arrancarem-nas de dentro.

— Mas o que diabos estão fazendo aqui? –gritou o pai da melhor amiga de ambas.

— A gente só queria ver se tudo ia correr bem. –*porque sua filha tava’ pouco se lixando pra você,* pensou Lyse.

— Não pensaram nos riscos? Estão loucas! –o velho estava furioso- Até você, Nif? A mais sensata de todas as três.

Mart não sabia muito bem o que pensar de tudo aquilo, mas manteve-se calado enquanto o velho dava um sermão nas duas garotas.

Mas não era só por isso que ele estava calado.

*Nunca vi uma mulher de cabelos brancos,* pensava ele enquanto admirava os fios sedosos e albinos de Nif ao vento. Seu pequeno corpo se retraía em vergonha quanto mais o velho vampiro gritava e isto esmagava o coração duro de Mart. Uma mulher tão linda não deveria sentir-se oprimida como obviamente Nif estava se sentindo.

— Já chega, velho, elas estão arrependidas, não estão, garotas?

Lyse nem olhou pra ele. Era um lobo e não merecia nem seu olhar, mas Nif sorriu com a gentileza do ser que tinha a aparência mais assustadora que ela já vira. Mart tinha músculos que não mentiam sobre sua força assombrosa, além de presas muito brancas e afiadas. Em suma, a aparência de um bando que vivia de saques e violência.

— Com certeza, agora podemos ir pra casa? –Lyse bufou.

— Tão cedo? Não, eu insisto que fiquem mais algum tempo conosco, já está tarde e tem muitos bandidos por aí.

— Não vejo diferença nenhuma em ficar aqui.

Talvez fosse um comentário inapropiado, mas os lobos rosnaram para Lyse. Mesmo sendo corajosa, trinta lobos mostrando suas presas e rosnando pra você é algo que estremece cada osso do seu corpo.

— Não nos compare a simples bandidos de estrada, mocinha. –foi a única coisa que Mart disse.

…

Nif nem sabia que tipo de animal estava sendo passado no grande círculo de lobos em que ela e Lyse estavam sentadas, mas era gostoso. A cada mordida, a albina se sentia culpada por gostar do pobre animal morto.

— Parece que está gostando, é sua terceira coxa. –Mart ria dos dedos e da bochecha lambuzada de Nif.

— Me sinto culpada, mas sim. –ela riu também.

Não houve diálogos amistosos ou piadas contadas ao redor da fogueira, mas o clima não era tão tenso quanto antes.

Lyse, vendo que sua amiga compartilhava risadas com o lobo que sequestrou aquele que ela considerava como pai, tomou o braço da amiga e a arrastou para longe de onde pudessem ouvi-las.

Se ela conhecesse a audição de um lobo, teria saído do território ao invés de afastar-se apenas alguns metros.

— O que tá fazendo, branquela? Eles não são nossos amigos pra ficar rindo assim.

— Nem são nossos inimigos, Lys, nem foram hostis conosco para início de conversa.

— É, mas eles exigiram um resgate pelo pai da Catrina e ainda o mantiveram aqui, como refém, se isso não é ser hostil, então não sei o que é. –Lyse estava ficando irritada.

— Mente pequena como sempre, Lys. –a amiga mostrou as presas- Guarde elas, não é necessário.

— O que tá havendo contigo, hein? Tentando se mostrar pro tal Mart e seus músculos?

Nif quase nunca ficava irritada, aquele era um dos “quase”.

— Não, só acho engraçado como você só vê o que está diante do seu nariz. –ela suspirou com solenidade- Eles não são simples ladrões de beira de estrada, se fossem, não haveria famílias inteiras aqui, ou pais que só possuem tristeza no olhar ao invés do instinto irracional e assassino que se vê em bandidos. Lyse, talvez eles roubem apenas para garantir uma vida para aqueles mais fracos…

O silêncio constrangedor foi quebrado suavemente pelos passos pesados de Mart.

— Eu sinto minha consciência mais leve com a compreensão de pelo menos uma pessoa nesses meus 150 anos. –seu rosto estava sério, nem um pouco zombeteiro como sempre.

— Não queríamos ser invasivas, desculpe. –Nif defendeu-se, achando que havia ofendido o lobo.

Ele riu pela ingenuidade dela.

— Não peça desculpas, você não ofendeu ninguém, criança.

Nif corou, o que era facilmente percebido por ter uma pele tão branca.

— A maioria de nós morava na capital de Caermod e vivia empurrando a vida com empregos meia-boca, mas dava pra levar. –continuou Mart- Éramos pessoas “de bem”, honestas, o contrário de hoje.

A nostalgia de seus melhores dias se fazia óbvia nas palavras de Mart e em seus olhos azuis.

— O que houve para mudarem tão drasticamente? –Nif perguntou, sabendo que Lyse não gostava de lidar com essas histórias, ela nunca sabia o que fazer.

Mart suspirou.

— A Rainha começou a cobrar mais daqueles que não contribuíam quando saqueadores e vagabundos tomaram o dinheiro dela e do território… Estávamos ficando sem o que contribuir e a maioria foi tentar viver em lugares com condições melhores ou que não explorasse tanto a gente, até mesmo onde seus reis sabiam resolver seus próprios problemas, mas se desiludiram como preconceito que nossa raça sofre em qualquer lugar. Aqueles que ficaram foram empurrados de um lado pro outro, se tentavam ir pra algum vilarejo ou floresta no território eram empurrados pra outro lugar por magos e tudo o mais.

— Como assim? –Lyse perguntou desta vez.

— Ofélia vendeu quase todo o nosso território para magos e outros seres que aqui querem fazer pesquisas ou experimentos, então não tem muito lugar em que se possa morar sem invadir a propriedade de outros. Estamos vivendo desta forma por causa dela e sua má administração.

— Isso é horrível! Não tentaram reclamar ou coisa assim?

Mart riu de forma ácida.

— Não sei em que realidade você vive, mocinha, mas este reino não é do tipo que ouve a sua voz se você não tem dinheiro.

Foi com esta frase macabra que a conversa foi encerrada e Mart voltou pra seus companheiros, deixando Nif e Lyse sozinhas novamente.

— Já decidi, Lys.

— Decidiu o quê, diabo?

Nif, a doce e passiva Nif, expressava uma seriedade e segurança anormais para sua figura sempre trêmula e hesitante.

— Eu vou ficar e fazer algo por essa gente.

…

Eu poderia dizer que ali, no Segundo Círculo de Kaerth, que era uma parte nobre da capital do território com o mesmo nome, o território dos elfos, estava um dia perfeito, mas seria pleonasmo porque *sempre* era um dia perfeito naquela área.

*Sempre* era um dia perfeito em Kaerth.

Kael nem mesmo apreciava isso, como todos os elfos, ele estava acostumado demais com a paisagem perfeitamente coberta de azul, verde e o ótimo cheiro dos magos-elfos que passeavam por aquela feira de magia. O Segundo Círculo era onde os mencionados iam para comprar suas poções, trocar coisas e toda uma infinidade de ações que tinham sempre a magia como finalidade.

O Primeiro Círculo era para os “plebeus”, com baixos níveis de magia em seus corpos e cujas ocupações na vida se resumiam a trazer riqueza e utilidade para o território.

E o Terceiro Círculo…

Este era apenas para assuntos que requeriam dinheiro e falta de princípios.

Kael tinha o primeiro, mas o segundo não estava em discussão.

Ele era um Eldar, uma família das mais importantes de toda a nobreza élfica.

O mago-elfo caminhava com um olhar determinado de quem sabe o que está buscando e não vai buscar caminhos que não o leve até lá.

Mas então ele viu aquela *coisa* estranha tão deslocada no meio de elfos de rosto sério e corpos retesados. Aquele ali nem era um elfo, na verdade.

Era um mago.

Andava de um lado para o outro, procurando poções e sabe-se lá o que mais. Não saltitava nem coisa parecida, mas exalava uma aura tão positiva que era impossível não franzir as sobrancelhas e se perguntar o porquê. Kael não deu muito mais atenção até o mago parar bem ao seu lado e observá-lo como se curioso com algo em seu rosto.

— Posso ajudá-lo? –Kael disse, um pouco incomodado com o olhar sobre si.

— Você parece familiar, o seu rosto… Acho que já te vi em algum lugar.

Ele tinha dito aquilo como se não fosse nada, considerando o tamanho de Kaerth.

— Talvez, e como isso pode ser relevante?

— Então você é um daqueles elfos esnobes que não veem nada relevante no que não tem utilidade? –o mago perguntou sorrindo.

Kael permaneceu em silêncio, sem saber muito bem como responder àquela pergunta.

— Essa é a visão dos magos sobre a minha classe? –não havia mágoa em seu tom.

— Não, apenas a minha. Pra mim, quase todos vocês são esnobes e têm nariz empinado demais, não sabem ver as coisas boas da vida.

As coisas que aquele mago mencionava, para Kael, se resumiam às suas descobertas e seus experimentos mágicos.

— Não vejo como esta conversa possa progredir a um nível em que ambos aprendamos alguma coisa. Se me der licença…

E ele realmente já ia saindo, mas o mago lhe agarrou o braço da túnica e começou a andar apressado, carregando Kael consigo e falando entusiasmado:

— Sabe o que te falta? Um pouco de ignorância, para poder perceber que a vida é muito mais do que saber o que ela é… Precisamos vivê-la e senti-la!

E durante toda a tarde eles viveram a vida e sentiram ela, aprenderam um com o outro e conversas foram fiadas sobre o calor aconchegante do sol.

Uma história bonita de aprendizado que perdurou por muitos dias até um em que chovia abundantemente e nenhum dos dois deixou de repor seu estoque de poções e aquele ser que encontraram numa viela quando estavam prestes a separar-se e seguirem seus caminhos não se importava com a chuva caindo em seus cabelos negros e sua longa capa.

Mais uma vez, a história estava sendo mudada com um ato tão simples sob um cenário inusitado.

…

— Isso é inaceitável!

O primeiro príncipe vampiro não gritava a plenos pulmões como a situação exigia, mas seu ódio exalava pela sala de pedras escuras como o eco da morte.

— Como isso foi acontecer? -exigiu saber do mensageiro que abaixava a cabeça diante de sua fúria contida.

Pois todos sabiam: um vampiro realmente bravo é aquele que não mostra suas presas porque sua cabeça está maquinando a morte mais dolorosa para quem lhe despertou a fúria. Aquele trêmulo soldado temia ser ele o alvo.

— S-senhor… -gaguejou, tentando se manter firme- Ninguém sabe o que dizer sobre isso nem como foi acontecer, não há informações e nossos vigias foram mortos, quando resolvemos ir lá foi por falta de informações acerca da fronteira leste.

Octavio socou a mesa de madeira quando associou as informações ao número de soldados mortos *dentro* do seu território.

— Vá ao Sacerdócio e peça que alguns habilidosos em magia revirem os corpos e procurem alguma coisa que nos dê informações.

Alguns segundos longos se passaram sem que o soldado, um tanto chocado pela ordem, fizesse alguma coisa. Octavio, com seu olhar indo de estratégias de guerra às de tortura, voltou-se novamente pro soldado e seu olhar deixou claro que o pouco sangue dentro de seu corpo estaria no chão em segundos se não se movesse.

O soldado saiu correndo para atender às ordens de seu príncipe.

É preciso que uma coisa seja explicada: a ordem que Octavio deu àquele soldado não era simples, nem de longe. Ela implicava em magias que há muito tempo foram proibidas e que apenas os Reis, com seu poder máximo e habilidades para esconder seus erros, podiam continuar praticando. Uma ordem que fora dada pelo simples e primordial motivo de salvar o orgulho de uma raça que não podia mais protegê-lo onde mais gostava de estar: no campo de batalha, sugando sangue dos inimigos e estraçalhando corpos agonizando em dores e feridas abertas.

Talvez por este motivo se tenha uma visão tão romântica e excitada sobre essas criaturas: eram fascinantes porque não se podia entender os meios pelos quais buscavam prazer.

Creio que nunca entenderemos.

…

— E então? Que notícias me trazem, seus inúteis?

Os vampiros mais habilidosos em magia de toda a Valam estavam reunidos naquela sala enorme cujas paredes refletiam luzes bruxuleantes.

E tremiam feito crianças.

— Majestade, nós realmente não sabemos o que lhe dizer e nem como o fazer, mas as notícias são confusas e tentaremos trazer o máximo de clareza ao que nos foi mostrado nos exames.

Octavio esperou. Não xingou mais ninguém ou fez comentários que deixassem aqueles magos-vampiros mais nervosos ainda já que o assunto parecia ser sério.

Sério *de verdade.*

— Os exames mostraram que os nossos guerreiros não foram mortos por armas comuns ou por qualquer magia que seja conhecia em todo o nosso Reino, uma coisa que simplesmente nos assombrou descobrir. -disse o primeiro mago-vampiro de vestes mais escuras.

O segundo se adiantou:

— Seus corpos tinham sido consumidos por algo que pensamos ser veneno, mas que entrou numa quantidade tão pequena e se reproduziu internamente tão rápido que parecia manipulado por magia, coisa que não encontramos em momento algum.

Octavio coçava os cabelos escuros confuso com toda aquela ladainha.

O mago mais objetivo tomou a palavra e resumiu tudo:

— Majestade, em suma, eles foram envenenados com uma quantidade muito pequena de uma substância que não foi manipulada por magia, ela simplesmente parece ser a *própria magia*. Como se numa forma líquida ou qualquer forma que lhe tenha permitido entrar nos corpos dos soldados e chegar em seus corações, matando-os em menos de vinte e quatro horas. A única coisa que temos certeza é que o que matou aqueles infelizes foi a essência de algum ser.

A conclusão pareceria óbvia se todos admitissem que uma das teorias mais loucas em Serith pudesse ser verdade: retirar a essência de um ser e, assim, obter magia “líquida”. Um absurdo, mas era a única coisa que se podia afirmar, tamanha a falta de orientação daqueles seres que deveriam ser os melhores de sua classe.

— Existiu um homem que disse ser capaz disso, não foi? -Octavio perguntou, medindo cautelosamente as informações.

— Sim, Ediar de Élis, senhor.

— Na verdade… -o mago mais objetivo interrompeu- Ediar foi discípulo de Lamar, aprendeu com ele tudo o que passou aos seus alunos e desenvolveu as pesquisas de seu mestre.

As presas do príncipe estavam à mostra.

— E Lamar foi mestre de três gerações anteriores à Ofélia que continuaram aprendendo com Ediar.

Lá fora, como se Os Quatro Elementos pressentissem que rumo Serith estava tomando, os ventos se calaram e o sol se pôs rápido para que os covardes se refugiassem nas sombras e os perversos tramassem seus planos em paz.

17  
Marés da guerra

Octavio esperou dois meses para enfim convocar aquela reunião entre os Sete Reis, cozinhando seu ódio durante todo esse tempo.

Pouco importava se Ofélia tinha cometido um erro, trinta de seus melhores homens em batalha foram mortos por conta de um erro estúpido? Não, pra Octavio isso se tratava de um pequeno plano da Rainha Vermelha para humilhá-lo.

E ele não deixaria por isso.

— Que fique bem claro o que vou dizer a todos nesta reunião. -disse ele a rostos entediados que nunca levaram suas palavras a sério- A partir de hoje Valam corta relações com Caermod e proíbe que qualquer lobisomem adentre nosso território, sendo presos imediatamente se desobedecerem este decreto.

Cada um dos poderosos Reis demonstrou uma forma única de surpresa, mas todos concordavam em uma coisa: era a primeira demonstração de moral e autoridade que Octavio dava em todos os seus 300 anos de regência.

— Mas com que razão você decreta isso, Octavio? -Ofélia perguntou, ainda de olhos arregalados.

— Há dois meses… -um losango de cristal foi posto na mesa e logo ganhou vida, flutuando e fragmentando cada uma de suas minúsculas partes em pontos luminosos que começaram a formar imagens do “campo de batalha” que Octavio falaria em breve- Trinta de meus melhores soldados foram mortos em uma luta de que ninguém tem informação ou memória. Não sobraram almas meio-vivas para contar o que houve e fui obrigado a recorrer de magias superiores para descobrir o que houve. O resultado foi impressionante: descobrimos que apenas cinco lobos descontrolados mataram trinta vampiros envenenados com magia negra!

Ele poderia ter enrolado muito mais e o resultado seria o mesmo, até entre os mais orgulhosos: choque. Os Reis estavam chocados com qualquer uma das raças que não magos das trevas utilizando magia negra.

— Tem provas disso, Octavio? -Livigor perguntou, sério e cauteloso.

— Não estaria aqui se não tivesse.

O cristal girou algumas vezes e novas imagens foram se mostrando. Parecia uma mesa de cirurgia onde alguns vampiros apontavam na direção de outro cristal que lá estava, registrando o momento em luz, pingando algo sobre o coração exposto do cadáver ressequido.

Nuvens de gás de cor azul escura começaram a se desprender do corpo.

Todos os seres mágicos que ainda tinham dúvida acenaram, menos Ery e Walt, humanos sem conhecimento desse tipo de procedimento.

— Perdoe a minha ignorância. -Walt começou, com sua polida voz grave- Mas o que foi que aconteceu exatamente?

Sah'mira tomou a palavra.

— Desde que as primeiras guerras em que magos negros foram usados começaram, nós tomamos cuidado em vigiar suas ações, sem saber se uma hora eles vão se rebelar ou algo do gênero. Este é apenas um dos vários testes em que detecta-se magia negra, mas o mais eficaz. Não só magia negra, mas ele detecta também o caminho que a magia percorreu e que efeito teve. Pelo que vi, ela adentrou as veias e seguiu até o coração, comprimindo-o num emaranhado de veneno e trevas, sugando a vida e a sanidade do vampiro até que não suportasse mais. Pelo corte na garganta, talvez ele tivesse tirado a própria vida por não aguentar tamanha dor.

Enquanto todos assimilavam suas palavras, porque apenas Octavio já as conhecia através de seus magos-vampiros, ela continuou.

— Essa é uma magia muito antiga e proibida em Serith por leis que são mais anciãs que qualquer um de nós. -a dor em sua voz era palpável- Usa a força vital, a essência de um ser, para tirar a vida de muitos e se realmente for isso… Centenas ou milhares vão morrer até que o “veneno” acabe.

Ofélia se empertigou em sua cadeira e levantou, sem conseguir conter sua indignação.

— Octavio, você está fazendo uma coisa muito séria em nos dar o crédito por essa barbárie! Caermod não tem conhecimento nenhum sobre esses tipos de magia e, mesmo que tivesse, não poderia pôr em prática, não somos tão afins com a magia assim.

— É por isso que ainda há um acréscimo em meu decreto. -o príncipe disse- Qualquer mago negro está proibido de pisar em Valam e a aliança entre nós e lady Yz’ra está rompida!

Oberon ficou ainda mais branco do que já era quando escutou aquilo, afinal, ele seria o único rei em acordo com uma maga que, na mente de quase todos, poderia estar fabricando venenos poderosos para tomar o controle do Reino. Numa guerra contra vampiros, dragões e lobisomens, seus elfos seriam aniquilados.

— Ela não está aqui para tomar ciência disso, Octavio. -Reyl'la disse, manifestando o primeiro sinal de vida durante a reunião. Era evidente o respeito que sentia por Yz’ra, mesmo com a tensão de todos.

— Mandei um mensageiro para fazê-la ciente disso, não se preocupe. -respondeu sem muito interesse.

— É impressionante como suas alianças são desfeitas rápido, vampiro. -Ery sorriu com desdém, não fazendo questão de esconder o ressentimento (ou ódio) por aquela raça.

— Estou tentando garantir que os cidadãos que devo proteger fiquem seguros em suas próprias casas sem a ameaça de um veneno que não se sabe a cura! Penso que todos deveriam fazer o mesmo, impedir que os mais suspeitos entrem em seus territórios e façam o que bem entendem.

Ninguém disse nada.

— E, novamente pergunto, qual é sua prova de que tenho algo a ver com isto? -Ofélia questionou atrás de uma fúria contida.

Octavio sorriu.

— Você foi discípula de Ediar de Élis, que aprendeu com Lamar, o único ser que sabia como essa magia funcionava. Toda a sua geração aprendeu com ele. Com um punhado de magos negros, você poderia ir longe, Ofélia. É esta a minha prova: sua ambição não tem limites. Seu povo não sabe o que é ética ou moral, vocês desejam apenas poder!

Ofélia não tinha palavras diante de tamanha estupidez, mesmo que apenas pra ela não fizesse sentido porque cada rosto naquela sala não demonstrou um pingo de solidariedade em sua causa.

Ela, assim como Oberon, estava sozinha diante dos seres mais poderosos que regiam Serith e que não acreditavam mais em suas palavras.

Mas não só isso: seres que agora se olhavam com desconfiança e certeza ao mesmo tempo.

Desconfiança porque sabiam que cada um tinha um plano para aniquilar os demais e certeza porque sabiam que em breve seria o momento de testar quem poderia finalmente dominar Serith por completo.

Os ventos da guerra se agitavam ao longe.

…

Muito mais foi dito naquela reunião, mesmo que o Rei-elfo não tenha registrado mais nada que não dizia respeito ao fato de que uma decisão deveria ser tomada rápido.

— Convoque o Conselho de Casas. -gritou a um servo mais próximo.

O elfo se pôs a correr para cumprir as ordens de seu Rei.

Oberon, sozinho no silêncio da imensa sala de mármore, permitiu-se transbordar a represa de covardia que existia em seu coração duro. Estava ali, naquele trono, não tinha tempo suficiente e ele não estava preparado para levar seus elfos à guerra, porque esta era a certeza em qualquer canto de Serith.

Com a cabeça afundada entre as mãos, ele suspirou, um longo suspiro que equivalia às lagrimas que não podia verter naquele momento.

— Majestade. -um por um, cada representante das Casas mais poderosas de Kaerth foi chegando.

Eram 13 ao todo, sentando-se imponentes em suas poltronas confortáveis num semicírculo ao redor do trono de Oberon.

Um Oberon que agora parecia mesmo um rei, sério e imponente, honrando todo o ouro que havia em suas vestimentas.

— Acabo de chegar de mais uma reunião entre os Reis e não trago notícias boas. -os treze se olharam e empertigaram-se mais atentos- Varlam e Caermod estão em tensão e Octavio rompeu a aliança com Yz’ra, impedindo que lobisomens e magos das trevas entrem em Varlam.

Suspiros tensos e surpresos em todo o salão chegaram aos ouvidos do rei.

— A questão levantada é que, -ele continuou- rompendo também nossa aliança com Yz’ra, deixaremos os magos das trevas a mercê das decisões dos Reis. Se uma guerra eclodir, eles serão massacrados, mas a possibilidade de nos aniquilar também é muito grande, os dragões dobraram o joelho perante eles no passado e conhecimentos foram transmitidos nestes 3400 anos, nada os impede de nos fazer dobrar nossos joelhos também. Esta é uma decisão que precisa ser medida com cautela.

Silêncio.

O Rei ainda sentia que precisava dizer algo:

— Sei o que todos pensam sobre minha aliança com lady Yz’ra, mas, estrategicamente falando, foi algo inteligente.

Alguns elfos abaixaram o olhar como se estivessem arrependidos de pensar tão mal do Rei que visava o melhor para seu povo, mas a maioria permaneceu com o semblante duro e impassível.

— Não questionamos suas decisões, Majestade, apenas auxiliamos. -disse Elryn Eldar, o mais rico dentre os treze.

— Senhor, acredito que devamos reforçar nossas alianças neste momento tão tenso, lembrar a todos o quanto os elfos honram por suas tradições e por seu orgulho. Não podemos nos deixar abater pela tensão entre dois dos menos influentes no círculo de magia de Serith. -disse Kef, o maior dos guerreiros elfos.

A mais sábia, Bertrice, tomou a palavra.

— Livigor possui uma dívida com Kaerth. Quando o antigo Rei-elfo fez com que ele aceitasse estudantes em seu território, formou-se uma amizade e, depois de décadas, Livigor prometeu sua filha Ales em casamento ao filho mais velho do Rei, que nunca teve filhos para honrar a promessa, mas o senhor, Majestade, possui dois filhos saudáveis e muito belos, pode exigir que a promessa se cumpra neste instante.

Quando estivesse sozinho mais tarde, Oberon suspiraria aliviado por não precisar pensar em tudo e por ter um conselho que o guiasse.

À beira de sua cama de dosséis altos e acortinados com a mais fina seda anil, tocou um dos delicados dedos do pé de sua esposa.

Ela se remexeu, mas não acordou.

Oberon também sentiu-se muito mais feliz por ser Rei, do contrário, nunca poderia ter escolhido a mulher que sempre amara para ser a mãe dos dois belos filhos que tinham juntos.

Antes de acariciar os cabelos prateados dela e deitar ao seu lado, pensou em quantas vidas perderia se fosse imprudente em suas decisões e decidiu que salvaria quantos pudesse, porque amava os elfos a quem lhe deram a tarefa de proteger.

Mal sabia o Rei-elfo que não viveria muito mais para continuar protegendo-os e que todo o amor que lhes dera seria o motivo de sua morte.

18  
A volta dos heróis

Mal passara-se alguns meses desde que não era mais mago negro e Eric já soltava frases do tipo:

— Acho que eu deveria agradecer por não ter mais magia dentro de mim nesse momento.

Ele, Behedit e Luccos estavam novamente numa taverna alguns quilômetros distantes da fronteira de Agregora e Caermod, apenas para descansar e repor as energias com uma comida digna que não fossem coelhos ou veados campeiros que Luccos caçava. Logo partiriam.

— Pra um ex-mago, até que você troca de lado muito fácil. -Behedit disse, mais repreendendo que sendo irônico.

— Não me julgue, você não sabe o que é ser caçado como um bicho por algo que você não teve como escolher.

Ele parecia magoado e Luccos sabia que a coisa de que menos precisavam agora era de brigas ou mágoas entre si.

— Partiremos em uma hora. -interviu, lançando um olhar intimidador para Behedit.

Os três tinham moedas em abundância graças a Behedit, que nunca revelou como as conseguira nem o motivo da demora quando fora buscar os documentos no quarto de Escanor. Desde aquele dia, viajavam com certo conforto e num ritmo proporcional à pressa que tinham e o perigo que corriam.

Algumas horas antes chegaram ao pequeno vilarejo de camponeses no extremo sul de Agregora e, para a surpresa dos três, foram muito bem recebidos e nenhum preconceito ou olhar torto ousou insinuar-se.

— Isso nos leva a uma inevitável e triste conclusão. -comentou Behedit quando conversavam sobre o fato.

— E qual é? -Eric perguntou.

— Quanto menos riqueza, maior caráter.

Luccos e Eric assentiram.

— Se bem que… -ele completou, com um sorriso enigmático que nenhum dos dois companheiros entendeu- Existem nobres que fazem jus à alcunha.

Mas estes foram momentos em que se permitiram abaixar um pouco a guarda e pareciam estar muito distantes, mais do que apenas as três horas anteriores.

…

De Agregora até Caermod a paisagem mudava drasticamente de um verde pálido e abundante para diferentes e muito vivos tons de verde e azul, chegava até a doer nos olhos despreparados para tamanho esplendor natural.

Caermod possuía a maior parte da Grande Floresta e isso queria dizer muita coisa, principalmente encontros desagradáveis com criaturas, fossem plantas ou animais, em qualquer lugar escuro e úmido.

— Pra mim já chega! -Eric explodiu depois de matar mais uma planta-sanguessuga e arrancá-la de seu braço cheio de pontinhos vermelhos- Alguém extermine essas malditas! Eu não aguento mais!

Mesmo Luccos, sério e taciturno, as vezes parecendo meio psicótico, riu um pouco da agonia do ex-mago.

— Na próxima vila paramos e compramos um repelente ou algo que mate essas coisas, Eric, não se preocupe. -Behedit o tranquilizou, tentando não rir.

— Vai, se diverte com a minha dor, mais tarde é você que vai estar no meu lugar.

Ambos riram mais.

…

Aquilo não deveria estar ali e mesmo o humano, que nunca saíra de seu território, sabia disso.

Guardas musculosos e envergando armaduras que protegiam tudo que não fosse seu peito duro e seus bíceps trabalhados verificavam as poucas coisas de um casal que tentava entrar em Caermod. Não eram nem um pouco gentis e o casal quase estava correndo na direção contrária quando a revista acabou e foram permitidos entrar.

— Alto! -o primeiro intimou- Identificação e pertences.

Luccos mostrou as presas.

— Behedit Samah, humano. -os guardas riram em escárnio porque o humano não tinha pertence algum.

— Luccos, lobisomem.

Ele também não tinha nada, mas foi tratado com mais respeito por ser um “igual”.

— Eric, humano.

Os guardas prepararam as lanças ao sentir cheiro de mentira e o vento pareceu soprar mais forte os portões de Caermod.

— E por que é que você parece estranho, *humano*?

Luccos, já sabendo que nenhum cheiro vinha de Eric, tomou a palavra.

— Ele foi amaldiçoado por uma bruxa.

Os dois guardas riram, algo assustador em contraste com seus portes físicos de brutamontes.

— Se quer contar histórias, servirá muito bem em nosso acampamento, *filhote*.

Esse era um apelido depreciativo com que os lobos mais velhos tratavam os mais novos, que não afetou Luccos, obviamente. Ele sentiu que deveria ter demonstrado algo com a palavra tão destacada, mas a falta de reação pareceu agradar aos dois lupinos.

— É verdade, senhor. -Behedit tentou ser convincente- Algo haver com roubar frutas do pomar errado.

Os dois lobos se olharam aceitando um pouco mais aquele absurdo já que não muitos séculos atrás se ouviu falar de uma história parecida e, mesmo motivo de piada, a história causava medo entre os que a conheciam.

— Ah, vão embora daqui pirralhos, temos mais o que fazer! -berrou o mais impaciente.

Nenhum dos três hesitou em atravessar o portão e ganhar distância dos dois seres repugnantes que não aumentaram em nada as expectativas sobre o povo lupino.

— Será que todos serão ignorantes assim? -Behedit perguntou, quase torcendo o pescoço para olhar se suas palavras chegaram à audição apurada dos guardas.

Suspirou de alívio pois pareciam tão imóveis quanto antes.

Behedit um dia saberia, mas aquele momento ainda não era o de terror que sentiria ao ter ciência do fato de que, caso fosse um lupino de patente mais alta, estaria vendo presas arreganhadas e nada mais.

A audição desses seres, por mais que fosse evoluída e muito superior a qualquer outra raça em Serith, não funcionava como a maioria das criaturas acreditavam.

Pense numa mosca, irritante e zumbindo em seu ouvido constantemente, mesmo que a abane, ela vai estar de volta em segundos, então você decide ignorá-la, afinal não há o que fazer. Porém fica alerta para que ela não tente entrar em sua boca ou qualquer buraco disponível, implicando em surtos de atenção aqui e ali.

A audição de um lupino era desta forma. Se cada um deles se dignasse a ouvir com 100% de seu poder, estouraria os tímpanos ou a própria cabeça pela enormidade de sons que conseguiriam captar em metros ou quilômetros. Até o mais ínfimo farfalhar de folhas doeria em suas sensíveis orelhas pontudas. Por isso, e por questões de etiqueta, lupinos usavam suas habilidades quando lhe convinham ou eram necessárias.

Aqueles guardas não viam motivo para escutar mais do que as poucas palavras do grupo patético de viajantes. A não ser por Luccos, é claro. Ele era um irmão, e merecia respeito.

— Behedit. -Eric chamou depois de algum tempo, preocupado com a variedade de plantas e árvores que começavam a ver pelo caminho- Onde é que nós estamos?

A preocupação era válida: se estivessem no caminho que ele dissera ser mais seguro, não deveria haver tantas árvores onde criaturas pudessem se esconder. A visão que esperava era de uma estrada de terra batida por milhares de viajantes.

— Na estrada principal, como você disse. -torceu o nariz, ofendido.

— Me dá esse mapa aqui!

Arrancando o mapa das mãos do pequeno ruivo, segundos foram necessários para notar o erro grotesco.

— Puta que pariu! -Luccos, que ainda não controlava totalmente sua audição poderosa, grunhiu com a frase aguda do ex-mago- Nós *não* estamos na estrada principal, seu inútil! Esses seus óculos não estão ajudando mais.

Behedit se encolheu um pouco assustado com os gritos do ex-mago, não esperando ser tratado daquela forma por alguém que nutria sentimentos de amizade.

— Eric, se acalme, gritar não vai fazer o caminho mudar. -Luccos falou baixo, num tom que deixava claro que gritos não aumentavam sua paciência e nem resolviam problema nenhum.

O ex-mago suspirou.

— Desculpe, é que nós estamos na-

A frase morreu no meio do caminho entre um olhar esbugalhado e uma flecha que raspou sua bochecha e fez sangue quente descer até o pescoço.

— Mihrr, você mirou na cabeça do nosso bondoso rapaz? -uma voz muito grave surgiu de dentro das folhas e um corpanzil musculoso a acompanhou- Queiram perdoar esse nosso arqueiro, as vezes o dedo dele treme e coisas ruins acontecem. Por exemplo agora, seu dedo pode tremer de novo se vocês derem motivo.

Luccos, num instinto protetor que só despertou por saber que era o mais forte do grupo, se pôs na frente dos dois companheiros e mostrou as presas de forma ameaçadora.

— O que querem? -perguntou baixo, sentindo que sua paciência iria se esgotar com tantos se esforçando para tal.

— Um irmão entre humanos! Vejam só! -risadas ecoaram e rostos começaram a aparecer.

Quinze no total.

Quinze contra um único lupino-humano que nem poder sobre seu próprio poder possuía.

— Relaxe, rapaz, já vimos que não vamos ganhar nada de vocês, mas seria estranho não dar as boas-vindas a um irmão cansado da viagem, queira nos acompanhar para uma bebida quente.

O sol se punha ao longe, um espetáculo que nenhum daqueles seres, fosse humano ou besta, poderia acompanhar.

— Temos pressa em nossa viagem, não podemos perder nem um minuto. -a posição defensiva de Luccos ainda estava lá, o que demonstrava que não confiava em nenhum daqueles lobos.

— Já disse pra relaxar. -a voz agora era grave, não mais zombeteira- Meu nome é Mart, quem são vocês?

Luccos sentia o controle se esvaindo.

— Nós vamos embora, precisamos prosseguir viagem.

Fez um sinal para que Behedit e Eric, que tremia de raiva, fossem andando, mas um dos companheiros de Mart segurou os dois pelo braço de forma que o pobre Behedit gritou.

Foi apenas um acidente, lupinos são fortes demais para humanos, mas foi o limite de Luccos.

Rosnando como uma criatura do inferno, ele saltou no lupino e arrancou-lhe alguns pedaços de carne quando suas garras rasgaram o rosto do pobre coitado.

A reação dos outros fora imediata, sentiam que havia algo de errado com aquele lobo e tentaram intervir, mas Luccos estava descontrolado. Suas garras eram bloqueadas por escudos grosseiros que só tinham essa chance duas vezes, depois se despedaçavam e seus donos enfrentavam golpes ou presas muito afiadas que arrancavam pedaços pequenos de carne.

Luccos cuspia a cada vez que sua boca se enchia de sangue alheio, lembrando os momentos traumáticos de dois anos atrás.

Essa foi a gota d’água.

Diante de quinze rostos assombrados de dor ou desespero, a forma de um lobo de quase dois metros emergiu. O pelo lustroso era preto como a noite e quase se camuflava ao crepúsculo; os olhos raivosos eram azuis como o céu mais limpo e as garras afiadas e longas como lâminas de aço, mas muito mais afiadas que tal metal ou mesmo diamante.

— Recuem! -Mart gritou sem desespero algum, apenas firmeza na voz, saltou e logo outro lobo também emergiu nas sombras.

A forma de Mart era quase duas vezes maior que a de Luccos, mas a ferocidade deste segundo superava qualquer coisa. Ele estava descontrolado e não pensava mais em proteger seus companheiros, que foram arrastados para longe da fera sem controle. Mart segurava-o como podia, mas quando prendia suas patas, ele tentava morder-lhe o pescoço ou usar qualquer parte do seu corpo para ferir o lobo maior.

Num ímpeto de força e habilidade, Mart o jogou pra longe e impulsionou o corpo num salto poderoso, acertando Luccos com as costas da mão para que suas garras não fatiassem a cabeça do mais novo. Isso o atordoou, mas não foi suficiente para deixá-lo inconsciente.

Quando o lobo descontrolado já estava prestes a pular na garganta de Mart e dar a todos a certeza de que seria um combate mortal, uma voz firme e feminina ecoou divinamente de algum lugar que ninguém prestou atenção.

— Basta!

Todo e qualquer movimento foi cessado e dezenove corpos amoleceram sobre o comando daquela voz suave, melodiosa, que parecia vir diretamente de uma deusa.

Uma deusa que obedeceriam de qualquer maneira, mesmo que precisassem matar.

— Larguem suas armas e sentem-se.

Dezenove corpos, mesmo os dos dois lobos imensos, sentaram-se no chão de barro e apenas um ficou de pé.

O suave e curvilíneo corpo de Nif.

…

— O que é que você tava’ pensando, sua maldita? Em morrer? -Lyse gritava e gritava e nenhum dos homens queria mais escutar aquela irritante.

— Lys, cale a boca, meus ouvidos já estão doendo!

Ela realmente se calou, mas não por qualquer sentimento digno, apenas pela surpresa de ouvir sua melhor amiga sendo tão… Ela não sabia, mas não gostava nem um pouco da nova Nif, tão independente e autoritária.

— Quem você pensa que é pra falar assim comigo, sua pirralha? Crescemos juntas e só depois de encontrar um bando de lobos cheios de músculos você resolveu ser o centro das atenções?

Agora os homens estavam desconfortáveis por ouvir a discussão das duas mulheres. Concordemos: era um momento constrangedor para ser um lobo cuja audição não podia ser contida em tão curta distância.

— E você? Depois que perdeu o controle sobre mim está mostrando suas garras, não é? Não sou mais seu bichinho, Lyse, você não tem mais ninguém pra proteger agora, vá encontrar outra forma de se tornar útil!

As lágrimas nos olhos de Lyse fizeram o coração mais duro amolecer.

Acontecem muitas coisas quando afastamos as pessoas de seus ambientes familiares, cujas vidas foram exclusivamente vividas de uma forma e as colocamos no meio de algo que contraria suas visões do mundo; uma delas é aprender mais sobre si mesmo, o que acontecia com aquelas duas mulheres no meio daqueles lobos todos.

Nif viveu retraída e sem expressão própria, falando pelas palavras de qualquer um que fosse aceitável perante a visão alheia porque ela mesma não era.

Lyse viveu protegendo-a de todos os olhares tortos e isso deu sentido e motivação ao seu instinto guerreiro, proteger alguém que parecia mais fraco que ela para proteger também o seu orgulho.

Mas ali não havia olhares tortos ou alguém que precisasse ser protegido, o que quebrava o elo e o pacto silencioso das duas. Ali era onde Nif tinha escolhido ficar e ela, estúpida, achara que precisava cuidar de sua amiga e lá estava… Dias ou semanas, ela nem contava mais, cuidando de assuntos e ferimentos de lobos.

— Nunca te vi como um bichinho. -Lyse disse baixo, traindo em sua voz a incerteza da afirmação.

— Viu sim, todos viram, ninguém nunca me olhou como se eu pudesse fazer mal a alguém, por isso me protegia tanto, porque se aproveitavam da mais fraca, mas está aí uma coisa que você não sabia sobre mim, Lyse: meu Controle é mais forte do que o seu e da Catrina juntas.

A surpresa no olhar da outra não apareceu porque ela sabia que era verdade. Ela vira dezenove seres de raças distintas ajoelharem-se perante o poder de Nif e isso lhe *assustou*.

— Isso é motivo para agir como se não precisasse mais de mim? Acaso só me tratava bem pra me manter por perto e agora mostra quem realmente é?

Os batimentos de Nif aceleraram e Lyse percebeu isso, graças ao pouco sangue que corria nas veias da albina e que qualquer vampiro poderia perceber circulando mais rápido.

— N-não… Eu…

Lyse não quis mais ouvir, já era o bastante. Deu meia-volta e afastou-se o quanto pôde da mulher albina que mostrava o primeiro sinal de fraqueza desde o início da briga: lágrimas banhavam seu rosto pálido abundantemente.

…

As pálpebras do jovem lobo tremiam alucinadas em alguns momentos e espasmos de dor sacudiam seu corpo em outros. Mart observava tudo e apenas tirava poucas conclusões daquilo.

— Ele não acordou ainda? -Lyse jogava a aba da tenda de pano para o lado com raiva, franzindo as sobrancelhas numa careta que deixava clara sua irritação.

— Não, está ferido demais.

Os hematomas no corpo pálido de Luccos não eram da luta com Mart, eram de sua transformação, quando os ossos se alinharam e cresceram, expandindo a pele de uma forma muito dolorosa, como ser rasgado de dentro pra fora.

— Isso sempre acontece? -sentou-se ao lado do corpo inconsciente, avaliando os estragos com seus poucos, mas muito efetivos, conhecimentos em medicina.

— Não com lobos que já comeram. -ela o encarou sem entender- Em algum momento do início da vida, eles precisam provar a carne de algum ser para tomar controle da sua consciência animal, mas esse aí é muito estranho.

As sobrancelhas dela agora mostravam dúvida.

— Estranho como? Alguma coisa muito diferente do habitual?

— Como eu posso dizer? -ele deu alguns passos pensativos- Esse garoto tem cicatrizes por todo o corpo e um lobo normal não teria essa… Esse cheiro estranho vindo dele, como se fosse magia negra ou algo assim.

— Magia negra?!

Ela levantou rápido.

— Não, é uma sensação tão detectável quanto magia negra. Tem cheiro e cor, mas não sei que diabos é, só sei que esse garoto está sofrendo e não vai parar até comer.

Como que apenas para responder às suas palavras, os olhos de Luccos começaram a abrir devagar.

— Onde é que eu tô? -ao ver os dois estranhos, alarmou-se, mas a dor no corpo não deixou que se movesse mais que alguns centímetros- Quem são vocês?

Lyse riu.

— Bom dia, Sr. Controlado, você nos deu um trabalho ontem, viu’? -ela se referia aos lupinos que teve de tratar por causa das garras de Luccos.

Mart o observava silenciosamente, tomado de uma estranha afeição por aquele jovem que parecia carregar o peso do mundo em seus ombros.

— Meus companheiros… -grunhiu entre acessos de tosse- Precisam completar a viagem deles, rápido.

— Mas eles vão. -Mart disse- E você fica aqui até estar melhor.

De súbito, Lyse levantou e uma ideia brilhou em sua mente conturbada, amenizando a dor do coração magoado.

— Eu acompanho ele quando estiver melhor, Mart, parece que a viagem é urgente e não podemos deixar os assuntos dos três para muito tarde.

O líder daquela matilha apenas acenou uma vez e solenemente com a cabeça, voltando a encarar Luccos.

— Agora nos conte sua história, filho.

...

Os dias passaram arrastando-se, tão lentos quanto a cura das cicatrizes de Luccos, ainda úmidas de sangue.

Mart insistiu na história de que Luccos precisava comer, mas como exigir um comportamento animalesco de um ser que ainda agia como o humano que nunca mais seria? Esse detalhe ele não conseguiu contar aos novos companheiros, por mais que o calor dos momentos que tenha passado com eles tenha feito uma chama mínima de amizade surgir. Luccos aceitou que Lyse participasse da pequena comitiva e os levasse até onde pretendiam, sob o pretexto de aprender mais com ela.

Behedit e Eric também tinham se adequado ao bando e conseguiam conversar amigavelmente com a maioria dos lobos. É claro que, em uma raça austera como os lupinos, ainda havia aqueles que não aceitavam as outras raças, independente de quão boas parecessem. Ainda assim, não havia problemas maiores na convivência do grupo.

— Eu andei pensando muito sobre isso... –Luccos falava baixo, era tarde da madrugada, quase manhã, os lupinos tinham acabado de deitar- E não sei se é uma boa ideia continuarmos andando ao encontro de dezenas de magos negros, nesse momento em que qualquer cego pode ver uma guerra se aproximando.

As notícias não tardaram a chegar aos quatro cantos de Serith, como era se esperar e caso esteja se perguntando. Talvez apenas os mortos não estivessem inquietos, mas toda e qualquer criatura viva que conseguisse raciocinar estava apreensiva, temerosa dos novos rumos que sua vida pudesse tomar.

A autora

Daiana S. Araujo é paraibana, licenciada em Letras pelo Instituto Federal da Paraíba.